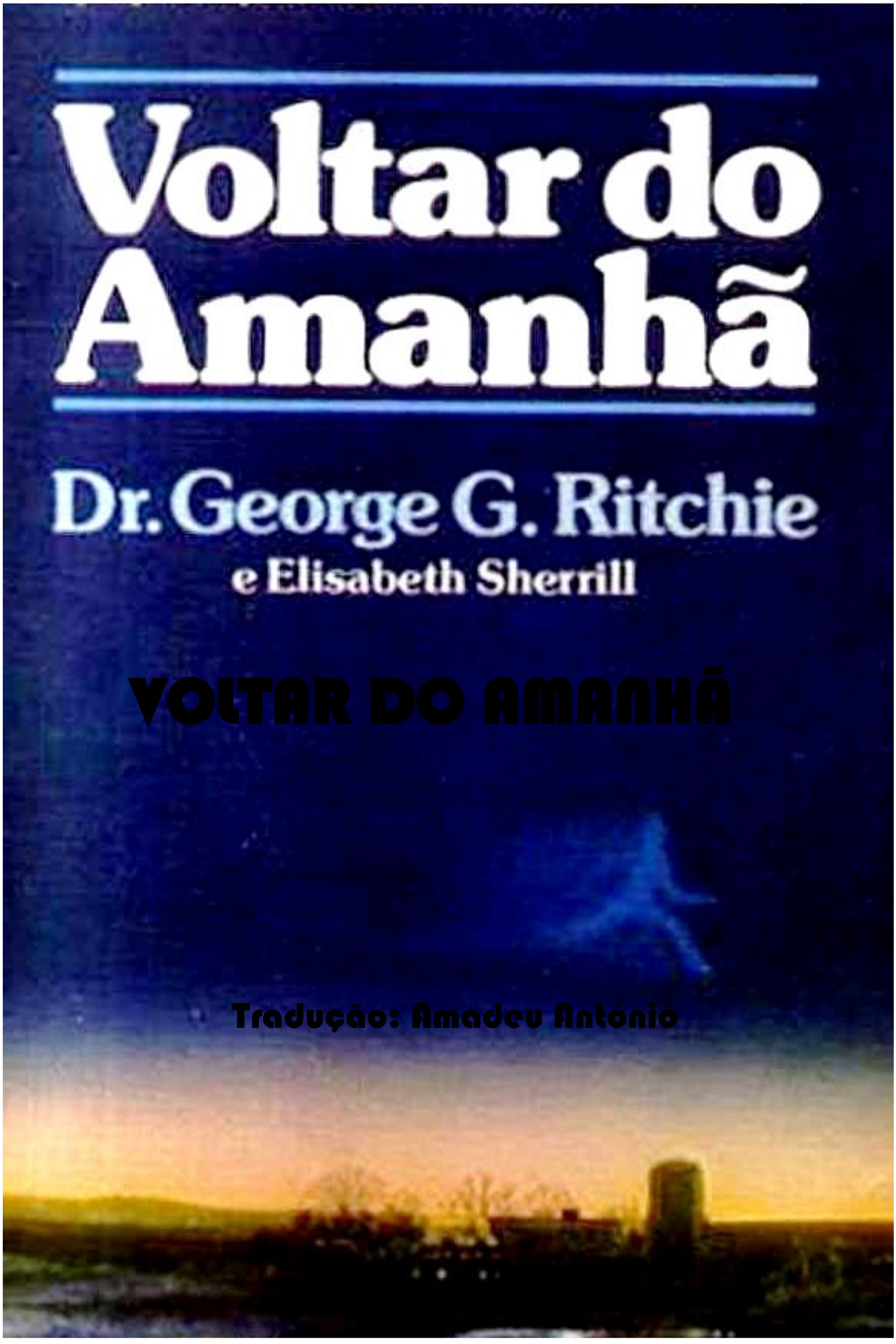
Voltar do Amanhã

Dr. George G. Ritchie
e Elisabeth Sherrill

VOLTAR DO AMANHÃ



Tradução: Amadeu António

APRESENTAÇÃO

Considerando-se a história e o desenvolvimento da Filosofia, pode-se caracterizá-la como uma obsessão a propósito da morte. A morte, aliás, nunca deixou de ser uma profunda e fundamental preocupação dos filósofos. Assim, não é surpreendente que eu tenha ficado intrigado quando, aos 21 anos, como estudante que ainda não me licenciara em Filosofia, soube do caso de um homem, dado como clinicamente "morto," que passara por uma experiência incrível e vivera para narrá-la.

Como se isso não bastasse, o homem era um médico respeitável, por essa altura um psiquiatra residente, já com uma bagagem de catorze anos como clínico geral. E estava ansioso por compartilhar a sua história. Quando surgiu uma oportunidade de o ouvir, aproveitei a ocasião, fiquei profundamente impressionado e "arquivei" tudo mentalmente. Mais tarde, ouvindo outros relatos similares, comecei a investigar experiências de quase-morte.

O nome do psiquiatra é GEORGE RITCHIE, que agora tornou pública a sua experiência: o relato de um dos três ou quatro mais fantásticos e bem documentados casos de "morte" que conheço. Mesmo considerada isoladamente, a história do Dr. RITCHIE é surpreendente, ainda mais quando se compreende e leva em conta as centenas e centenas de pessoas que mantiveram íntimos contactos com a morte, e deles fizeram narrativas notavelmente semelhantes.

Para muitos, permanecerá a pergunta: GEORGE RITCHIE esteve realmente morto? E estiveram-no as muitas outras pessoas que se viram em idênticas circunstâncias?... Em termos amplos, se a morte se define como um estado peculiar do corpo, do qual nenhuma — definição bastante razoável — conclui-se que nenhuma dessas pessoas estava morta.

Entretanto, a matéria dos últimos critérios de tanatodiagnose está, no sentido clínico e mesmo atualmente posta de lado, sem grande cabimento na própria Medicina. Pela minha parte, estou disposto a aceitar que independentemente do estado que o Dr. RITCHIE e alguns outros chegaram mais perto, muito mais perto desse estado do que a grande maioria dos seus companheiros viventes, seres humanos iguais a eles. E, só por essa razão, estou ansioso por ouvir o que têm a dizer.

Uma outra pergunta que frequentemente aparece em relação a essas experiências refere-se ao tipo de efeitos que elas geram na vida daqueles que as atravessam. Serão visíveis, pelo teor da própria narrativa do Dr. RITCHIE, as vastíssimas na realidade, centrais consequências determinantes da sua vida atual. Infelizmente, só os que o conhecem como amigo podem verdadeiramente sentir a profundidade de benevolência, compreensão e amor ao próximo que caracterizam esse homem notável.

Com estas observações, deixem que me afaste do caminho e os apresente ao meu amigo George. Espero que, através deste livro, venham a amá-lo como eu e a minha família o amamos.

Dr. RAYMOND A. MOODY, JR.

Autor de "Vida depois da vida"

1

Cheguei cedo ao meu consultório para poder estar alguns minutos sozinho como tanto gostava antes de chegar o meu primeiro doente. Observei a sala ainda na penumbra a secretária, as cadeiras confortáveis, o sofá amarelo junto da janela. Senti que a prática da psiquiatria me enchia de profunda satisfação. No decorrer dos treze anos de prática clínica tivera frequentemente a sensação de que lidava apenas com partes de uma pessoa, observando mais os sintomas da doença do que a própria doença.

No "Memorial Hospital," em Richmond, Virgínia, onde tinha estagiado, não havia tempo para conhecer os doentes como pessoas, o que, aliás, é vulgar em todos os grandes hospitais hoje em dia. Não havia tempo para se fazer uma ideia do que estava por trás das perguntas que faziam no gabinete de consulta.

Voltei depois à escola, quando já estava na casa dos quarenta. Não tinha sido fácil pedir à minha mulher para deixar Richmond e mudar-se para Charlottesville; não tinha sido mesmo nada fácil tirar as crianças da escola a que estavam tão habituadas, desistir da minha posição de presidente da Academia de Clínica Geral de Richmond e voltar de novo ao estudo e universidade. Apesar disso, durante a dúzia de anos que se seguiram àquela decisão, muitas vezes me senti feliz por a ter tomado, e nunca tanto como nesse momento calmo, ao iniciar o dia de trabalho.

Com um gesto rápido abri a agenda sobre a secretária e percorri a lista de nomes marcados para a consulta do dia. Mildred Brown, Peter Jones, Jane Martin. Aí o meu dedo parou. A primeira consulta depois do almoço estava marcada para Fred Owen. Não me tinha lembrado de que ele, ainda na véspera, tinha saído da Clínica da Universidade. O médico de Fred, na semana anterior, tinha-me comunicado por telefone o seu relatório: "Carcinoma do pulmão com metástase para o cérebro," mas eu já sabia disso. Fred estava às portas da morte com cancro no pulmão.

Desde setembro que eu suspeitava disso, havia, portanto, cinco meses, logo da primeira vez que ele me procurara com sintomas de depressão aguda. A depressão, a tosse seca, o fumar ininterrupto durante as sessões tudo isso me tinha posto de sobreaviso. Tanto assim que lhe marquei uma hora para fazer um exame clínico completo no Hospital-Escolar da Universidade de Virgínia, aqui em Charlottesville.

Parece que Fred não compareceu a esse exame. Três semanas depois, como as minhas suspeitas se tivessem fortalecido, examinei-o aqui mesmo nesta sala. Claro que não dispunha de equipamento adequado mas ouvira o suficiente com o estetoscópio. Desde então, ele tem estado no Hospital da Universidade submetendo-se a uma série de exames e conferências médicas. Isto, porém, mais por consideração por ele e no seu interesse, do que por existir qualquer dúvida.

E hoje, às 13 horas, ele iria estar aqui de novo. Como poderia eu ajudá-lo perante o facto terrível que era a certeza da sua própria morte? Ao longo dos meses em que tinha caminhado para o consultório ele dera tantos passos importantes... mas havia ainda um longo caminho a percorrer. O que ele precisava desesperadamente era de tempo. E tempo era precisamente o que já se tinha esgotado.

Além de que esse cancro inoperável, ao surgir mês mo nesta altura — ele tinha quarenta e poucos anos — parecer-lhe-ia a própria negação dos progressos que fizera. No seu caso, o cancro iria provar em absoluto o que a sua neurose sempre quisera ver provado: que o mundo e todas as pessoas haviam conspirado contra ele, desde que nascera. E o problema é que ele não estava totalmente errado.

Fred só tinha conhecido relações doentias: desde uma mãe que o renegara, passando por uma série de lares adotivos instáveis, até uma série de patrões que o haviam explorado, para culminar num casamento desastroso. O nosso objetivo era desenvolver relações mais sãs. Ao nascerem os primeiros sinais de confiança em mim, ele estava — pela primeira vez na vida a dar a mão a uma amizade verdadeira. E agora estava à morte! Verificara-se a traição suprema, a prova decisiva de que, desde o início, toda a gente havia jogado contra ele.

Naquela manhã, no decurso das outras consultas, a minha mente tinha estado constantemente ocupada com Fred. A hora do almoço pedi uma sanduíche e comia sentado à secretária, não fosse ele chegar mais cedo. Mas... 13h e nada 13.15h e nem sombra de Fred... Acabou por chegar às 13.35, a primeira vez em cinco meses que se atrasara para a sessão.

"Não lhe vou poder pagar", disse, ainda antes de se sentar. "Deixei o emprego esta manhã. Disse àqueles sovinas exatamente o que pensava deles! Queriam que eu ficasse até arranjarem um substituto, mas por que diabo havia eu de lhes fazer a vontade?"

"Quatro meses foi o máximo que os médicos me deram!" continuou, deixando-se cair na poltrona e soltando o que talvez desejasse ter sido uma risada. "Tem piada, não tem, doutor? Toda essa escavação no passado para que eu pudesse melhorar no futuro só que, agora,

não vai sequer haver futuro! Resolvi os assuntos com a minha mãe, arrumei os problemas com a minha mulher — e agora? Foi tudo uma grande perda de tempo, não acha?"

"Pelo contrário", disse-lhe eu. "Isso é agora mais urgente do que nunca. O seu futuro, mais do que possa imaginar, depende da rapidez com que você resolva os problemas que existem entre vós".

Olhou frontalmente para mim... o seu olhar ferido custava a encarar. "O meu futuro?", disse, com voz sumida. "Acabo de lhe dizer que eles me dão quatro meses, o que, provavelmente, significa quatro semanas, porque os médicos mentem, como qualquer outra pessoa. Com franqueza, não acho que valha a pena!"

"Não estou a falar de quatro meses nem de quatro semanas, nem de quarenta anos. Estou a falar sobre o futuro que não tem medida".

Vi, então, que os olhos de Fred se abriam desmesuradamente, e isso deu-me a sensação de que uma porta me tinha batido na cara. "Você está a falar de... paraíso e inferno, e coisas assim? Deixe-se disso, doutor!"

Ele tentava manter o tom mefistofélico, mas vi, nitidamente, que o tinha aborrecido. O nosso relacionamento tinha sido construído devagar, ao longo de semanas, com base no compromisso de que eu "não faria batota" com ele. Isso era de vital importância; Fred comentava frequentemente que eu era a primeira pessoa que não tentara iludi-lo.

"Nunca pensei, lidando com tanta gente, que fosse ouvir essa conversa precisamente da sua boca. Se eu quisesse ouvir baboseiras sobre a morte não ser o fim, e coisas quejandas, teria ido procurar um padre. Se você lhes der uma boa esmola, eles prometem-lhe asas e harpa e tudo o que você quiser."

Respirei fundo à procura das palavras adequadas ou, pelo menos, das que não fossem erradas. Conhecia o bastante da história de Fred para saber que qualquer coisa que se parecesse com uma sugestão religiosa era para ele um anátema. O mais cruel dos seus três pares de pais adotivos tinha sido um casal piedoso, frequentador de igrejas, que acreditava poder espancar o menino distraído e soturno.

"Nada sei sobre harpas e asas", disse-lhe eu. "Só lhe posso contar o que eu próprio observei depois..."

Fiz uma pausa, com receio da palavra perigosa que poderia derrubar a ponte de confiança construída entre nós. "Depois de ter morrido" — era o que eu tinha começado a dizer. Todavia, estava diante de mim um homem, a quem frequentemente tinham mentido. Como poderia eu partilhar com ele esse ponto nevrálgico da minha vida, sem parecer o maior mentiroso de todos? Hesitante, comecei:

"Fred, já me aconteceu um dia os médicos terem desistido também de mim, achando que eu era um caso perdido. Fui declarado morto, com lençol sobre a cabeça e tudo. O facto de, após dez minutos, ter sido trazido de novo à vida para passar mais não sei quanto tempo sobre esta terra, é para mim um simples parêntese numa história muito maior. E, Fred... é essa longa história que gostaria de lhe contar."

Fred puxou de um maço de cigarros, e, com a mão trémula, acendeu um.

"Você está a pedir-me que acredite que deu uma espreitadela para algum tipo de vida futura? Não interessa se esta vida é uma porcaria, porque a outra é que vai ser boa... É isso o que você vai dizer, não é?"

"Não lhe peço que acredite seja no que for. Estou simplesmente a contar-lhe aquilo em que acredito. E não faço a mínima ideia de como vai ser a outra vida. O que quer que eu tenha visto, foi, digamos, da porta de entrada. Mas foi o bastante para me convencer de duas coisas: a primeira é que a nossa consciência não acaba com a morte física; e que, na realidade, fica mais apurada e consciente de si do que antes. A segunda é que o modo como empregarmos o nosso tempo e o tipo de afinidades que construirmos na Terra é muitíssimo, diria até, infinitamente mais importante do que podemos supor."

Durante algum tempo Fred estivera demasiado aborrecido comigo para me olhar cara a cara. E, de repente, perguntou-me com os olhos fixos no papel da parede castanho e verde:

"Já que você estava tão doente como diz, como é que sabia que não estava a delirar?"

"Fred, porque essa experiência foi a coisa mais completamente real que se passou comigo. E também porque, desde essa altura, tive oportunidade de estudar sonhos e alucinações. Tratei de doentes com alucinações. Simplesmente, não existe qualquer semelhança."

"Quer dizer que você acredita sinceramente que continuamos a ser... nós mesmos? Que continuamos a ser nós mesmos depois?"

"Apostaria a minha vida. Tudo o que fiz nos últimos trinta anos, licenciar-me em Medicina, especializar-me em Psiquiatria, e todas as horas de trabalho voluntário com jovens todas as semanas tudo se reporta àquela experiência. Não creio que o delírio possa fazer isso, condicionar toda a vida de um homem."

"Na verdade, o delírio não conseguiria isso", concordou. "Mas... e se tivesse sido uma simples ilusão momentânea? Suponha que... você tinha estado enganado este tempo todo?"

"Percebo, imagine que você esteve doido, não é o que quer dizer?"

Sorri, mas tratava-se, no fundo, de uma pergunta válida, legítima. De todos os mortais, os loucos são os que se acham mais plausíveis a si próprios.

"É uma pergunta difícil de responder, Fred. Não creio que qualquer um de nós possa ter sempre a certeza de estar a ser coerente. Tenho, porém, uma razão para esperar que o que digo tenha sentido, e essa razão é o verdadeiro interrogatório a que fui submetido na Universidade de Virgínia para poder entrar na especialidade de Psiquiatria. Tive de enfrentar todo o pessoal superior do hospital, um por um, responder a todo o tipo de perguntas.

E isso porque a experiência por que passei — a experiência da morte e do que acontece a seguir — foi tão decisiva para tudo aquilo em que eu acreditava, que achei que eles tinham um certo direito a saber o que se passara. Por isso lhes contei. Lá o que os eminentes doutores deduziram, não sei... Mas depois de terem escutado tudo quanto eu tinha a dizer, julgaram-me todos são e emocionalmente equilibrado."

"O que prova que os médicos são malucos!", disse Fred.

Mas já sorria, o primeiro sorriso desde que tinha entrado. Eu sabia que, quaisquer que fossem as suas dúvidas, estava, pelo menos, disposto a ouvir-me.

A história era demasiado longa para ser contada em uma ou mesmo duas consultas, mas senti que, fosse qual fosse o tempo que levasse, valeria a pena fazê-lo. Sendo Fred o tipo de pessoa que era, eu sabia não ser aconselhável começar pela minha interpretação pessoal do facto. Era necessário que ele escutasse, pormenor por pormenor, tudo como acontecera, para depois formar a sua própria opinião.

"Não tentarei levá-lo a qualquer conclusão, Fred. Vou só descrever, fase por fase, o que se passou, desde que dei entrada naquele hospital militar. Se, mais tarde, você quiser discutir sobre o que isso, porventura, significa para si ou para mim — estou pronto a fazê-lo." "Hospital militar?" perguntou Fred. E acrescentou: "Isso foi durante a 2a Guerra Mundial, não foi? Você quer dizer que... levou um tiro?"

"Foi durante a guerra, Fred... mas não foi nenhuma bala".

Sorri, recordando com tristeza... "Foi o clima do Oeste do Texas..."

2

Fechei os olhos, recordando-me da longa viagem efetuada trinta e dois anos antes, da Virgínia a Abilene no Texas, com centenas de recrutas, muitos deles como eu saídos de casa pela primeira vez. Eu nascera e fora criado em Richmond e lembro-me bem do meu espanto ao constatar que havia no mundo lugares sem árvores.

E comecei a narrativa...

"Estávamos no fim de setembro de 1943. Eu ia a caminho do Campo Barkeley, no Texas, para a instrução básica. Tinha, então, vinte anos de idade, era alto, mais magro, o tipo do rapaz atraente daquela época, cheio de idealismo a respeito de vencer a guerra e destruir os nazis.

A única coisa que eu era incapaz de combater era a poeira. Na estação ferroviária de Abilene fomos metidos em camiões que se dirigiram ao Campo, situado a muitas milhas de distância. A poeira era levantada com tanta força que nada pudemos ver durante o percurso. Sabia que o Campo de Barkeley tinha que ser gigantesco dizia-se que estavam a treinar 250.000 homens mas só ao fim de vários dias a poeira assentou o suficiente para permitir uma visão de conjunto: era uma cidade de barracas de madeira, que se estendia pelo deserto.

Durante as tempestades de pó, tínhamos de ir para os exercícios com óculos de proteção e, mesmo assim, éramos forçados a ter sempre uma das mãos sobre o ombro de quem ia à frente; caso contrário esbarraríamos uns nos outros. A chuva começava em novembro e toda aquela poeirada se transformava então em lama. Mas o vento secava tudo e toda a gente levava com o pó na cara. Diziam que era o único sítio da Terra em que se podia marchar com lama até aos joelhos e poeira nos olhos.

Como se não bastasse, o frio apertava terrivelmente em dezembro, fazia mais frio do que eu alguma vez tinha sentido, em Richmond. No dia 10 de dezembro sentámo-nos no chão durante duas horas fazia 10 graus negativos enquanto um jovem tenente nos ensinava a maneira correta de limpar o equipamento. Naquela noite, todo o nosso pelotão tossiu.

Na manhã seguinte, a minha garganta ainda doía e passei ao 'estaleiro'. Estava certamente com febre, embora não fosse uma febre muito alta, devia andar pelos 38,8°. Mesmo assim, veio um jeep buscar-me para me levar para o hospital da base.

O hospital tinha aproximadamente cinco mil camas e consistia em mais de duzentas construções de madeira, baixas, e todas cheias de corredores. Como eu estava com febre, a enfermeira de serviço mandou-me para a ala de isolamento, que tinha salas com vinte e quatro camas, um consultório médico, uma sala para o pessoal de enfermagem e, do lado por onde se entrava, uma divisão que servia de armazém; do outro, três cubículos com apenas uma cama, onde se alojavam os doentes mais graves. Como eu estava apenas ligeiramente febril fui instalado na ala principal.

A única coisa que, de facto, me preocupava, era que no dia 18 de dezembro e estávamos a 11 — eu devia tomar o comboio de regresso à Virgínia. Tinha conseguido, simplesmente, a maior oportunidade que um soldado raso, de vinte e um anos, podia esperar do Exército dos Estados Unidos e não ia perdê-la por causa de uma estúpida constipação! Iria

começar a frequentar as aulas na Escola Médica da Virgínia em 22 de dezembro, na minha cidade natal, Richmond. Iria ser médico, sob os auspícios do Programa de Formação Especial do Exército.

O espanto que isso me causara mantinha-me acordado de noite, pensando se seria mesmo verdade. Foi logo depois do Dia de Ação de Graças que me mandaram chamar ao campo de exercícios para enfrentar uma sala cheia de majores e coronéis até mesmo dois brigadeiros. Eu tinha a impressão de que se tratava de um tribunal marcial e tentava recordar, evocando cenas de filmes, se me dariam oportunidade de telefonar a meus pais, ou se me levavam para fora e me fuzilavam.

Com os joelhos a tremer fiquei em posição de sentido, enquanto me metralhavam com perguntas. Era verdade que eu tinha concluído os preparatórios na Universidade de Richmond? Era verdade que tinha sido admitido na Escola Médica da Virgínia? Por que razão me tinha alistado no Exército, se os estudantes de Medicina eram automaticamente dispensados da incorporação?

Um dos oficiais lá se resolveu, por fim, a dar explicações. No Inverno de 1943 o Exército tinha falta de médicos. Todos sabiam que a grande invasão dos aliados, na Europa, ia dar-se em qualquer momento do ano seguinte. Quanto tempo mais duraria a guerra? Cinco anos? Seis?... Eles precisavam de médicos, com urgência, e o meio mais rápido de os conseguir era, obviamente, localizar soldados que tivessem tido qualquer prática anteriormente.

Sim, disse-lhes, com grande alívio, eu terminara os preparatórios de Medicina no Verão anterior, com dezanove anos, completando em dois anos o curso que durava quatro. E era verdade, a minha inscrição na Escola Médica da Virgínia tinha sido aceite. Quanto à minha decisão de alistar-me no Exército... era uma questão pessoal, mas todos aqueles oficiais estavam a olhar para mim, à espera de uma resposta.

Disse-lhes, então, que tinha sido por causa de meu pai, devido à sua convocação para o serviço militar. Ficaram com os olhos fixos em mim, à espera que lhes contasse a história toda, o que me decidi a fazer. Expliquei que o meu pai era um perito em carvão, trabalhava na Companhia de Caminhos de Ferro X, passava a vida a viajar para contactar os seus grandes clientes, a quem mostrava como se construíam fornalhas eficientes, e assim por diante.

Quando rebentou a guerra, a Companhia cedeu o meu pai ao Governo Federal e ele partiu para uma inspeção nacional às instalações de construção de complexos de energia a partir do carvão, em bases militares. Quando se começou a pensar na invasão da Europa, ele foi nomeado para uma comissão de serviço no Exército, e foi designado para integrar um grupo encarregado do armazenamento de combustível para o Dia D.

Eis, portanto, o meu pai, já para além da idade do recrutamento, disposto a atravessar os mares e a seguir as primeiras tropas até ao Continente, para instalar depósitos de combustível. E eu, aos vinte anos, na escola, como se nada tivesse acontecido. Essa era a razão por que me alistara voluntariamente e fora enviado para o Campo Barkeley no Texas.

Eu não disse isto aos oficiais, mas a verdade é que algumas semanas na poeira e na lama tinham alterado a minha maneira de pensar a respeito da falta que faria nesta guerra um soldado de infantaria. E enquanto eu sentia na carne o pouco que significava, chegara a notícia de que iria para a Escola Médica, por iniciativa, precisamente, do Exército!

Continuei a olhar para o teto de madeira da ala de isolamento, metido no pijama branco e acolchoado que a tropa fornecia, sentindo-me bastante satisfeito pelo modo como as coisas se estavam a passar. Suponho que, se eu fosse religioso, teria dito que Deus me proporcionara tudo aquilo. Mas tal coisa nem me passou pela ideia. É claro que, em casa, eu ia à igreja, mas isso não tinha significado grande coisa para mim.

Observar, sim, isso é que era importante. Eu era escuteiro, desde os doze anos, tendo subido gradualmente de posto, de lobinho a chefe, e, no último Verão, fora até nomeado assistente nível 1 do Grande Chefe. Assim, tinha naturalmente a tendência para pensar em termos de honra, pontos, promoções, etc. Assim, o alistamento voluntário no Exército era quase um ponto de uma espécie de boa ação e o facto de ser enviado para a Escola Médica, surgia como uma espécie de recompensa.

Era assim que a vida funcionava. Tomemos a Medicina como exemplo. Toda a minha vida eu tinha desejado ser médico, muito antes de ter idade suficiente para pensar em ganhar a vida. Descobri, então, no liceu, que os médicos podiam ganhar muito, e, ao mesmo tempo, ajudar as pessoas. Aqui, porém, não se discutia esse mérito para ganhar os prémios. Eles vinham como resultado do que devia ser corretamente executado.

A enfermeira do Exército parou junto à minha cama e sacudiu o termómetro. Pu-lo debaixo da língua, à espera, no mínimo, de boas notícias. Estávamos em 15 de dezembro e eu já estava internado naquele pavilhão havia quatro dias, sem quaisquer melhoras. Preocupava-me era o embarque a 18 naquele comboio. Eu sabia que mesmo depois de passada a febre ainda tinha de ficar uns dias no pavilhão de recuperação.

A enfermeira leu a temperatura e registou-a na papeleta.

"Tenho muita pena, mas continua com 38,80", disse ela, parecendo realmente consternada. Eu tinha-lhe contado a grande oportunidade conseguida; ela e o resto do pessoal pareciam sinceramente preocupados.

Insisti com eles para que me arranjassem um guia de horários de comboios, que guardei na mesinha de cabeceira, junto da garrafa, do copo

de água, do escarrador e da luz de vigília. Aqueles horários eram a minha ligação com o mundo exterior, no meio de todo aquele equipamento hospitalar. Se, por azar, eu ainda estivesse aqui no dia 18, estudaria todas as rotas de comboio até Virgínia para descobrir uma maneira de chegar a Richmond, no começo das aulas, a 22. Se eu não aparecesse, perderia essa oportunidade, pois sabia haver uma dúzia de soldados prontos para tomar o meu lugar. Mesmo que, por algum milagre, me cativassem a vaga, se eu chegasse depois do começo das aulas, as minhas possibilidades de alcançar a turma eram mais ou menos iguais a zero.

Este era um dos programas do Serviço Militar em que a concorrência era maior. Tinham-me avisado que um terço da turma havia sido reprovado nos primeiros nove meses.

Engoli o comprimido que a enfermeira deixara dentro de um copo de papel e voltei ao meu reconfortante filosofismo. Eu sabia, precisamente, qual a razão por que, desde sempre, desejara ser médico. Não era o dinheiro, mas a possibilidade de ajudar o avô Dabney.

Era o pai da minha mãe. Fechando os olhos eu conseguia ver distintamente os seus olhos azuis e o bigode branco e áspero. Os Dabney eram emigrantes franceses que se haviam estabelecido na Virgínia durante o séc. XVIII, numa região que ainda conserva o sotaque que lhes era característico.

Ele e a minha avó Dabney eram mais pais do que avós para mim e para a minha irmã mais velha. A nossa mãe falecera um mês depois de eu ter nascido e o trabalho do meu pai, na Companhia X, exigia que viajasse muito. Assim, os nossos avós levaram-nos, a mim e a Mary Jane, para "Moss Side", a grande casa de pedra situada no que eram, então, os limites de Richmond.

Era um lugar maravilhoso para se criar uma criança. Havia enormes cadeiras de vime na ampla varanda e velhos carvalhos em toda a zona. A minha avó tinha galinhas e uma vaca, que pastava no relvado, até uma postura municipal o ter proibido. Era uma senhora pequena, à antiga, que tratava o marido por senhor Dabney e que preferia o velho fogão de lenha aos novos, a gás. Em miúdo, acordava todas as manhãs com o barulho do seu ralador de pão, na cozinha.

O avô Dabney era dono da maior sapataria do Sul. Na secção infantil, no segundo andar, havia um carrossel a pedal onde eu adorava brincar. Outras vezes, levava-me à estação de Acca, perto de nossa casa, para ver a mudança das locomotivas nos velhos comboios Richmond, Frederik e Potomac.

O outro membro da família era a senhora Williams, a enfermeira que tinha vindo comigo, do hospital onde eu nascera, criança prematura e doente, em cuja sobrevivência ninguém acreditava. O avô Dabney gostava de contar

que eu era tão miúdo, que tinha sido trazido para casa dentro de uma caixa de sapatos Florsheim.

A senhora Williams usava óculos com aro de prata e tinha um alto no nariz, no sítio onde o partira, pois a fratura tinha soldado mal. Colocou-me numa incubadora o que, em Richmond, era novidade, nessa altura — e acabou por ficar para tratar de Mary Jane e de mim.

Quando eu tinha sete anos, o meu pai voltou a casar. Mary Jane e eu fomos viver com ele e com a nossa madrasta numa pequena casa, em Brook Road. A senhora Williams foi trabalhar para outra pessoa. No entanto, eu ainda continuava a passar praticamente todos os fins de semana com os meus avós, em "Moss Side." Com o passar do tempo fui acompanhando a decadência do meu avô, que progressivamente se deformava e encurvava, por efeitos de uma doença que ninguém podia curar.

Chamavam-lhe artrite reumatóide. Quando eu era pequeno, o mal limitava-se às pernas. Ele andava de muletas. Depois, foi alastrando aos ombros e às mãos, e acabou por ter de viver numa cadeira de rodas. À medida que eu crescia, ia-o tirando da cadeira e colocava-o no carrinho ou na cama.

Não que ele, alguma vez, se tivesse queixado; era a pessoa mais resignada do mundo. Tanto que o médico chegava a levar outros pacientes de visita ao velho aleijado, para que ele lhes levantasse o moral. Porém, quando eu o levantava da cadeira ele encolhia-se todo e o rosto ficava pálido. Foi então que resolvi ser médico.

Já era tarde demais para fazer qualquer coisa pelo meu avô. Ele já morrera havia três anos, tinha eu dezassete. Lembro-me de que regressava de uma excursão, daquelas que os escuteiros costumavam fazer aos fins de semana, e de ter encontrado o Henry e a Bruce Gordon, meus irmãos, à janela da frente. Henry tinha apenas sete anos e Bruce oito, de modo que não se deviam aperceber do que se estava a passar. Reparei, no entanto, que tinham estado a chorar. Disseram-me que o pai, a mãe e a Mary Jane estavam para "Moss Side." O corpo do avô Dabney tinha sido exposto na sala de visitas.1

Eu tinha ficado parado na ombreira da porta da sala durante muito tempo, com uma certa relutância em entrar. O caixão de metal cinzento estava assente sobre cavaletes, perto do velho fonógrafo de Edison. Consegui, finalmente, atravessar a soleira e parei a olhar para o meu avô.

Aquela figura pálida e imóvel, não era, porém, o avô Dabney. Estava silencioso demais, muito pálido. Chocaram-me em especial as suas mãos. O maquilhador tinha esticado os dedos deformados, de forma a ficarem direitos sobre o cetim brilhante. As mãos do avô eram, para mim, mais

bonitas quando retorcidas. Aquelas mãos que eu via estavam muito lisas, pálidas como cera. Achei-as horríveis.

Embora eu nunca tivesse tido oportunidade de ajudar o meu avô, ele havia chamado a minha atenção para o sofrimento do mundo. E se, como eu agora estava a descobrir, um homem podia ganhar dinheiro evitando o sofrimento, tal significava que era essa a maravilhosa justiça, segundo a qual o Universo estava estruturado.

De facto, era engraçado... mal descobri o lado monetário de tudo, comecei a pensar em todas as coisas que gostaria de ter. Organizara uma lista avantajada, que começava por um Cadillac, uma piscina e um barco.

Almoçando como estava naquele amplo quarto, acabei por pôr de lado os sonhos de vida fina, para me concentrar no prato de estanho à minha frente. Mas, terminada a refeição regressaram os voos da imaginação. Calculei que, nesse urgente programa do Exército, eu viria a ser um dos mais jovens médicos a formar-se. E então... bem, era impossível que a guerra durasse para sempre!

Olhei para o anel da minha mão esquerda: o mocho dourado da Fraternidade Phi-Gama-Delta, incrustado na

É costume, nos Estados Unidos, haver um ritual funerário que inclui a maquilhagem do cadáver.

pedra de ónix preto, com as palavras "Universidade de Richmond, 1945", dispostos em semicírculo na base. Assim, como muitos da turma de 1945, aqui estava eu, em 1943, acabada a escola, e enfiado num uniforme. Se eu começasse a Escola Médica este mês e terminasse tudo dentro de três anos... bem, nessa altura, poderia vir a possuir aquele Cadillac.

Dia 16 de Dezembro. Peguei no monte de horários de comboio que estava na mesinha de cabeceira e, pela centésima vez, estudei-os cuidadosamente. Mas, não importava o que eu pensasse... não havia maneira de ir de Abilene, no Texas, até Richmond, na Virgínia, em menos de 30 horas. Eu teria até muita sorte se o conseguisse em 48 horas, já que vigorava o horário de guerra e o Natal estava à porta. Isso queria dizer que 19 de dezembro era mesmo a última hipótese para sair de Abilene. E agora, em vez de uma constipação, os médicos diagnosticavam uma gripe!

Inesperadamente, na manhã de 17 de dezembro, o mercúrio parou em 37°. A enfermeira de dia comunicou imediatamente o facto ao médico de serviço. Daí a pouco ele apareceu e disse:

"Vou acompanhá-lo à Recuperação." Pôs ao ombro a minha mochila e iniciou o caminho por um dédalo de corredores de madeira, comigo atrás dele, apressadamente, levando as minhas botas e o capote. Mal podia acreditar que esses homens e mulheres, todos oficiais, se dessem a tanto

trabalho por causa de um pobre soldado raso. O médico garantiu-me, porém, que, se a temperatura se mantivesse normal, ele apressaria o despacho dos papéis da alta e eu sairia no dia seguinte.

A enfermaria de recuperação para onde fui transferido era tal e qual como aquela donde tinha vindo: doze camas perpendiculares a cada parede, vinte e quatro cadeiras pintadas de branco, vinte e quatro mesinhas de cabeceira, cada uma com uma lâmpada e uma pequena luz de vigília.

Havia, igualmente, os três gabinetes por onde se entrava e os três cubículos particulares transversalmente a eles. Só que aqui, e dada a nossa situação de convalescentes, podíamos circular por outras instalações do imenso complexo hospitalar, como por exemplo, o posto de correios ou o cineteatro, que ficavam em outros edifícios ligados a este. Passei, no entanto, o dia sentado junto à minha cama. Lá fora nevava e eu não queria correr o risco de apanhar outra constipação nalgum corredor ventoso.

Fiquei a pensar no Natal e sobre como seria formidável voltar a Richmond. Tinha a certeza de que seria concedido aos soldados o feriado de Natal e, como Richmond era a cidade onde nascera, eu poderia estar com a família.

É claro que o meu pai estaria ausente, mas a minha mãe, não. Aliás, ela era a minha madrasta e, embora nem sempre tivéssemos tido boas relações, o facto de eu estar sentado dentro de uma caserna, num hospital de madeira, com a janela coberta de geada, levou-me a sentir saudades dela.

Poderia ser até que Mary Jane e seu marido viessem de Fort Belvoirn, na Virgínia. Eu sentia mesmo a falta de Mary Jane, e até de Henry e Bruce Gordon, de quem sentira ciúmes desde que nasceram. Agora que a minha madrasta tinha filhos mesmo dela, eu tinha a certeza de que não me ligaria tanto. Mas no Natal, bem... devia ser simplesmente "bestial" vê-los gritar pela escada abaixo.

A hora de apagar as luzes uma enfermeira atravessava a enfermaria de recuperação medindo as temperaturas e anotando-as num caderninho. Era rotina — faziam isso todo o dia, a intervalos regulares — e eu não desconfiei de nada, até um ordenança aparecer junto da minha cama, com a minha mochila e o equipamento debaixo do braço, dizendo:

"Temos de ir para o isolamento".

Olhei para ele. "O quê? Que quer você dizer?"

"Você está com febre. Tenho de o levar para a enfermaria de isolamento".

"Mas eu já não tenho febre! Vou sair amanhã!" Encolheu os ombros e foi procurar uma enfermeira. Desta vez eu mesmo li a temperatura: 39,5°.

Completamente arrasado, segui o soldado através de vários saguões e alojamentos idênticos aos dois em que estivera. Ainda esperava que ele me levasse outra vez para a enfermaria de onde, naquela manhã, eu viera e na qual toda a gente se interessava por mim. Mas, embora esta onde agora estávamos, parecesse exatamente igual àquela, vi depois de observar um momento — que não o era. O ordenança disse que havia tanta gripe no acampamento que todas as camas eram ocupadas mal vagavam.

Fui para a que me indicaram mas nem pensar em dormir! E agora?... O que ia eu fazer? O dia seguinte era o 18. Já não poderia apanhar aquele primeiro comboio... E se perdesse também o de 19?

Tossi, aflito, toda a noite. A minha tosse e a dos outros à minha volta, mantiveram-me acordado. Por que é que a minha febre tinha subido em flecha outra vez? Eu sabia, desde os Preparatórios, que uma gripe malcurada podia evoluir para pneumonia. O que se passava era que, nessas circunstâncias, ninguém podia fazer nada de positivo. Dizia-se que alguns médicos andavam a experimentar drogas pouco conhecidas; mas ainda não eram medicamentos de uso generalizado. Se o meu problema acabasse em pneumonia bem, quanto tempo teria eu de ali ficar!

Na manhã seguinte, contudo, dia 18 de dezembro, a febre baixou um pouco, não o suficiente para que eu pudesse voltar para a Recuperação, mas o bastante para se manterem acesas as minhas esperanças. Falei às novas enfermeiras do meu objetivo em Richmond; elas foram tão simpáticas como as outras. De noite, alguns membros do pessoal ficaram a discutir o meu problema, preocupados. Alguém descobriu, ao esquadrinhar os horários, um comboio que saía de Abilene na noite de 19, melhor, na madrugada de 20, às 4 da manhã. Com alguma sorte seria possível chegar a Richmond, mesmo sobre a hora.

"Eu poderia arranjar um jeep para o vir buscar aqui mesmo, ao hospital", disse um dos médicos.

"Se a sua temperatura continuar a baixar, levá-lo-emos de manhã para a Recuperação. Isso será no dia 19, de modo que, de lá mesmo, pode ir diretamente para a estação, amanhã à noite, sem ter de voltar a apresentar-se na sua Companhia."

E, grande maravilha, na manhã de 19, a minha temperatura voltou ao normal! O médico cumpriu a sua palavra e fui levado para uma enfermaria de recuperação, com armas e bagagens e com a requisição de um jeep para me vir ali buscar às 3h30m da manhã seguinte.

Ocupei a quarta cama dessa enfermaria, que não se distinguia, exteriormente, das restantes. Doze camas numa fila, doze na outra, três gabinetes junto da porta, três quartos pequenos disponíveis para casos graves. Embora essa disposição fosse monótona, o quarto era, naquele momento, para mim, o mais lindo do mundo. Ali, naquela precisa noite, um

jeep viria buscar-me e levar-me-ia para longe, de vez, das tempestades de areia e dos campos de exercício.

Naquela tarde vesti o uniforme, só para me voltar a acostumar ao uso de roupas. Tentei descansar, mas estava demasiado agitado para ficar quieto por muito tempo. Pelas 17h, o ocupante da outra cama sugeriu que matássemos o tempo indo ao cinema. Da primeira vez que eu estivera numa enfermaria de recuperação, raramente ousara mexer-me com medo de adoecer de novo. Desta vez, contudo, estava pronto a aceitar tudo o que abreviasse a espera. O suspense desses últimos dias, o facto de ter estado quase liberto, voltando, depois, para o Isolamento, e regressando à Recuperação, tudo isso me deixara muito receoso.

Fomos à sessão do fim da tarde, logo depois do lanche, porque queria deitar-me cedo. Nem me lembro qual o tema do filme. Só sei que nos íamos a sentar na sala, quando tive um violento acesso de tosse.

Voltámos à enfermaria pelas 21h 15m; eu fazia figas para que a enfermeira já tivesse acabado a "ronda" da noite. Só o ordenança estava de serviço, o que me fez suspirar de alívio. Sentia-me em estado febril mas não queria que ninguém me metesse um termómetro na boca.

Fui à sala do ordenança e pedi algumas aspirinas. Deu-me seis comprimidos e três carteiras de aspirina, fenacetina e cafeína. Eram os únicos medicamentos que podiam ser livremente distribuídos. No fundo da sala peguei na minha mochila, nas botas e no sobretudo verde-cinza e empilhei-os aos pés da cama. Dobrei a seguir o meu uniforme e pu-lo sobre a cadeira, pronto para o vestir a meio da noite.

Certifiquei-me de que o despertador, que me tinha sido emprestado por uma das enfermeiras, estava preparado para tocar às 3 horas. Por fim, tomei duas aspirinas e uma AFC e apesar de a maioria do pessoal estar ainda acordado e a passear — meti-me na cama. Daí a segundos, adormeci.

Acordei com um verdadeiro espasmo de tosse. Passei a mão pela mesinha de cabeceira à procura do escarrador, e cuspi algo. Doía-me a cabeça e o meu peito parecia estar em fogo. A enfermaria estava silenciosa e às escuras. Só as pequenas luzes de vigia continuavam palidamente acesas, ao lado de cada cama. Doze pequenos halos ao longo de cada parede.

Que horas seriam? Fixei os olhos no despertador mas estava demasiado escuro para ver. Peguei nele e aproximei-o dos olhos.

Meia-noite.

Peguei na garrafa de água que estava sobre a mesa, enchi um copo e tomei mais duas aspirinas e uma AFC. Voltei a deitar-me e notei, pela primeira vez, que tinha os lençóis molhados. Tive de me sentar para cuspir.

Devo ter dormido um pouco, porque, de repente, acordei com uma grande falta de ar. Quando o acesso de tosse serenou, olhei de novo para o relógio.

Duas e dez.

Faltava menos de uma hora para me levantar. Sentia-me podre, suava em bica e o coração martelava-me no peito. Tomei a última aspirina e tentei dormir mais. um pouco, mas a tosse continuava, enquanto alguma coisa se soltava do fundo do peito. Tive, então, de agarrar no escarrador. Acabei por ajeitar o travesseiro às costas e recostei-me. A tosse aliviou um pouco, mas agora tinha mesmo a certeza de que estava com febre:

doía-me o corpo todo. Era necessário que mais ninguém desse por isso até eu embarcar, a salvo, naquele comboio!

Olhei novamente para o relógio. Estava quase na hora de me começar a vestir. Desliguei o alarme. Não tinha intenção de incomodar toda a gente, uma vez que já estava acordado. Levantei-me, indeciso quanto a acender a lâmpada para começar a vestir-me. Se aquela tosse não tinha acordado ninguém, nada mais o faria. Acendi a luz, contornei a cama até à cadeira, intrigado com o tremor das minhas pernas. Peguei no uniforme, e, prudentemente, aproximei-me da mesinha de cabeceira. Senti-me completamente tonto. Tinha de ter cuidado, caso contrário o motorista notaria qualquer coisa de estranho. Fiquei parado a olhar a mesinha.

O escarrador estava cheio de sangue vivo e brilhante até acima.

Uma luz, proveniente da sala, destacava-se perto da porta. Aproximei-me e olhei. O auxiliar estava a ler uma revista.

"Não se importa de me emprestar um termómetro?", disse eu.

Levantou-se e deu-me um que estava numa prateleira. Afastei-me um pouco antes de o colocar debaixo da língua: isso era só comigo! Passado um minuto verifiquei a temperatura, à luz que se coava pela porta da sala ao lado.

Li ou tentei ler. Não conseguia entender o que se passava. Por mais que sacudisse o termómetro... a coluna de mercúrio parecia ter chegado ao máximo. O auxiliar veio por trás de mim e tirou-me o termómetro da mão.

"Quase 41,5°!", gritou em altos berros. E antes que eu o conseguisse deter, atravessou as portas duplas que davam para o corredor.

Um momento depois voltou a correr, com a enfermeira da noite. Ela pegou noutro termómetro que estava na prateleira da sala do lado e pôs-se a medir o tempo pelo relógio, enquanto eu me amaldiçoava pela minha estupidez. Depois, tirou-me o termómetro e olhou para ele.

"Sente-se," disse ela.

Levou-me então, como a uma criança pequena, até à cadeira onde o rapaz estava sentado e ordenou-lhe: "Você fica aqui com ele. Volto já!"

Enquanto ela desaparecia, eu disse ao soldado: "Não posso ficar aqui. Tenho de me vestir! Preciso de apanhar o comboio daqui a uma hora."

"Tenha calma!", respondeu-me. "O médico está aí a chegar!".

O que se passaria com aquele tipo? Será que ele não me tinha ouvido?

"Vou para Abilene!", disse-lhe. "Vem aí um jeep daqui a vinte minutos buscar-me!"

"Está bem, está bem!", respondeu-me. "Faça o favor de se deixar estar quietinho e tudo acabará bem."

Aquele lunático nunca mais ligaria ao que eu estava a dizer, e o mesmo aconteceu quando o médico chegou. Auscultou-me o peito e começou a falar em Raios X.

"Ele não vai conseguir ir a pé!", disse a enfermeira. "É melhor chamar uma ambulância."

A enfermeira fez um telefonema, enquanto eu tentava explicar-lhes que não estava à espera de nenhuma ambulância, mas sim de um jeep. Ainda estava a falar quando entraram dois soldados a correr com uma maca. O médico mandou-me deitar nela, o que, considerando que eu deveria estar a fardar-me, era autêntica loucura. Contudo, soldado raso não discute com capitão. Deitei-me na maca, colocaram à minha volta alguns cobertores e levantaram aquilo tudo.

Logo a seguir senti no rosto o ar frio da noite. Estavam, com todo o cuidado, a meter-me dentro de uma ambulância, e saímos logo a seguir, a toda a velocidade, estrada fora. Pouco tempo depois, a porta foi aberta e senti novamente aquele sopro gélido. Levaram-me, foram abrindo algumas portas, e depositaram a maca dentro de um quarto cheio de aparelhos. Um homem de bata branca inclinou-se sobre mim.

"Acha que consegue ficar de pé só um minuto?", perguntou-me.

Quase ri quando os dois maqueiros enfiaram os braços por baixo dos meus e me puseram de pé. Muito mais de um minuto teria eu de ficar na estação de caminho de ferro por pouco!

Segurando-me ainda pelos braços levaram-me para junto de um painel vertical, provido de uma reentrância pouco profunda, onde se devia apoiar o queixo. O homem de branco mediu-me com os olhos e disse: "Um metro e oitenta e três centímetros," enquanto rodava uma manivela do lado do dispositivo, para o levantar um pouco. Depois, dando uma pancadinha na reentrância, como que fazendo sinal para eu me aproximar, perguntou:

"Pode chegar o queixo até aqui? ótimo. Agora fique quieto durante um segundo."

Os auxiliares largaram-me os braços e foram, com o técnico, para trás de uma divisória. Ouvi um clicar e um zumbido.

O zumbido aumentava cada vez mais. A sua intensidade tornava-se insuportável dentro da minha cabeça. Os meus joelhos pareciam feitos de borracha. Estavam a dobrar-se, eu a cair e o zumbido continuava a crescer.

De repente, sentei-me com um sobressalto. Pensei que horas seriam. Olhei para a mesinha de cabeceira mas tinham tirado o relógio. Para falar verdade, onde estavam as minhas coisas? Os horários do comboio? O meu relógio?!

Olhei em volta. Estava num quarto minúsculo que nunca vira. Graças ao clarão vermelho da luz de vigília, vi que a cama o ocupava praticamente todo. Havia uma cadeira branca, de madeira, perto da soleira da porta, a cama, a mesinha. E era tudo.

Oude estaria eu?

Como teria ali chegado?

Procedi a um exame de conjunto, tentando lembrar-me... O aparelho de Raios X... certo! Levaram-me para a sala de radiografia e... devo ter desmaiado ou coisa parecida.

O comboio! Tinha perdido o comboio! Alarmado, saltei para fora da cama, à procura das minhas roupas. É claro que o pessoal dos Raios X não sabia de nada a respeito do comboio. Por isso tinham-me posto ali dentro em vez de me mandarem regressar ao sítio em que o jeep devia estar à minha espera.

O meu uniforme não estava sobre a cadeira. Olhei para debaixo dela. Nem o saco de campanha nem nada. Em que outro sítio poderiam ter guardado as minhas coisas, senão naquele pequeno armário embutido? Talvez debaixo da cama? Voltei-me e fiquei gelado com o susto que apanhei. Alguém estava deitado naquela cama!

Aproximei-me. Tratava-se de um jovem, de cabelos castanhos e curtos, imóvel. Mas... aquilo era impossível! Eu tinha acabado de saltar daquela cama! Durante alguns instantes lutei contra o mistério que se passava. Além de ser excessivamente estranho, eu não dispunha de tempo para pensar.

O ordenança! Talvez as minhas roupas estivessem nas suas instalações. Precipitei-me para fora do quarto e procurei à minha volta. Duas filas de lâmpadas de vigília brilhavam contra as paredes da enfermaria. Não me

parecia ter estado ali antes, mas não era fácil afirmá-lo com um mínimo de certeza... eram todas muito semelhantes.

A porta da sala, que ficava exatamente à minha frente, estava aberta, de luz acesa, mas nem sinal do auxiliar. Entrei. Nas prateleiras apenas o equipamento do costume... nada de roupas nem de sapatos. As salas do médico e da enfermeira estavam às escuras vazias. Silenciosamente, caminhei pelo corredor lateral, no grande compartimento onde os soldados dormiam, pensando se eles teriam colocado o meu equipamento nalgum sítio. A luz, porém, era demasiado fraca e não se conseguia ver muita coisa. Salvo alguns roncos e tosses ocasionais, não se ouvia positivamente nada.

Voltei pelos gabinetes e, no corredor por onde vinha, dei com um sargento que levava uma bandeja de instrumentos coberta por um pano. Com certeza ele não devia saber de nada, mas sentia-me tão feliz por encontrar alguém acordado, que fui ao seu encontro.

"Desculpe, sargento," disse eu. "Não viu por acaso o auxiliar desta unidade?"

Ele não respondeu. Nem sequer para mim olhou. Continuou a caminhar na minha direção, sem diminuir o passo.

"Cuidado!", berrei eu, saindo-lhe do caminho.

No instante seguinte já ele tinha passado por mim como se nunca me tivesse visto, embora eu não percebesse como não nos tínhamos esbarrado!

Foi então que eu vi uma coisa que me deu uma ideia. No corredor, mais abaixo, havia uma porta de metal pesado que dava para o exterior. Corri em direção a ela. Ainda que tivesse perdido o comboio haveria de descobrir uma maneira qualquer de chegar a Richmond!

Quase sem me dar conta disso, dei comigo mesmo do lado de fora, correndo a bom correr, mais depressa do que alguma vez o conseguira em toda a minha vida. Já não fazia tanto frio como antes. Para dizer a verdade, não sentia nem frio nem calor.

Fiquei estupefacto quando ao olhar para baixo não vi o solo, mas sim copas de arbustos do género "prosopis grandulosa." O Campo Barkeley parecia ter ficado bem para trás, à medida que eu me deslocava velozmente sobre o deserto escuro e frio. A minha mente continuava a dizer que o que se estava a passar era impossível mas... a verdade é que estava a suceder.

Uma cidade passou por mim como um relâmpago, com os sinais luminosos a cintilarem nos cruzamentos. Aquilo era ridículo! Um ser humano não podia voar sem um avião mas eu voava baixo demais para um avião.

A região parecia agora mais arborizada: grandes campos polvilhados de neve. Uma vez por outra eu enxergava uma estrada, mas o tráfego era reduzido àquela hora da noite e as cidades por onde passava estavam escuras e silenciosas.

Ia a caminho de Richmond. Sabia-o, de alguma maneira, desde o momento em que saí disparado do hospital. O facto de ir cem vezes mais depressa do que qualquer comboio sobre a terra, poderia, sem dúvida, levar-me a Richmond.

Mas... agora que eu pensava no assunto, como poderia estar certo de ser aquele o caminho de Richmond? Só viajara uma vez entre o Texas e Virgínia, mas por outro trajeto, e, para mais, fazendo uma grande parte da viagem de comboio durante a noite. O que me levaria a pensar que, por mim só, conseguiria encontrar o caminho de regresso a Richmond?

Nesse instante apareceu por baixo de mim um rio extremamente largo. Havia uma ponte comprida e alta e, na outra margem, a maior cidade a que alguma vez chegara. Oxalá pudesse descer e encontrar alguém que me fornecesse alguma indicação.

Quase de imediato notei que estava descendo mais devagar. Um foco azul, brilhante, estava bem por baixo de mim, mesmo no cruzamento de duas ruas. Provinha do néon de um anúncio luminoso colocado sobre a porta de um prédio de rés-do-chão em cuja janela da frente se lia "Cerveja Pabst-Rótulo Azul". As letras que piscavam sobre a porta diziam "Café-Restaurante." E uma luz, coada pelas janelas, refletia-se no passeio.

Ao fixá-la, dei comigo parado. A sensação de me ver no ar, suspenso a mais de 15 metros, era ainda mais estranha do que aquela ventania. Mas eu não dispunha de tempo para pensar nisso, pois aproximava-se na calçada um homem a passos rápidos. Finalmente, pensei, poderia descobrir que cidade era aquela e para onde me dirigia.

No preciso instante em que a ideia me veio à mente, vi-me com os pés sobre a calçada, acompanhando o passo rápido do desconhecido. Pensamento e movimento tinham-se reduzido a uma só coisa. Era um polícia, talvez na casa dos quarenta, envergando capote, e sem chapéu. Devia estar mergulhado nos seus pensamentos porque nem olhou para mim quando comecei a andar a seu lado.

"Por favor", disse-lhe eu, "pode dizer-me que cidade é esta?"

Ele continuou a andar...

"Senhor guarda, faça favor", disse eu mais alto, "não sou daqui e gostaria muito de..."

Chegámos ao café e ele parou para entrar, estendendo a mão para pegar na maçaneta da porta. O homem seria surdo? Levantei a mão esquerda para lhe tocar no ombro.

Não encontrei resistência.

Fiquei ali especado diante da porta, boquiaberto, enquanto ele a abria e desaparecia lá dentro. Fora como se tivesse tocado... em ar rarefeito. Parecia que não tinha estado ali ninguém. E, no entanto, eu vira-o nitidamente, até mesmo o queixo, onde a barba preta estava por fazer.

Renunciei ao mistério do homem sem substância e encostei-me ao cabo de uma cabina telefónica para repensar os acontecimentos. O meu corpo atravessou o cabo, como se também ele não estivesse ali.

Ali, na calçada daquela cidade desconhecida, passara-me pela cabeça uma ideia de incredulidade, a mais esquisita e complexa que eu jamais tivera. O homem no café, esta cabina de telefone... supunha-se que eram perfeitamente normais. Supunha-se que eu é que teria mudado de alguma maneira. E se, por qualquer razão inexplicável, e até absurda, eu tivesse perdido... a minha solidez? Se tivesse perdido a minha capacidade de segurar coisas, de estabelecer contacto com o mundo, até mesmo de ser visto? O que acabava de acontecer com aquele homem... Era óbvio que ele nunca me vira ou ouvira!

E agora — uma vez que estava perante factos sabia que tão pouco aquele sargento, no hospital, me tinha visto e ouvido. Era como se para ambos eu não existisse.

E, continuaram os pensamentos perturbadores, se aqueles dois não me tinham visto, o que me levaria a pensar que as pessoas da Escola da Virgínia iriam ser capazes de me ver? Que sentido fazia aquela louca corrida para Richmond se quando eu chegasse — ninguém se pudesse aperceber da minha presença?

Quanto ao Natal o problema seria o mesmo. E se chegasse a casa no Natal e nem mesmo a família desse por mim? Invadiu-me uma terrível solidão. Eu precisava de readquirir aquela solidez que as outras pessoas tinham. Devia haver uma maneira de o conseguir.

De repente, lembrei-me do rapaz que vira na cama, naquele quarto estreito do hospital! E se aquilo... fosse eu? Ou, digamos, a parte material, a minha parte física, da qual eu me separara por qualquer processo inexplicável? E, se a forma que eu deixara deitada num quarto de hospital, no Texas, fosse a minha própria forma?

E, se assim fosse, como poderia eu lá chegar outra vez? Por que me teria afastado de lá, tão levianamente?

Movia-me de novo, velozmente, para longe da cidade. Por baixo de mim o rio, muito largo. Parecia-me estar de regresso ao ponto de partida, ainda mais depressa do que antes. Lagos, colinas e herdades sumiam-se debaixo de mim, à medida que eu seguia, a toda a velocidade, numa linha reta constante, sobre a terra escurecida pela noite.

Por fim, as árvores voltaram a tornar-se raras e, de relance, vi e reconheci os arbustos de "prosopis grandulosa" e as ravinas do Leste do Texas. Lá estavam os telhados dos alojamentos do Campo Barkeley, silhuetas negras e compridas recortadas no chão coberto de neve. Eu descera e estava a reduzir a velocidade. De repente, estava parado diante do hospital da base.

Entrei por ali dentro a correr. Lá estava o sector de admissões onde, dez dias antes, eu tinha preenchido a ficha. Estava silencioso àquela hora da noite, pois os gabinetes encontravam-se fechados à chave. Sobressaltado, desloquei-me pelo corredor da esquerda, mas parei ao observar que ele me levava a uma divisão parecida com um refeitório. Onde estava o auxiliar que me fizera acordar tão cedo naquela noite?

Até que, depois de passar por imensos saguões, cheguei a uma grande sala que me pareceu familiar. Havia, sobre cada cama alinhada junto à parede, uma forma adormecida; todavia, aquela que eu procurava aquela que eu, agora, estava convencido que me pertencia — estava num dos pequenos quartos perto da porta. Disso tinha eu a certeza. Olhei ansiosamente para dentro de cada um deles... os dois primeiros estavam vazios, e, no último, estava um homem com ambas as pernas metidas em gesso.

Voltei ao corredor e olhei em volta, indeciso. Onde estava aquele quarto pequeno? Se eu, ao menos, soubesse em que ala daquele gigantesco hospital?

Puxava pela cabeça, torturava o cérebro, tentando lembrar-me de alguma coisa — fosse o que fosse — de alguma coisa que me ajudasse a localizá-lo, mas tudo em vão! Devia ter estado inconsciente quando me transportaram da sala de Raios X para lá; e, quando acordei, devia estar tão obcecado pela ideia de chegar a Virgínia que saíra à pressa, sem olhar para trás, sequer. O que se passava era que, algures no meio de talvez duzentos alojamentos, existia um quarto pequeno, que tinha, para mim, uma enorme importância. E podia ser qualquer um dos muitos.

Assim começou uma das mais estranhas buscas de sempre: a procura de mim mesmo. Corri de enfermaria em enfermaria daquele enorme complexo hospitalar, parando em cada quarto pequeno, curvando-me sobre o ocupante da cama, e seguindo em frente. Havia centenas e centenas desses cubículos de uma única cama, iguais uns aos outros. As enfermarias eram tão parecidas que, em breve, fiquei indeciso sobre aquelas em que já tinha

estado. Eu já não sabia até que ponto estaria indo e vindo pelos mesmos caminhos.

A pouco e pouco fui-me dando conta de uma ver- dade bem mais alarmante.

Nunca me tinha visto a mim mesmo.

Ou seja, da mesma maneira como via as outras pessoas. Do peito para baixo, eu via o suficiente para saber que se tratava de mim; mas, dos ombros para cima, apercebia-me agora que tudo se reduzia a uma imagem bidimensional, como que refletida por um espelho, olhando-me fixamente do interior de um compartimento de vidro. Uma vez por outra, um instantâneo, também bidimensional. E mais nada. A minha presença volumétrica animada e capaz de ocupar o espaço-curvo, nunca a tinha conhecido.

Eu tinha descoberto que aquela era a maneira correta de reconhecermos as pessoas: não pelo formato do nariz ou pela cor dos olhos, mas pelo impacto do todo tridimensional, com todos os seus componentes, ao mesmo tempo.

Claro que sabia a minha altura e o meu peso. Como se recordasse a descrição de um estranho, fui repetindo: um metro e oitenta e três, oitenta quilos e setecentos gramas.

Mas que adiantava isso quando estendido ao comprido na cama? Encontravam-se ali filas e filas de soldados mais ou menos com aquele tamanho. Tal como eu, todos eles perto do fim da mocidade, ou quase pelos vinte anos, todos enfiados em pijamas de hospital, debaixo de cobertores do Exército, e todos de cabelo cortado à escovinha.

A forma que eu procurava tinha de estar num dos três pequenos quartos de uma só cama, que ficavam à frente de cada enfermaria. Era este o único dado que eu conhecia perfeitamente. Naqueles quartos, porém, eu já tinha visto meia dúzia de homens que se assemelhavam ao sujeito que acreditava ser eu, e ainda agora começara a busca naquele lugar mais parecido com um labirinto. Como poderia saber que me tinha encontrado a mim próprio? Teria eu já morrido?

Continuei a caminhar, a parar, a examinar rostos sem conseguir encontrar-me. A solidão que tinha experimentado na cidade desconhecida transformara-se num pânico cada vez maior. Estava isolado de toda e qual- quer pessoa no mundo, desligado da própria solidez da terra física, e agora... agora... até da minha própria identidade.

Se a pessoa sobre a cama era pesada, ou se tinha cabelo louro ou sardas, eu ia logo direito a ela. Mas nem sempre era fácil distinguir esses sinais dada a fraca intensidade da luz de vigília. Apoiei-me a uma parede (esta

posição tinha-se tornado um hábito, apesar de ter crescido acostumado ao facto de paredes e mobílias não me sustentarem) e cansei a cabeça à procura de alguma informação de memória, alguma característica física que me identificasse exclusivamente a mim, face a todos aqueles soldados, na casa dos vinte anos, que ali dormiam. Algum sinal no rosto ou nas mãos? Alguma verruga, talvez... ou uma cicatriz?

Não... o anel.

Pois claro! O ónix negro e oval com o mocho dourado... Como é que eu não tinha pensado nisso antes? Era preciso voltar ao princípio, passar outra vez por cada quarto onde estivesse deitado um sujeito que se parecesse com aquilo que eu achasse que era o meu aspeto. Recomecei pelo caminho por onde viera.

Quer dizer pelo caminho que eu pensava ter percorrido. Era tudo tão confuso: enfermarias parecidas umas com as outras, dando para corredores semelhantes. Entrei e saí rapidamente dos quartos de uma só cama, procurando numa rápida vista de olhos verificar se a mão esquerda estava descoberta. A maior parte das vezes, porém, estava tapada pelos cobertores e tudo o que eu tinha a fazer, nestes casos, era esperar que o indivíduo mudasse de posição.

Uma vez fiquei sentado ao lado de um jovem de cabelos pretos, cujo queixo e boca, naquela claridade mortiça, faziam-me recordar os do meu pai. O rapaz gemia baixinho, dormindo sobre o lado esquerdo, com o braço esquerdo debaixo do travesseiro. Quanto mais fixava o olhar nele, mais me convencia de que aquele era o meu eu físico. Várias vezes seguidas agarrei o travesseiro, tentando atirá-lo para longe, mas os meus dedos fechavam-se em pleno ar. Até que o rapaz se levantou apoiado sobre um cotovelo e tateou a mesinha de cabeceira à procura do jarro de água. Na sua mão esquerda tinha uma aliança de ouro.

Continuei a procurar, enfermaria após enfermaria. Passei por uma quantidade de soldados acordados, que, ou olhavam para o teto, silenciosos, ou estavam senta- dos na beira da cama, a fumar. E era, precisamente, esse pessoal acordado que tornava a minha solidão mais terrível.

Uma coisa é entrar, sem se ser notado, num quarto onde alguém está a dormir, outra, muito diferente, é ver a pessoa olhar diretamente para nós e não manifestar quaisquer sinais da nossa existência. No saguão cheguei a desviar-me para o lado para dar passagem a uma enfermeira ou uma ordenança que se aproximava. Sabia, agora, que não chocaríamos, nem sequer nos poderíamos tocar embora o pensamento de que alguém podia andar através do mesmíssimo espaço em que eu me encontrava de pé fosse algo que ultrapassava o meu entendimento.

Por fim, as minhas idas e vindas levaram-me ao departamento de Raios X. O técnico de bata branca, que eu encontrara, estava sentado a uma mesa a consultar uns papéis. Era aquele o último ser humano que tinha falado comigo.

Gritei para ele:

"Olhe para mim. Estou aqui mesmo, de pé!"

Ele destapou a caneta e tomou um apontamento. Seria verdade que apenas algumas horas separavam o momento em que eu tinha sido transportado para ali numa maca e agora? Com certeza que aquilo acontecera havia semanas, anos talvez! Ou seriam minutos, apenas? Havia também qualquer coisa esquisita com o tempo, naquele mundo onde regras sobre espaço, velocidade e massa não tinham validade. Eu perdera por completo a capacidade de avaliar quanto demorara uma daquelas experiências: se uma fração de segundo, se horas.

Hesitei em afastar-me da única pessoa que, até então, reconhecera. Todavia, depois de não sei quanto tempo, continuei a minha peregrinação. Mais corredores, mais enfermarias: doze camas em fila perpendicularmente à parede direita, doze ao longo da parede esquerda, três gabinetes ao topo, perto da porta, três quartos depois destes. Homens a dormir, homens acordados, indivíduos aborrecidos, seres humanos que sentiam medo; mas não encontrava o anel com o mocho.

Um jovem chorava, dentro de um cubículo. Talvez roído de saudades. Muitos de nós chorávamos ao pensar que ninguém nos ia ver, especialmente naquela altura em que o Natal estava à porta.

Ninguém no outro cubículo. Cama sem lençóis. No último quarto...

Recuei, surpreendido. Havia alguém deitado na cama, tudo estava em ordem, exceto o lençol que tinha sido puxado sobre a cabeça, deixando a descoberto apenas os braços. Aqueles braços pareciam estranhamente rígidos e direitos, sem naturalidade, com as palmas das mãos viradas para baixo...

No dedo médio, um pequeno mocho de ouro! Um mocho incrustado numa pedra oval, de ónix preto.

De olhos cravados naquela mão, gatinhei — devagar — na direção daquela forma. Havia qualquer coisa de terrível naquele quadro. Mesmo à fraca luz da lâmpada de vigília pude observar que os braços estavam demasiado brancos e muito direitos. Onde teria eu visto uma mão igual àquela? Lembrei-me então: a mão do avô Dabney, exposto na sala de estar, em "Moss Side". Voltei para a porta. O homem deitado naquela cama estava morto! Senti a mesma relutância que da primeira vez em que tinha estado dentro de um quarto com uma pessoa morta. Mas... e se aquele fosse o

meu anel? Então... seria eu mesmo, tratava-se da parte separada de mim. Aquilo queria dizer que eu estava...

Pela primeira vez, em toda aquela experiência, ocorreu-me a palavra "morte" em ligação com o que se estava a passar.

Mas eu não estava morto! Como era possível conciliar as duas coisas, estar morto e acordado, ao mesmo tempo? Pensava que a morte era diferente e tinha, realmente, essa sensação. A morte era... eu não sabia... mergulhar no vazio era o nada. Mas, eu era eu mesmo, perfeitamente acordado, só que não tinha um corpo físico para atuar...

Freneticamente, agarrei o lençol, tentando afastá-lo para descobrir a fisionomia do cadáver. Os meus esforços nem sequer agitaram o ar silencioso do pequeno quarto.

Afundei-me finalmente na cama, desesperado. Ou, melhor, fiz isso mentalmente, pois o meu ser desencarnado não conseguiu contactá-la fisicamente. Ali, bem à vista, estavam a minha própria forma e a minha própria substância, muito embora tão distante de mim como os planetas uns dos outros. Era isso, então, a morte? Consistiria ela na separação de uma parte da pessoa?

Ainda não tinha chegado a nenhuma certeza, quando começou a haver uma mudança na luz do quarto; de repente, percebi que se tinha tornado mais brilhante, muito mais brilhante do que era. Virei-me para examinar a lâmpada acesa sobre a mesinha de cabeceira. Não havia dúvidas quanto à impossibilidade de um simples filamento construído para suportar energia elétrica de 15 watts irradiar tanta luz.

Olhei, pasmado, para o brilho que aumentava, vindo de parte nenhuma, parecendo resplandecer, ao mesmo tempo, para todo o lado. Nem todas as lâmpadas na enfermaria juntas produziriam tanta luz. Nem mesmo todas as lâmpadas do mundo! Brilhava tanto que parecia impossível: era como se um milhão de maçaricos estivessem a funcionar ao mesmo tempo.

Surgiu-me um pensamento, quando eu estava no auge da estupefação... um pensamento prosaico, surgido provavelmente de alguma conferência sobre Biologia, nos tempos da Universidade: "Sinto-me feliz por não ter, neste momento, olhos físicos. Esta luz destruiria a retina num décimo de segundo."

"Não... a luz não," corrigi-me a mim próprio.

"Ele."

Ele era demasiado brilhante para que se pudesse olhar. Digo isto, porque percebi então que não se tratava de qualquer luz, mas de um homem que entrava no quarto; ou, melhor, de um homem feito de luz, embora isso

fosse tão difícil de conceber como a incrível intensidade luminosa em que a sua forma se estruturava.

No momento em que me apercebi disso, uma ordem ecoou na minha mente. "Levanta-te!" As palavras vinham de dentro de mim mesmo, embora ditas com uma autoridade que os meus simples pensamentos eram incapazes de possuir. Pus-me em pé e, enquanto o fazia, revelou-se a esplendorosa certeza:

"Estás na presença do Filho de Deus".

Uma vez mais, o conceito pareceu estruturar-se dentro de mim; não, porém, como pensamento sem especulação. Era um tipo de saber, imediato e completo. Conhecia também outros factos a respeito Dele. Por exemplo, que era o ser masculino mais completo que havia. Se se tratava do Filho de Deus, o seu nome era Jesus, mas... não era o Jesus da minha catequese. Este era gentil, terno, compreensivo e provavelmente um tanto ou quanto débil. Aquela Pessoa era o próprio Poder, mais velha do que o tempo, e, no entanto, mais atual do que todas as pessoas que eu conhecera.

E, mais importante do que tudo, eu sabia que aquele Homem me amava. Sabia-o com aquela mesma certeza interior misteriosa. Muitíssimo mais que Poder, era um amor incondicional o que emanava daquela Presença. Um amor assombroso, um amor superior ao nível mais arrojado que a minha imaginação poderia conceber. Esse amor conhecia todos os aspetos negativos do meu ser — as discussões com a minha madrasta, o meu temperamento explosivo, os devaneios sexuais que nunca pude controlar, cada pensamento e cada ação má e egoísta, desde o dia em que nasci, tudo isso ele conhecia e aceitava-me tal como eu era, e amava-me da mesma maneira.

***

Quando digo que Ele conhecia tudo a meu respeito, quero dizer que isso era, simplesmente, um facto bem visível, porque cada um dos episódios da minha vida tinham entrado naquele quarto ao mesmo tempo que a sua radiosa Pessoa. E isso não obsta a que eu deva descrevê-los todos, se os abordar. Tudo quanto se tinha passado na minha vida ali estava, a olho nu, situado no tempo e animado de vida, parecendo que estava a acontecer naquele mesmo instante.

Ignorava como isso era possível. Nunca tinha experimentado o tipo de espaço que parece formar o nosso contorno. O pequeno quarto de uma só cama ainda era visível, mas já não como espaço fechado. Em vez disso, sentia à nossa volta o que eu só poderia interpretar como um mural enorme com a característica tridimensional das figuras que o compunham, e que falavam e se moviam.

Muitas dessas figuras pareciam ser eu mesmo. Petrificado vi-me de pé, junto ao quadro negro, numa aula de ortografia. Vi-me na receção do distintivo correspondente à "Águia", no meu grupo de escuteiros; a conduzir o avô Dabney pela varanda fora, em "Moss Side." Vi-me como uma criança raquítica, arquejando, com falta de ar, dentro da incubadora. Simultaneamente (parecia não haver antes nem depois) uma parteira tirava-me do ventre de uma jovem mulher, doente e moribunda, que eu nunca tinha podido ver.

Seguiu-se a perceção da minha pessoa, alguns meses mais tarde, ao colo de uma mulher com uma expressão de ternura no rosto emoldurado com óculos de aro de prata e onde sobressaía um nariz adunco. Ao nosso lado, no chão, brincava uma menina de três anos; devia ser Mary Jane, embora eu não pudesse, evidentemente, lembrar-me dela nessa altura. A senhora Williams, no entanto, era tal e qual como eu a guardava na lembrança.

Aparecia em muitas das cenas. Num arrebatamento de saudade há muito reprimida percebi quanto eu a amava. Paralelamente a estas cenas, vi o meu pai trazer para "Moss Side" uma morena alta e esguia: era a mulher com quem iria casar. Mary Jones e eu entrámos com ambos na casa de Brook Road no 4306; eu parei, intimidado, junto à janela da casa de jantar, ansioso por sair, mas com medo do menino que estava perto da porta.

Cenas tristes e alegres misturavam-se. Vi quando apanhei do tal garoto, senti humilhação quando a minha irmã saiu a correr de casa para me defender, assumindo a minha luta. Depois vi-me a chorar quando o meu pai se despediu por uma semana, por duas, um mês, sempre levado pelo trabalho.

Também se desprendia de mim muita tristeza. Esquivei-me a um beijo de boas-noites que a minha madrasta me tentou dar. Cheguei a ver o próprio pensamento que originou essa atitude: recuso-me a amar esta mulher. A minha mãe morreu. A senhora Williams foi-se embora. Se eu lhe dedicar o mesmo amor, também ela me deixará.

Seguiu-se a visão de mim mesmo aos dez anos de idade, de pé, junto à mesma janela da casa de jantar, enquanto o meu pai ia ao hospital buscar a mulher e Henry, o nosso novo irmão. Ainda antes de o ter visto lá estava eu já a decidir que não ia gostar do recém-chegado.

Outras cenas centenas, milhares centenas, milhares – se sucederam, todas iluminadas pela tal luz clarividente, uma existência em que o tempo parecia ter cessado. Em tempo normal, só uma olhadela para tantos acontecimentos levaria semanas; eu nem sequer tinha a sensação de os minutos passarem.

Quando fiz doze anos, mudámo-nos para uma casa nova, no extremo Oeste de Richmond. Lá estava a cena. Vi a nova bicicleta que o avô e a avó

Dabney me tinham dado, revi-me a pedalar mil vezes sobre a ponte de caminho de ferro, para ir vê-los em "Moss Side."

Nem faltou sequer a tarde em que cheguei a casa e encontrei o passeio cheio de lascas de madeira de balsa, era o que sobrava do modelo de avião que eu colara, tira por tira, num trabalho extenuante. Observei a minha fúria contra Henry, de três anos, que cometera esse ultraje; fúria que, com o andar dos tempos, se tinha convertido numa taciturna retirada do convívio de toda a família.

Também foram evocados episódios do meu tempo de liceu datas, exames de química, o melhor tempo da escola na corrida da milha. Revi o dia em que acabei o curso liceal, a minha admissão na Universidade de Richmond. E durante todo esse tempo continuei a observar a minha atitude de teimosia e o afastamento da minha madrasta, do meu irmão Henry e mesmo da pequena Bruce Gordon. Depois, lá estava o meu pai a chegar a casa com o seu uniforme de major; e eu, quando fui à estação dos correios para me alistar. Observei a chamada no Campo Lee, e ainda eu, com centenas de outros recrutas, a embarcar no comboio para o Campo Barkeley.

Todos os pormenores de vinte anos de existência ali estavam para serem vistos. Tudo o que havia de negativo, de positivo, o especial e o trivial. E então, no meio dessa visão de tudo o que se passara, surgiu uma questão. E a pergunta estava implícita em cada cena, parecendo assim como as próprias sequências – ter a sua origem na luz cheia de vida, ao meu lado.

Que fizeste da tua vida?

Claro que não se tratava de uma pergunta, no sen- tido de que Ele procurasse informações, já que estava à vista o que eu fizera da minha vida. E, de qualquer modo, essa retrospetiva total, perfeita e detalhada, veio dele; não de mim. Eu não teria podido, sem ajuda, recordar um décimo do que ali tinha aparecido, se Ele não mo tivesse mostrado.

Que fizeste da tua vida?

A pergunta parecia referir-se a valores, não a factos: o que fizeste com o tempo de que dispuseste? E todos os acontecimentos de uma juventude tipicamente encantada, pareceram, à luz dessa interrogação, não apenas indiferentes, mas triviais. Não teria eu feito alguma coisa duradoura, algo de importante? Em desespero, procurei à minha volta qualquer coisa que pudesse parecer válido à luz dessa realidade resplandecente.

Não que houvesse pecados espetaculares; só as fantasias sexuais do costume e a reserva da maior parte dos adolescentes. Porém, se não existiam despenhadeiros medonhos, tão pouco havia grandes altitudes.

Apenas se constatava uma clamorosa, míope e constante preocupação comigo mesmo. Será que eu nunca tinha ultrapassado os meus próprios interesses de curto prazo? Não teria feito nada que fosse reconhecido como válido? Acabei por localizar o momento culminante da minha vida:

"Tornei-me Escuteiro Águia!"

Mais uma vez as palavras pareceram emanar da Presença ao meu lado:

Foi essa a tua glória!

Era verdade. Eu podia ver-me no centro do círculo, a receber o prémio, com o peito impante de orgulho, a admiração da minha família e dos meus amigos estampada no olhar que todos me dirigiam. Eu, eu, eu, sempre no centro. Será que nunca sucedera eu ter deixado que outra pessoa ocupasse o centro das atenções?

Depois, aos onze anos, ansioso, dirigia-me a uma cerimónia religiosa para pedir a Jesus que fosse Ele o Senhor da minha vida. Mas percebi como rapidamente a excitação inicial se tinha transformado na monótona rotina dos Domingos. Pior, percebi a fatuidade e a autoestima que estavam na base de tudo. Eu era melhor do que os miúdos que não iam à igreja e melhor, mesmo, do que os que lá apareciam; e como prova, lá estava o meu distintivo de impoluta assiduidade.

Comecei, então, a preparar o meu curso de preparatórios de Medicina; expliquei que ia ser médico e ajudar as pessoas. No entanto, o Cadillac e o avião particular lá estavam bem visíveis nos bastidores das cenas de aula... à luz fortíssima que me envolvia, os pensamentos eram tão visíveis como as ações.

De repente, senti raiva da própria pergunta. Não era justo! Claro que não tinha feito nada com a minha vida! Não tivera tempo... Como se poderia julgar uma pessoa que nem tinha começado a viver?

Todavia, o pensamento em resposta não revelava um sinal de julgamento. A morte e a palavra estava imbuída de amor podia chegar em qualquer idade.

Claro que eu sabia que bebés e crianças de tenra idade morriam. Por qualquer razão desconhecida, eu é que sempre presumira que tinha, de certa maneira, direito a uma vida longa.

"Que dizer do seguro, cujo prémio eu receberia quando chegasse aos setenta anos?" Antes que pudesse voltar a recolhê-las, as palavras perdiam-se nesse estranho campo de manifestação, onde a comunicação se processava por meio do pensamento e não por palavras faladas. Alguns meses atrás eu tinha feito o seguro de vida padrão, que a polícia oferecia ao pessoal no ativo; nalgum recanto do meu subconsciente acreditei que aquele pedaço de papel garantia a própria vida. Se já antes suspeitava de

que havia alegria na Presença a meu lado, agora estava plenamente certo disso: a luminosidade pareceu vibrar e tremer, numa espécie de riso sagrado não por minha causa, nem por ser tão tolo. Não se tratava de uma risada de troca, mas, sim, o gáudio que parecia dizer que a felicidade era ainda mais duradoura, apesar de todos os erros e calamidades.

E compreendi, no êxtase daquele riso, que era eu mesmo quem estava a julgar os acontecimentos tão severamente. Fora eu que os vira triviais, egoístas, sem importância. Nenhuma condenação desse género vinha da glória que resplandecia à minha volta. Ele não censurava nem reprovava. Muito simplesmente amava-me. Tudo aquilo era uma prova do seu amor. Simplesmente, enchia o Mundo com a Sua própria Presença e, de certo modo, dava-me assistência. Ele permanecia ali, à espera da minha resposta à pergunta ainda em suspenso no ar ofuscante.

Que tens para me mostrar daquilo que fizeste com a tua vida?

Já tinha percebido que, durante os primeiros e desvairados esforços para articular qualquer resposta de jeito, eu não tinha, nem por sombras, atingido o meu objetivo. Ele não me pedia proezas ou prémios.

Como tudo o mais que Dele tinha origem, a pergunta dizia respeito a amor. Quanto foste capaz de amar? Deste aos outros o amor que te dedico? Totalmente? Incondicionalmente?

Ao escutar tal pergunta apercebi-me da falta de sentido que teria a tentativa de descobrir uma resposta nas cenas que se desenrolavam. É evidente que eu não sabia que um tal amor era possível. Pensei, indignado: alguém me devia ter informado disto! Aquele era um bom momento para me debruçar sobre o significado da vida – algo como uma pessoa submeter-se a um exame final e descobrir que as perguntas incidiam sobre matéria que não tinha sido estudada. Se aquele era o ponto de convergência de tudo, por que é que ninguém me tinha dito nada antes?

E, apesar destes pensamentos intempestivos terem como origem a autocomiseração e desculpabilização pessoal, o pensamento em resposta não envolvia qualquer tom de censura. Nada para além de uns traços de riso celestial, se ocultava por trás das palavras:

Eu disse-to!

Mas como?!... E ainda tentava justificar-me como teria sido possível que Ele me tivesse dito e eu não tivesse ouvido?

Disse-to através da vida que vivi. Disse-to através da morte que morri. E, se olhares bem para mim, verás mais...

Com um estremecimento, notei que nos movíamos. Não tivera noção de ter deixado o hospital; agora, no entanto, já não o via. Tinham-se eclipsado os acontecimentos vivos da minha existência, que nos tinham rodeado,

momentos atrás. Em vez deles, parecia que está- vamos a voar bem alto, sobre a Terra, juntos, em direção a um longínquo ponto luminoso.

Não se assemelhava nada à viagem em desdobramento, que fizera antes. Naquele caso, obcecavam-me os meus próprios pensamentos, dava-me a impressão de que rasava a superfície da Terra. Agora, estávamos mais alto e deslocávamo-nos mais depressa; e, sempre como me fora ordenado, com os meus olhos fixos n'Ele. Esta forma de movimento já não me parecia estranha nem alarmante.

O ponto distante ganhou as dimensões de uma grande cidade, para a qual passámos a descer. Ainda era noite, mas chaminés de fábricas expeliam fumo negro e em muitos edifícios viam-se luzes acesas em todos os andares. Um oceano, ou extenso lago, situava-se para além das luzes; podia muito bem ser Boston, Detroit ou Toronto, a verdade é que não se tratava de qualquer lugar onde eu já tivesse estado. Mas, é evidente, pensei, enquanto nos aproximávamos o suficiente para enxergar as ruas apinhadas: tratava-se de um lugar onde indústrias bélicas trabalhavam vinte e quatro horas por dia.

Na realidade, via-se grande agitação nas ruas. Bem abaixo de nós, dois homens investiam um contra o outro, no mesmo trecho de passeio; daí a pouco, um passou através do outro. O mesmo acontecia dentro das fábricas que zumbiam e nos edifícios de escritórios onde eu podia observar com a mesma facilidade com que via nas ruas, imensa gente junto de máquinas e sentada às mesas. Um homem de cabelos grisalhos sentado numa cadeira, dentro de um quarto, ditava uma carta para um cilindro giratório. Outro indivíduo, talvez dez anos mais velho, de pé, atrás do primeiro, e mesmo colado a ele, tentava agarrar o tubo condutor da fala, até poder tirá-lo da mão do primeiro.

"Não!", dizia ele, "se você pedir cem dúzias eles vão faturar mais caro, peça mil dúzias de uma vez. Pierce teria conseguido melhores condições. Por que é que você mandou o Bill àquela negociação com a Treadwell?" prosseguiu, corrigindo, dando ordens, enquanto o homem da cadeira parecia nem o ver nem ouvir.

Notei esse fenómeno várias vezes: gente alheia aos que estavam mesmo ao seu lado. Observei um grupo de trabalhadores do tipo fábrica reunidos numa cantina onde se servia café. Uma das mulheres pedia um cigarro a outra melhor, implorava, já que aquilo era o que mais desejava no mundo. A outra, todavia, ignorava-a, e ia tagarelando com os amigos. Tirou da carteira um maço de cigarros e, sem ao menos oferecer um àquela que lhe estendia a mão, tão ansiosamente, puxou de um e acendeu-o. Rápida como uma cobra, a mulher que não conseguira o cigarro agarrou o que estava aceso na boca da outra. De novo tentou alcançá-lo.

E mais uma vez ainda...

Com um leve arrepio compreendi que ela era inca- paz de o fazer.

Pensei naquele cabo, na cabina telefónica e no lençol sobre a cama do hospital. Lembrei-me de mim mesmo a gritar para um homem que nunca se virou para olhar para mim, e, então, recordei aquela gente, ali, naquela cidade, que tentava em vão atrair as atenções e caminhava pelo passeio, sem ocupar espaço.

Na realidade estavam mortos, como eu.

Mas, era tudo tão diferente daquilo que eu imaginara ser a morte. Pude observar uma mulher, com cerca de uns cinquenta anos, seguindo, rua abaixo, um homem com mais ou menos a mesma idade. Ela parecia muitíssimo viva, agitada e chorosa, e o homem a quem ela se dirigia com tanta veemência, nem sequer dava pela sua presença.

"Não tens dormido o suficiente. Marjorie exige demasiado de ti. E sabes que nunca serás forte. Por que não trouxeste um cachecol? Nunca te devias ter casado com uma mulher que não pensa senão nela própria!" E mais, muito mais. Concluí que era a mãe dele, apesar de parecerem ter a mesma idade. Há quanto tempo ela estaria a segui-lo daquela maneira? Era a isso que a morte se assemelhava?... Estar permanentemente invisível aos vivos, embora sempre e inteiramente absorvido pelo que se passava com eles?

"Não acumuleis tesouros na Terra, porque, onde o Vosso tesouro estiver, ali estará também o vosso coração". Eu nunca fora bom a decorar as Escrituras, mas aquelas palavras de Jesus, no Sermão da Montanha, saltaram-me à mente, como um choque elétrico. Seria possível que toda aquela gente sem suporte material o homem de negócios, a mulher que implorava cigarros, aquela mãe embora não podendo voltar a entrar em contacto com a Terra, ainda tivessem por lá os seus Meio aterrado, pensei afetos? E eu? Teria os meus? naquela insígnia de Escuteiro-Águia, na inscrição do anel, na admissão na Escola Médica... Estaria o meu coração centrado em coisas como aquelas, ele que é o centro do meu ser?

"Olha sempre para mim!" Jesus tinha-me dito isto quando nos pusemos a caminho, naquela viagem extraordinária. E a partir do momento em que comecei a proceder assim, sempre que olhava para Ele, o medo desaparecia, não obstante a medonha pergunta continuar sem resposta. Na realidade, eu não poderia ter suportado o que me fora mostrado, se Ele não estivesse diante de mim.

Com a rapidez do pensamento, tínhamos viajado de cidade em cidade, por lugares aparentemente familiares, até mesmo pelos Estados Unidos e possivelmente pelo Canadá, regiões da Terra que eu já conhecia, à exceção dos milhares de seres não físicos que, agora, eu observava ocuparem também aquele espaço normal.

Dentro de uma casa, um homem era seguido de um quarto para outro, por um, mais novo, que repetia: "Desculpe, pai! Eu não sabia o que aquilo ia causar à mãe! Eu não compreendia." Era patente, no entanto, que o interlocutor não podia escutá-lo, embora eu pudesse ouvi-lo perfeitamente. O homem levava uma bandeja para um quarto onde uma mulher idosa estava sentada na cama.

"Desculpe, pai", continuava o jovem, "lamento, mãe."

E aquilo prosseguia, constantemente, vezes seguidas, dito a ouvidos que não podiam ouvir.

Frustrado, virei-me para a claridade ao meu lado. Mas embora experimentasse a Sua compaixão a inundar-me como uma torrente, não consegui sentir compreensão.

Parámos diversas vezes perante cenas semelhantes. Aqui era um rapaz que seguia uma adolescente pelos corredores de um colégio e repetia: "Desculpa, Nancy!" Mais adiante, eram as súplicas de perdão que uma mulher de meia idade dirigia a um homem de cabelos grisalhos.

"Jesus, por que estão eles tão tristes?", indaguei, meio suplicante. "Por que continuam a falar com gente que não os pode ouvir?"

Vinda da Presença, apercebi-me da resposta correta: "São suicidas, acorrentados a todas as consequências dos atos cometidos."

Embora soubesse que provinha dele, e não de mim, essa ideia encheu-me de assombro, porque não voltei a presenciar cenas como como aquelas. Eu tinha, contudo, aprendido a verdade que Ele me ensinava.

Pouco a pouco, comecei a reparar em algo mais. Todas as pessoas vivas que observávamos tinham à sua volta uma pálida luminescência, semelhante a um campo elétrico que pairasse sobre a superfície dos seus corpos. Tal luminosidade acompanhava-as em seus movimentos, como se fosse uma segunda pele, feita de luz pálida e quase impercetível.

De início, pensei que fosse um reflexo do brilho da Pessoa que continuava ao meu lado. Mas não notava qualquer reflexo, por exemplo, nos edifícios em que entrávamos, nem nos objetos inanimados. Percebi que também não se observava nos seres não físicos. Via, agora, que nem o meu próprio corpo possuía aquele halo esmaecido.

Ainda estava pensativo quando a luz me conduziu para dentro de um bar-churrascaria sujo, perto do que parecia ser uma grande base naval. Uma quantidade de faziam pessoas, marinheiros – na sua maior parte uma grande bicha dentro do estabelecimento, enquanto outras batiam com as botas de madeira na parede. Alguns bebiam cerveja, mas a maioria parecia entornar tanto mais whiskies quanto maior a rapidez dos dois criados a servi-los.

Observei, então, uma coisa chocante. Uma parte dos homens que estavam de pé dentro do bar parecia incapaz de levar a bebida aos lábios. Tentavam depois agarrar os copos que estivessem ao alcance da mão, mas estes passavam através das canecas, do balcão de madeira maciça e até mesmo dos braços e corpos dos bêbados à volta deles.

Faltava a cada um desses indivíduos a auréola de luz que circundava os outros.

O casulo de luz devia, por isso, ser propriedade exclusiva dos corpos físicos. Os mortos nós – nós que perdemos a solidez – tinham perdido também aquela segunda pele. E era óbvio que os vivos, cercados de luz – aqueles que realmente estavam a beber, a falar e se empurravam uns aos outros – não conseguiam ver os desencarnados, desesperadamente sequiosos, no meio deles, nem sentir-lhes o empurra-empurra frenético para chegarem até àqueles copos. Embora também fosse evidente para mim, eu estava a ver que as pessoas não-sólidas podiam, ao mesmo tempo, verem-se e ouvirem-se umas às outras. Entre elas irrompiam constantemente discussões furiosas a respeito de copos que ninguém podia aproximar da boca.

Pensei que já tinha visto grossas bebedeiras nas festas em Richmond, mas a maneira como civis e militares ali se comportavam excedia toda a imaginação. Vi um marinheiro ainda jovem erguer-se, cambaleante, de um banco e dar dois ou três passos, estatelando-se no chão. Dois dos seus companheiros baixaram-se e começaram a arrastá-lo para longe daquela gente.

Mas não foi bem aquilo que me chamou a atenção. O que me espantou foi como o casulo de luz que envolvia o marinheiro inconsciente pura e simplesmente se abriu. Partiu-se bem no alto da cabeça e parecia que se descascava até aos ombros. Instantaneamente, mais lesto do que eu alguma vez tinha visto alguém mover-se, um daqueles seres – que estivera com ele, dentro do bar já estava em cima do rapaz. A criatura estivera, qual sombra sedenta, rondando o marinheiro, acompanhando-o vorazmente, a cada golo. Agora, parecia que saltava sobre ele como uma fera salta sobre a presa.

Um segundo depois, a figura tinha desaparecido, para minha grande perplexidade. Tudo se passara antes mesmo de os dois homens terem tido tempo de arrastar o fardo inconsciente de sob os seus pés. Durante um minuto eu tinha visto, distintamente, dois indivíduos. No momento em que encostaram o rapaz a uma parede, só havia um.

A cena repetiu-se mais duas vezes. Um homem desmaiou, o casulo depressa se rachou a meio, e um da- queles seres lançou-se sobre esse ponto, desaparecendo dentro do outro homem como se com ele se tivesse fundido.

Seria, então, aquela cobertura de luz algum tipo de escudo de proteção? Tratar-se-ia de proteção contra... contra seres desencarnados como eu? As criaturas, agora sem substância, deviam ter tido corpos sólidos, tal como eu próprio. Suponha-se que, enquanto inseridos nesses corpos, tenham adquirido uma dependência em relação ao álcool, que ultrapassava os limites físicos. Essa dependência tornara-se mental, até mesmo espiritual. Quando acabavam por perder o corpo físico só tinham uma alternativa: ou se apossavam, ainda que por um curto lapso de tempo, de um outro corpo físico, ou ficariam eternamente desvinculados daquilo que nunca tinham deixado de desejar ardentemente.

Uma eternidade como essa seria um tipo de inferno... só de pensar nisso fiquei arrepiado. Sempre que pensava em inferno se acaso pensava nisso era em termos de um lugar cheio de fogo, debaixo da Terra, onde homens maus como Hitler – seriam eternamente queimados. Mas, e se existisse um nível de inferno bem à superfície? ... Num círculo infernal, invisível e insuspeitado pelas pessoas vivas, que ocupavam o mesmo espaço?... Que tal se ele significasse a permanência na Terra, mas com total e irrevogável incapacidade de entrar em contacto com ela? Pensei naquela mãe cujo filho não podia ouvi-la... Na mulher que queria aquele cigarro. Pensei em mim mesmo, preocupado unicamente em chegar a Richmond, incapaz de me tornar visível fosse perante quem fosse, impossibilitado de receber auxílio.

Querer mais, arder de desejo precisamente onde se dispõe de menos poder – isso é que seria verdadeiramente o inferno.

Com um estremecimento, compreendi que não ape- nas "seria", mas que era mesmo. Aquilo era o inferno, e eu fazia parte dele, tal como aqueles outros seres desencarnados. Morrera, tinha perdido o meu corpo físico, e agora vivia numa região que de modo algum correspondia a mim...

Mas, se aquilo era o inferno, se não havia qualquer esperança, por que estava Ele a meu lado? Por que saltava de alegria o meu coração, sempre que O fitava? Pois era Ele, com toda a veemência, a principal impressão da viagem. Os panoramas e choques que me assaltavam não eram nada, comparados com o que, na essência, estava a acontecer, e que era basicamente isto: eu estava apaixonado pela Pessoa ao meu lado. Qualquer que fosse o ponto de vista, Ele continuava a ser o motivo real da minha atenção. Tudo quanto via, não se comparava a Ele.

E este era outro dos aspetos que me frustravam. Se eu podia vê-lo, por que é que mais ninguém podia fazer o mesmo? Pensei imediatamente que ele tinha demasiada luminosidade para a sensibilidade ótica dos vivos. E, no entanto, era certo que os seres vivos por quem passávamos registavam, de certo modo, a torrente de amor que se espraiava, como o calor que se eleva de um fogo gigantesco.

E aqueles outros, aqueles que como eu — já não possuíam olhos físicos, passíveis de destruição?... Como era possível que, simplesmente, não vissem o amor e a compaixão abrasadores, bem no meio deles?... Como era possível que não dessem pela presença de alguém mais perto e mais brilhante que o sol do meio-dia?

A menos que ...

Pela primeira vez ocorreu-me raciocinar sobre o possível significado do que tinha acontecido quando aos onze anos me dirigira para o altar da igreja. Talvez se tratasse de algo cuja importância era infinitamente maior do que eu pudesse imaginar. Seria realmente possível que eu tivesse nascido de novo, como dissera o pregador? Ter-me-iam sido dados outros olhos, com ou sem consciência disso? Ou poderiam também estes outros vê-lo, se a sua atenção não estivesse prisioneira do mundo físico que tinham perdido?

"Onde estiver o teu coração"...

Enquanto o meu coração tinha estado exclusivamente preocupado em chegar a Richmond em determinada data, eu não tinha sido capaz de ver Jesus. Talvez constituíssemos um impedimento para Ele, sempre que a nossa atenção estivesse concentrada noutro ponto.

Estávamos de novo em movimento.

Tínhamos deixado a base naval com as suas ruas e bares malcheirosos e pardacentos, e estávamos agora na orla de uma extensa planície, nesta dimensão onde viajar parecia não demorar tempo algum. Até aí, na nossa jornada, tínhamos visitado paragens onde vivos e mortos coexistiam, lado a lado. Melhor dizendo: onde seres desencarnados, de cuja presença os vivos não se apercebiam minimamente, flutuavam bem por cima de coisas e pessoas, guiados pelo fulcro dos seus desejos.

Agora, embora fosse patente que estávamos ainda na superfície da Terra, em qualquer sítio, não conseguia ver nenhum homem ou mulher vivos. A planície estava ocupada por indivíduos, hordas de seres desencarnados, verdadeiramente fantasmagóricos; não havia por ali qualquer pessoa sólida e cercada de luz. Aqueles milhares de seres não tinham, obviamente, mais substância do que eu próprio, e, de todos os tipos de seres em que já pusera os olhos, eram aqueles os mais contrariados, frustrados, os mais enraivecidos e encoleriza- dos, absolutamente miseráveis.

"Senhor Jesus!", exclamei. "Onde estamos?"

A minha primeira impressão foi a de estarmos a contemplar um qualquer campo de batalha. Por todos os lados aquelas criaturas sujeitas ao que se assemelhava a uma sequência de lutas mortais, batendo-se, esmurrando-se, arrancando os olhos umas às outras. Não poderia ser uma guerra moderna, visto não haver tanques nem canhões. Quando olhei de mais

perto, consegui perceber que não se via qualquer tipo de arma, apenas mãos, pés e dentes. Observei, então, que ninguém se encontrava ferido. Não se via sangue, nem corpos juncando o solo, um golpe que eliminasse um oponente tê-lo-ia naquelas circunstâncias – deixado intacto, tal como dantes.

Embora parecessem estar uns sobre os outros, era, no entanto, como se esmurrassem o ar. Entendi, finalmente, o que era óbvio – se não tinham substância, não podiam tocar-se. Não podiam matar, embora, sem sombra de dúvida, fosse esse o seu desejo, porque as suas vítimas intencionais já estavam mortas. Por isso, se entrechocavam em frenesim, numa crise de raiva impotente.

Se, antes, eu pensava que estivera a ver o inferno, agora tinha a certeza. Até àquele momento, a miséria por mim observada tinha sido um relacionamento frustrado com o mundo físico, ao qual já não pertencíamos. Agora, percebia que existiam outras espécies de cadeias. Aqui, não existiam objetos sólidos nem gente para se lhe escravizar a alma. Aquelas criaturas pareciam estar encarceradas por hábitos mentais e emocionais, enjauladas no ódio, na concupiscência, em formas de pensa- mento destrutivas.

Ainda mais hediondos e deprimentes do que as dentadas e pontapés, eram os abusos sexuais, que muitos perpetravam em febril imitação. Por toda a parte tentavam-se cometer atos de perversão com os quais eu nem sequer sonhara. Era imposível dizer se o que nos chegava aos ouvidos eram sons reais ou lamentos de frustração, ou se correspondiam à transferência de pensamentos de desespero.

Para aquele mundo de desencarnados, isso não tinha, aparentemente, importância. Fosse qual fosse o pensamento, fugaz ou involuntário, a ação tomava imediatamente forma, mais pormenorizada do que as palavras poderiam exprimir, mais rapidamente do que as ondas sonoras poderiam propagar.

E o diapasão dos pensamentos tinha a ver com o conhecimento superior, ou habilidades, ou embasamento ultimo do emissor... "Bem te disse!" "Soube sempre que isso se ia dar!" "Não avisei?" Frases como essas ecoavam aos guinchos, umas atrás das outras. Nesse meio, e com uma sensação de mórbida familiaridade, reconheci o meu próprio pensamento. Aquilo era eu, o meu próprio tom de voz o virtuoso, o laureado, o bom. Até aos vinte anos, eu ainda não tinha adquirido qualquer hábito físico escravizante. Não como o haviam feito os seres que eu tinha visto em luta feroz para se aproximarem daquele bar. Mas aqueles grunhidos de inveja, de presunção ferida, esses ouvira-os eu muitíssimo bem.

Uma vez mais, contudo, nenhuma condenação partiu da Presença a meu lado. Do Seu coração derramava- -se apenas compaixão por aquelas infelizes criaturas. Era evidente não ser desejo seu que elas estivessem ali.

Que as mantinha então naquele lugar? Por que não se levantavam uma por uma e não saíam? Eu não via razão que justificasse o não afastamento da pessoa alvo dos esganiçamentos daquele homem da carantonha. Nem entendia por que motivo aquela mulher não desaparecia das vistas do outro que, tão furiosamente, a esmurrava com punhos imateriais.

É evidente que nenhum daqueles seres doentiamente irados podia reter as suas vítimas. Não havia muros. Nada os impediria de, sozinhos e sem problemas, se afastarem daquele local.

A menos que... a menos que, naquela região de espíritos desencarnados, o "sozinho" exprimisse uma ficção. Não havia recantos privativos num universo onde não existiam paredes ou lugares que não fossem habita- dos por outros seres, a quem se estava constantemente exposto.

Subitamente em pânico, dei comigo a pensar: como se podia viver para sempre num lugar onde os mais entranhados e secretos pensamentos deixavam de ter qual- quer privacidade? Nada de os mascarar, impossível dissimulá-los. Nenhuma forma de se fingir ser aquilo que realmente não se é. Intolerável, a não ser, claro, que todos à minha volta tivessem o mesmo tipo de pensamentos a menos que achar os outros tão detestáveis quanto nós mesmos fosse uma espécie de consolação, ainda que nada mais pudéssemos fazer do que a instilação recíproca do veneno que segregávamos.

Talvez fosse essa a explicação para a existência desse lugar medonho. Talvez, no decurso de segundos, cada criatura ali tivesse buscado a companhia de indivíduos igualmente presunçosos e iracundos, até passa- rem a integrar aquela sociedade de condenados.

Talvez não tivesse sido Jesus a abandoná-los, mas eles que se tivessem evadido da luz que a própria treva lhes revelava. Ou então... talvez não estivessem tão isolados como a princípio pareciam estar... pouco a pouco tornara-me consciente de que havia mais qual- quer coisa naquele plano de formas que se engalfinhavam. Pressentira-o, quase desde o princípio, mas durante muito tempo não consegui perceber bem do que se tratava. Consegui finalmente saber o que era, não sem ter recebido um choque que me deixou apavorado.

Seres aparentemente feitos de luz sustentavam aquela planície, toda ela feita de infelicidade. As suas dimensões e brilho ofuscante eram os responsáveis por eu não ter logo compreendido todo o fenómeno. Agora, que tinha adaptado os meus olhos de maneira a poder focá-los devidamente, podia ver que essas inúmeras presenças se inclinavam sobre as pequenas criaturas. Talvez estivessem até a conversar com elas.*

Esses seres brilhantes seriam anjos? E a luz ao meu lado... não seria também um anjo? Mas o pensamento que tão indelevelmente se imprimira na minha mente, naquele pequeno quarto do hospital, tinha sido: "Estás na

presença do Filho de Deus." Seria possível que cada mal-aventura – um desses outros espectros humanos dos e indignos como eu também estivessem na Sua presença? Numa região em que espaço e tempo não obedeciam a qualquer lei conhecida, poderia Ele estar na companhia de cada um deles, como estava na minha?

Ignorava-o. O que entendia, com toda a transparência, era que nenhum daqueles seres encolerizados fora abandonado. Eles estavam a receber assistência, alguém velava por eles. E o que se podia igualmente observar era que nenhum tinha conhecimento do que se passava.

Se Jesus ou os anjos falavam com eles, era manifesto que não ouviam nada. A torrente de rancor nascida nos seus próprios corações era ininterrupta. Os seus olhos buscavam apenas um pobre circunstante a quem humilhar. Só não me tinha sido possível conhecer imediatamente os mais impressionantes componentes de toda a paisagem porque não tivera olhos para ver.

** N. T. A descrição apresentada e que entra pelo parágrafo seguinte, faz lembrar o texto da obra "The Kingdom of Gods" do ilustre teosofista Geoffrey Hodson, originariamente publicada pela The Theosophical Publishing House, Adyar, India. Como a convergência de evidências robustece o facto, justifica a pesquisa e pode levar a um tipo de prova, remetemos o leitor à mencionada obra.*

Agora que tinha tomado consciência dessas presenças brilhantes, compreendi a perturbação em que vira tanta gente mergulhada, sem sequer se dar conta do facto, enquanto que Jesus teria podido, em qualquer momento, revelar-me a realidade, se eu tivesse estado preparado para tal. Também havia anjos a povoar as cidades vivas que tínhamos visitado. Estavam presentes nas ruas, nas fábricas, nos lares e até mesmo naquele bar ordinário onde ninguém tinha mais noção da presença deles do que eu.

Atinei imediatamente com o que estava subjacente a todas as cenas vistas até esse momento. Tratava-se da incapacidade de ver, de compreender Jesus, quer se tratasse de um apetite físico, de uma concentração em si ou de uma preocupação mundana. O que quer que saísse da trajetória da sua luz não poderia, como ser negativo que era, continuar a viver.

6

Movíamo-nos mais uma vez. Ou melhor nossa frente estava a mudar, a ampliar-se. A qualidade de repente da luz é que era diferente, enquanto que o ar adquirira maior transparência, facultando-me a visão do que, já há muito tempo, ali se encontrava.

Era como se Jesus, de novo, apenas me pudesse revelar o que a minha mente conseguia apreender. Mostrara-me, primeiro, um domínio infernal, povoado de seres apanhados na armadilha de alguma espécie de atenção

em si. Agora começava a perceber, por trás, além e através de tudo aquilo, uma nova realidade. Edifícios enormes estavam implantados num belo parque banha- do de sol, cujas estruturas se interligavam como se a sua disposição obedecesse a um padrão; algo que fazia lembrar uma Universidade bem planeada, se excluirmos o ridículo de comparar aquilo a qualquer coisa da Terra. Era mais como se todos os colégios e escolas do mundo não passassem de fragmentadas reproduções dessa realidade.

Parecia que tínhamos, de súbito, passado a uma dimensão totalmente diferente, quase um outro tipo de existência. Depois do clamor das belicosas cidades e das vozes estridentes da planície, ali fazia-se sentir uma paz total. Quando entrámos num dos edifícios e começámos a descer por um corredor de teto alto, ao longo do qual se alinhavam altos portais, o ambiente era tão silencioso que me causou verdadeiro espanto a visão de gente pelo caminho.

Não sabia dizer se se tratava de homens ou de mulheres, se eram velhos ou novos, pois todos, sem exceção, estavam cobertos da cabeça aos pés com mantos providos de capuzes, leves e soltos. Mas a atmosfera local em nada se assemelhava ao que eu pensava que fosse um convento. Tinha mais o aspeto de um formidável centro de estudos, vivendo na excitação das grandes descobertas.

Todos que se cruzavam connosco nos grandes átrios e pelas escadas em círculo pareciam completamente absortos numa qualquer atividade centralizadora. Poucas palavras trocavam entre si. Mesmo assim, eu não registava qualquer sinal de inimizade, mas, sim, um alheamento aparentemente devido a concentração total.

Quem quer que fosse aquela gente, todos se revelavam extrema e superiormente desprendidos – absortos nalgum objetivo que os ultrapassava. Vislumbrei, através de portas abertas, recintos enormes equipados com aparelhagem complexa. Em muitos deles, figuras como as já descritas inclinavam-se sobre mapas e diagramas complicados, ou estavam junto de sofisticadas mesas de controle onde piscavam luzes.

Os primeiros passos de uma educação científica tinham-me feito experimentar uma sensação de orgulho. Na Universidade especializara-me em Química, concluíra o curso secundário de Biologia, estudara Física e Cálculo. Mas, se aquilo que agora via era alguma modalidade de atividade científica, estava tudo tão para lá do que eu conhecia, que não podia imaginar do que se tratava. Pude sentir, contudo, que se estava a realizar alguma experiência complexa, talvez dúzias e dúzias delas.

"Mestre!", perguntei, "O que estão a fazer?"

Embora o Saber irradiasse dele como uma língua de fogo, embora eu pressentisse que naquele "campus" tão ativo, todas as atividades tinham a sua origem em Deus, nenhuma explicação me acorreu à mente. Como

dantes, o que se comunicava era amor; compaixão pela minha ignorância, uma compreensão que envolvia toda a minha capacidade de compreender.

E algo mais... a despeito do Seu óbvio prazer quanto aos seres à nossa volta, fiquei com a sensação de que aquilo ainda não era o máximo. Intuí que Ele tinha coisas muitíssimo mais importantes para me mostrar. Bastava que eu pudesse vê-las.

E assim, continuei a segui-lo por outros edifícios naquele domínio do pensamento. Entrámos num estúdio em que estava a ser composta e executada música de uma complexidade que eu nem podia acompanhar. Ritmos complicados, tonalidades inexistentes em qualquer escala por mim conhecida.

"Pois, claro!", pensei para comigo... "Bach é apenas o começo!"*

A seguir atravessámos uma biblioteca do tamanho da Universidade de Richmond. Olhei para o interior de compartimentos literalmente cheios de documentos em pergaminho de couro, papel e metal, amontoados do chão ao teto. Ocorreu-me nesse instante:

"Aqui estão reunidos os livros que têm importância para o Universo."

Mas imaginei logo que isso era impossível. Como se poderiam escrever livros sem ser na Terra? O pensamento mantinha-se, embora a mente o rejeitasse. "As obras capitais do Universo" a frase ia e vinha, enquanto percorríamos as salas de leitura abobadadas, cheias de sábios silenciosos. Então, à porta que dava para uma das salas menores, como que um anexo, invadiu-me este pensamento: "Aqui está localizado o cérebro desta Terra".

Saímos novamente para o parque silencioso, onde reinava sadia expectativa. Entrámos, depois, num edifício a abarrotar de equipamento tecnológico. Dentro de misteriosa estrutura esférica, um corredor com pouca largura levou-nos até sobre um reservatório que continha algo parecido com água comum. Entrámos e saímos de lugares semelhantes a gigantescos laboratórios, bem como do que podia ser uma espécie de observatório espacial. E, à medida que prosseguíamos, o meu estado de estupefação crescia.

** N. T. Eis, entre tantas, uma afirmação que abre caminho a deduções de uma lógica penetrante. Com efeito, Johann Sebastian Bach, além de ter sido o criador do Sistema Temperado, no qual se baseia toda a harmonia, compôs o que se pode chamar a música mais transcendente e espiritual que se conhece. Não apenas as Cantatas e Paixões. Algumas composições para órgão concentram na linguagem do pentagrama sentimentos e impressões que nem todos os idiomas (mortos ou vivos) de qualquer tempo, juntos, seriam capazes de transmitir. Bach é, portanto, duplamente o começo…*

"Senhor", perguntei, "será isto... o céu?" A tranquilidade, o brilho luminoso, tudo era certamente celestial. Assim como a ausência de self, de ego.*

"Quando estes seres estavam na terra, teriam conseguido ultrapassar desejos egoístas?"

"Sim, ultrapassaram-nos e continuaram a ultrapassar."

Naquela atmosfera, concentrada e ansiosa, a resposta brilhou como a luz do Sol. Mas, pensei, se o crescimento íntimo podia continuar, então aquilo não era ainda tudo. Nesse caso, faltaria ainda alguma coisa até mesmo àqueles seres transbordantes de serenidade. E de repente, comecei a magicar se não seria a mesma coisa que faltava no "círculo inferior."

Estariam essas criaturas, desprendidas e silenciosamente indagadoras, de algum modo impossibilitadas de ver Jesus? Ou talvez de se aperceber do que Ele mesmo representava? Não havia dúvidas que Dele recebiam sugestões e sinais. Era óbvio que aquilo que tão conscientemente buscavam, outra coisa não era senão a Verdade. Mas, e se até mesmo a sede de verdade pudesse desviar da própria Verdade? A Verdade que ali estava, bem no meio deles, enquanto a procuravam em livros e tubos de ensaio...

Ignorava-o. E, perto do Seu inexprimível amor, a minha própria estupefação, e todas as perguntas que desejaria fazer, nenhuma importância tinham. Talvez, concluí, por fim, Ele não me possa dizer mais do que eu possa compreender. Quem sabe se não me faltariam, até àquele momento, sensores aptos a captar e descodificar uma explicação?

*N. T. Utilizei na tradução os conceitos de Jung. O ego é o eu mesmo, o eu empírico, aquilo que somos conscientemente. O termo self, porém, apresenta conotações mais amplas, envolvendo a ideia de personalidade, e, muito provavelmente, a de inconsciente presente.

A Personalidade ao meu lado continuava a ser, em toda a aceção da palavra, o acontecimento central. Fossem quais fossem os acontecimentos que me apontava, tudo era secundário. Ele mantinha-se, incontestavelmente, o verdadeiro foco da minha atenção.

Talvez fosse por isso que eu não dera conta do mo- mento exato em que deixámos a superfície da Terra.*

Até àquela altura eu ficara com a impressão de que tínhamos estado em viagem sobre a própria Terra, embora não me fosse possível imaginar como. Mesmo o que eu imaginara ser um "plano superior", caracterizado por aprendizagem e pensamentos profundos, não estava assim tão afastado do "plano físico," onde seres sem corpo permaneciam ligados a um mundo sólido.

Entretanto, parecia que tínhamos já deixado a Terra. Já não conseguia vê-la. Pelo contrário, era como se estivéssemos num vácuo imenso com a única diferença de que sempre tinha visto isso sob uma perspetiva assustadora, expressa numa palavra intimidatória, e ali não havia nada disso. Um qualquer indício de surpresa parecia vibrar através da imensidão do vazio.

Foi então que, a infinita distância, longe demais para poder ser registado por qualquer tipo de visão... vislumbrei uma cidade. Cintilante, dir-se-ia que infinita, suficientemente brilhante para se impor à nossa vista, apesar da distância inimaginável que nos separava. A claridade parecia emanar das próprias paredes e ruas desse lugar e de seres que eu agora sabia que se deslocavam dentro delas. Para ser mais preciso, a cidade e tudo

**N. T. Não excluindo que isso tenha, de facto, sucedido, creio que o problema radica na noção de Dimensão. Abandonando, por processos paranormais (neste caso o OOBE, que conhecemos por desdobramentro astral) o corpo físico, o sujeito da perceção teria atingido outro domínio vibratório. As experiências indicam que o viajante astral percebe a Terra enquanto se mantém no espaço contiguo, funcionando, porém, a sua mente como fator determinante das suas perceções.*

o que a integrava parecia ser estruturado em luz, tal como a Figura a meu lado.

Nunca tinha lido o Apocalipse. Fiquei absorto perante aquele remoto espetáculo, imaginando quão brilhantes deveriam ser cada casa e cada habitante para se fazerem ver a tantos anos-luz de distância. Seriam aqueles seres resplandecentes cogitava eu, maravilhado os que haviam considerado Jesus como centro das suas vidas? Estaria, finalmente, a contemplar os que O teriam procurado em tudo? Os que nessa tarefa se tinham tanto e tão profeticamente empenhado que se haviam assimilado a Ele, tomando a Sua própria forma?... Mal formulara a pergunta e já duas daquelas figuras radiosas como que se destacaram da cidade e vieram ao nosso encontro, deslocando-se através daquele infinito à velocidade da luz.

Mas, à mesma velocidade a que elas vinham em nossa direção, nós afastávamo-nos... até mais depressa. Aumentou a distância e a visão sumiu-se. Ainda que eu protestasse em angustiada frustração, e embora o tenha feito, sabia que a minha visão imperfeita não reunia condições, senão por uma fração de segundo, para reter algo daquele paraíso verdadeiro, supremo. Ele tinha-me mostrado tudo o que eu mesmo tornara possível. Estávamos agora muito longe, deslocando-nos velozmente.

De repente, fecharam-se paredes à nossa volta. E tudo ficou tão estreito, tão parecido com uma caixa, que demorei alguns segundos a reconhecer o pequeno quarto de hospital, donde nos tínhamos afastado pelo tempo, aparentemente, de uma vida.

Jesus estava ainda a meu lado; caso contrário a consciência não poderia ter suportado a transição do espaço infinito para as dimensões reduzidas daquele quarto. Nos meus pensamentos, a cidade gloriosa ainda fulgurava acenando e atraindo-me. Notei, com total indiferença, que havia um vulto deitado debaixo do lençol, na cama que ocupava quase todo aquele quarto minúsculo.

E, apesar desta sensação de aperto, a Presença dizia-me que eu tinha de certa maneira a ver com aquela forma coberta; dizia-me que os seus planos a meu respeito abrangiam também aquela coisa semelhante a uma massa informe. Eu ia-me aproximando da coisa, que a pouco e pouco ia ocupando o meu campo de visão, enquanto a Luz se ia apagando. Desesperado, supliquei-Lhe que não me deixasse; que me preparasse para eu poder compreender e participar da vida daquela cidade resplandecente. Pedi-Lhe para não me abandonar naquele lugar escuro e estreito.

Como de uma história esquecida há muito tempo, lembrei-me de mim mesmo, a esquadrinhar átrios e enfermarias, naquele mesmíssimo hospital, querendo desesperadamente

achar o corpo que se encontrava sobre aquela cama. Vindo do instante mais solitário de toda a minha vida, eu havia saltado para a mais perfeita noção de posse que já conhecera. A Luz do Mestre tinha penetrado a minha vida, preenchendo-a completa- mente, e a ideia de me separar Dele era mais dolorosa do que eu podia suportar.

Repentinamente, enquanto continuava a implorar, senti a consciência a escapar-se. A minha mente começou a ficar turva. Já não sabia por que lutava. A garganta ardia-me e o peso que sentia no peito esmagava-me.

Abri os olhos, mas algo me tapava a cara. Às cegas, apalpei os cobertores, tentando descobrir o que era; mexer os braços era, porém, como levantar barras de chumbo. Os meus dedos acabaram por se entrelaçar. Com os da mão direita toquei num aro com uma pedra oval, que estava no anular da mão esquerda. Devagar, fi-lo girar e girar, à medida que se fechava sobre mim a escuridão.

7

Tinham sido necessárias quatro consultas para relatar a Fred Owen esta parte da minha história. Ele passou o tempo a interromper-me com perguntas ou a propor interpretações e a fazer-me ciente de que não estava, necessariamente, a engolir uma só palavra.

Agora estava sentado, absolutamente quieto, enquanto os números do relógio digital sobre a secretária iam avançando. Quando o meu outro doente chegou, ouvi a porta exterior abrir e fechar. Olhei para o relógio, tínhamos mais dez minutos.

"Então... tinha regressado ao seu corpo?" perguntou ele finalmente.

"É assim que eu, agora, interpreto o que se passou," disse-lhe eu. "Quando isso se passou, eu não sabia muito de nada. Fiquei quase inconsciente durante dois ou três dias. Só tive sonhos febris tipo pesadelo o tipo de sonhos que você espera ter durante uma doença grave".

Aquilo era o principal, disse-lhe. Quando comecei a recobrar a consciência, aquilo de que melhor me dava conta era de estar doente. As minhas perturbações físicas impregnavam tudo o que me cercava. Mas, enquanto eu estivera... fora do corpo? não sabia bem como descrevê-lo – não tinha sentido qualquer dor. Nenhuma sensação física.

A outra coisa de que, com toda a certeza, me podia continuei era ter aberto os olhos com recordar uma violenta dor de cabeça, e visto uma enfermeira a sorrir para mim.

"É bom tê-lo de novo connosco," disse ela. "Chegámos a pensar que não seria capaz disso."

Lambi os lábios, gretados de febre, e consegui 'rosnar':

"Que dia é hoje?"

"Véspera de Natal, cabo Ritchie."

Acrescentou que tinha sido cancelada a folga do dia feriado ao pessoal do hospital por causa da epidemia de gripe e da alta incidência de pneumonia que grassava no acampamento.

Tentei formular uma outra pergunta, para evitar que a enfermeira saísse. Precisava de arranjar forma de comunicar à enfermeira o que se tinha passado comigo.

Sim, disse, tinha nevado quase todos os dias. Revelou-me que se chamava tenente Irvine.

"Acabo de passar pela mais estarrecedora experiência", disse-lhe, sem hesitar. Devia dar a conhecê-la a toda a gente.

Um acesso de tosse cortou-me a fala. A tenente Irvine passou o braço por trás das minhas costas para me endireitar e deu-me a beber um pouco de água.

"Agora, não fale mais," recomendou ela. "Venho cá vê-lo mais tarde."

E comecei a imaginar

O que iria eu dizer? "Acabo de ver Deus? Estive no inferno? Vislumbrei o paraíso?" Ela pensaria que eu estava doido.

Durante toda aquela semana, mal alguém entrava no quarto, esforçava-me por descrever a Luz que enchera aquele espaço, ali mesmo, e

mencionar a pergunta crucial que Ele me fizera, mas nunca conseguia passar das primeiras palavras.

"Descanse um pouco. Não tente andar!", diziam o médico ou a enfermeira. E, realmente, a minha voz não passava de um soluço entrecortado. Era óbvio que a equipa estava mais interessada em assuntos tais como valores metabólicos, a minha temperatura e a quantidade de soro intravenoso que me ministravam.

A atenção que me dispensavam era sinal evidente de que eu não era considerado um mero caso de rotina. E, gradualmente, à medida que os dias passavam, fui sabendo tudo o que tinha acontecido naquele andar do hospital enquanto na minha perspetiva dos acontecimentos – eu me encontrava com Jesus.

"Por hoje, acabou a consulta", disse a Fred, "mas, se você quiser, dir-lhe-ei amanhã o que descobri com os médicos."

Fred vinha agora todos os dias, embora a curta caminhada do parque para o consultório o deixasse com falta de ar. Assim, foi na tarde seguinte que acabei a minha história...

8

Soube que, depois de ter desmaiado diante do aparelho de Raios X, tinha sido levado para uma pequena sala de isolamento, numa enfermaria próxima, onde me fora diagnosticada pneumonia dupla. Em 1943, ainda as "drogas milagrosas" estavam na sua infância, de modo que, nas 24 horas seguintes, e apesar de todos os esforços desenvolvidos, o meu estado agravou-se.

No dia 21 de dezembro, de manhã cedo, 24 horas depois de me terem levado inconsciente para aquele quarto, o auxiliar de enfermagem que distribuía os medicamentos prescritos, ao chegar ao cubículo onde me encontrava, tentou em vão palpar o meu pulso. Verificou o meu ritmo respiratório... Nada... A seguir mediu a tensão... Mais uma vez, nada. Saiu, então, a correr, à procura do oficial de dia.

Este chegou apressadamente e repetiu todos os exames com os mesmos resultados. Endireitou-se e disse para o auxiliar: "Muito bem, está morto! Prepare-o para a morgue!" Disse-o com tom grave: naquele mês já tinham morrido mais pessoas no Campo Barkeley. Foi com relutância que me endireitou os braços sobre os cobertores, cobriu-me o rosto com o lençol e voltou à enfermaria para fazer pelos vivos o que lhe fosse possível.

O auxiliar continuou as suas rondas. Deve ter sido neste momento que eu, na minha desesperada busca sem corpo, voltei àquele compartimento e vi a pessoa coberta por um lençol.

Segundo os registros hospitalares, o rapaz voltou ao quarto cerca de nove minutos depois, para iniciar os preparativos do cadáver, quando da transferência para a morgue. Mas, não parecia que aquela mão se tinha mexido debaixo do cobertor?...

Mais uma vez o rapaz correu à procura do oficial de dia, que voltou com ele, examinou-me segunda vez e, de novo, me declarou morto. O jovem auxiliar durante a longa e solitária vigília noturna – estava, sem dúvida, a imaginar coisas.

Foi então que ocorreu o facto cuja importância apreendi anos depois. No momento em que dele tomei consciência, surpreendi-me, é certo; mas não a ponto de ficar mudo de assombro, como acontece hoje em dia, cada vez que medito sobre ele.

O rapaz recusou-se a aceitar o veredicto do oficial seu superior.

"Talvez" sugeriu ele "o senhor lhe pudesse dar uma injeção de adrenalina diretamente no músculo cardíaco"

Em primeiro lugar, tratando-se de um soldado raso, era simplesmente inconcebível que divergisse de um oficial, especialmente sobre assunto médico, e para mais, se se levar em conta tratar-se de alguém não especializado, enquanto que o oficial era um médico formado. Em segundo lugar, o que o rapaz sugeria era, do ponto de vista médico, ridículo.

Verdade que, naqueles tempos, antes do uso generalizado da massagem cardíaca e dos choques elétricos, se tentava por vezes em casos de paragem cardíaca – a injeção direta de adrenalina no coração. Mas só na hipótese de o coração ter parado em consequência de algum trauma ocorrido com um paciente essencialmente saudável, como num caso de afogamento, em que a reativação cardíaca oferecia alguma esperança de restabelecimento final.

No entanto, a partir do momento em que a deterioração é de todo o sistema, tendo a sua origem numa doença como a pneumonia, algumas contrações cardíacas a mais não levavam a nada. Tecnicamente, é possível conseguir alguns minutos mais de batimentos, mas isso não altera em nada a condição geral. E o meu estado era, na realidade, totalmente irreversível qualquer profissional de Medicina sabia isso. Depois de tanto tempo sem oxigenação, estaria irremediavelmente danificado.

E, mesmo assim, ciente da inutilidade do expediente, o competente oficial acolheu a sugestão daquele indivíduo sem informação, que estava ao seu lado. "Vá lá à sala de material buscar um pacote esterilizado," ordenou o médico. Assim que o rapaz voltou, o oficia) encheu a seringa com a adrenalina de um frasco e cravou-me a agulha no coração.

Os batimentos recomeçaram, embora, a princípio, irregulares. Então, enquanto os dois observavam, incrédulos, assumiram uma pulsação rítmica. Logo depois começou a respiração. A tensão arterial subiu. A expansão torácica aumentou.

Não se tratava, evidentemente, de uma rápida recuperação. Isso passou-se três dias antes de eu retomar a consciência, cinco dias antes de ser retirado da lista de casos críticos, e duas semanas antes de eu voltar a andar. Somente agora, porém, após vinte e sete anos de experiência médica, é que posso avaliar o pasmo com que toda a equipa acompanhou os meus progressos.

Quando me achei suficientemente bem para fazer perguntas, o oficial de serviço naquela noite e o auxiliar, cujo pressentimento provara estar correto, tinham, ambos, partido integrados numa unidade, através dos mares. Recebi, contudo, uma visita do Dr. Donald G. Francy, o comandante a quem o oficial de dia comunicara o sucedido naquela noite. O Dr. Francy classificou a minha recuperação como "o caso médico mais espantoso que já encontrei."

Anos depois, fez uma declaração registada no notário, em que dizia: "O virtual retorno da morte sucedido com o cabo George G. Ritchie, bem como a total recuperação da sua saúde, tem de ser explicado por outros meios que não os naturais."

9

Naquela época, os pormenores do meu restabelecimento interessavam-me muito pouco, disse a Fred Owen. Eu encarava o meu retorno a esta vida como uma calamidade: teria mesmo ficado com aqueles que trabalharam para me salvar, se tivesse tido forças para isso.

Durante a maior parte do tempo fiquei na cama, muito doente, refletindo sobre o imenso Encontro que tivera, ali mesmo, naquele cubículo. Fiquei a pensar em Jesus, com vontade de descobrir a maneira correta de falar a outros a respeito d'Ele, imaginando como me seria possível viver num sítio onde não pudesse vê-Lo.

Foi num dia em que a minha separação parecia mais fácil de suportar que alguém entrou no quarto. Viesse quem viesse auxiliar da enfermaria, enfermeiras, médicos – a verdade é que o meu coração dava um salto sempre que alguém aparecia.

A tenente Irvine – descobri que o seu primeiro nome era Rette estava particularmente interessada em "investigar," como ela dizia; e eu tentava dizer-lhe repetidas vezes o que me tinha acontecido. "Era como o sol mais brilhante que já se viu, só que não queimava..." O problema residia em me faltarem palavras capazes de exprimir, ainda que palidamente, o que tinha

acontecido. Dava-me conta de que as minhas tentativas só a desorientavam, parecendo-lhe um quebra-cabeças.

Vendo bem as coisas, Retta Irving não devia ter mais que vinte e seis, vinte e sete anos; era uma lourinha elegante, senhora de um riso agradável. Aos meus olhos é que parecera uma mulher de meia-idade, mais velha do que eu, com quem seria possível abrir-me sobre os meus problemas. Já que não conseguia fazê-la compreender a Luz e os mundos que Ele me tinha mostrado, comecei a falar-lhe sobre o meu curso de Medicina e de como eu devia ter começado as aulas, três semanas antes.

Simpatizou imediatamente com esse assunto. Dava mesmo gosto falar com ela. Por que não teria eu percebido antes como era maravilhoso olhar bem para um rosto humano e ver que ele estava a olhar para mim, falar e observar-lhe a reação?

Logo que obtive autorização para passear fora do pavilhão principal, a minha disposição melhorou ainda mais e comecei a importunar todo o pessoal com os meus pedidos de transferência para uma das camas normais, e onde tivesse gente de ambos os lados. Fiquei impressionado ao lembrar-me de como eu pessoa tímida e bastante introvertida tinha sido capaz de enfrentar uma tal experiência.

Apenas no escutismo e na Fraternidade me tinha sentido à vontade com outras pessoas; e a causa dessa descontração tinha sido o contacto permanente com o mesmo grupo. Agora, de repente, dava comigo cumprimentando ilustres desconhecidos como se fossem velhos amigos íntimos. A extrema solidão que eu tinha conhecido enquanto invisível e insuspeitado vagueava por aqueles mesmos pavilhões, tinha provocado em mim uma profunda reviravolta.

Sempre que, à noite, as luzes eram apagadas e a conversa emudecia lentamente, deitava-me, contemplando os arcos das luzes de vigília da sala, e a repensar todos os pormenores daquela extraordinária noite em que a Luz entrara, por si própria, naqueles monótonos alojamentos de madeira. Estaria Ele ainda aqui? comecei a perguntar a mim mesmo. Seria apenas devido ao brilho excessivo para os nossos olhos físicos, que nenhum de nós O conseguia ver?

Perdi a coragem de fazer uma tentativa sequer para transmitir aos outros o que tinha visto. Desencorajado e um tanto ou quanto receoso. Agradava-me tanto a recente camaradagem do pavilhão que não queria arriscar ser votado ao ostracismo, como se fosse um lunático. Não obstante, todas as noites, horas a fio, eu recordava cada uma das visões, cada som peculiar àquele tempo incrivelmente vivido. Primeiro, aquele domínio infernal, que me fora permitido olhar durante mais tempo.

Aquele lugar de onde as criaturas não podiam escapar, embora já tivessem deixado de pertencer à Terra, escravas dos envolvimentos, das

ânsias desvairadas e do orgulho cujo domínio, nesta vida, tinham permitido. A seguir, a rápida vista de olhos ao mundo em que o próprio eu ficara para trás, onde tudo era busca impessoal da verdade, onde eu quase pudera imaginar-me no paraíso, se excetuarmos aquela fugaz revelação. E, então, a cidade gloriosa vira-a durante um breve instante e – no entanto era a cena mais nítida de toda a experiência... a mais dolorosamente nítida.

Que significado teria aquilo tudo? Por que razão, de entre todas as pessoas, fora eu aquela a quem tais coisas deviam ter sido mostradas? E, principalmente, que devia eu fazer com tudo aquilo, agora?

Era isso que Fred Owen me perguntava, afundado na cadeira de braços perto da minha, contando o tempo das palavras entre inspirações feitas a muito custo.

"E isso teve alguma importância de peso?", perguntou ele. "Quero dizer, fez diferença na sua vida, naquilo que você realizou? Porque, de contrário, a coisa é toda ela muito fascinante, um caminho íntimo para Deus, e toda essa história; mas, não vejo em que isso possa interessar!"

Um caminho íntimo… Teria eu detetado uma ponta de inveja naquelas palavras? Se fosse isso, era óbvio que eu não conseguira transmitir a essência da experiência.

Lembrei a Fred que aquilo não era uma viagem direta para o Paraíso. Se é que, de alguma forma, eu tinha visto o paraíso, isso passara-se a uma enorme distância, inatingível pela pessoa que eu, nessa altura, era, ou por aquela em que imaginava poder transformar-me. Nem acreditava que um miúdo na casa dos vinte pudesse ter mergulhado nas profundezas do Inferno; eu não tinha visto, por exemplo, o lago de fogo de que fala a Bíblia.

O que, porém, tinha visto da outra vida, tal como, aparentemente, estava a ser vivida por gente muito semelhante a mim, era Inferno. O bastante para me encher de terror em relação a qualquer atitude, hábito ou prioridade que me pudesse levar a uma existência como qualquer das que tinha visto. Disse a Fred que, a partir daquela noite, no Texas, nada se tinha passado comigo por acaso; nenhum encontro com pessoas tinha sido destituído de importância. Desde aquela altura que eu, em cada minuto de cada dia, eu me consciencializava da presença de um mundo maior.

E era bastante estranho ter sido a glória daquele mundo – e não o terror – que me tivesse tornado tão doloroso o regresso a esta vida. O contraste entre o amor de Jesus e o Mundo no qual me encontrei para continuar a viver, fez com que o ano a seguir à doença tivesse sido o mais difícil da minha vida.

"Que diferença faz?" tinha-me perguntado Fred. Eu sabia que para lidar honestamente com ele tal como eu concordara em fazer – era necessário contar-lhe, e contar-lhe honestamente, o que veio a acontecer depois.

10

Três semanas depois do meu encontro astral* com Cristo, a tenente Irvine parou junto da minha cama com boas e inesperadas notícias. A Escola Médica da Virgínia tinha deixado em aberto a minha matrícula! Deveria apresentar-me às aulas, logo que pudesse viajar para Leste.

Uma vez mais, a minha convalescença se transformou numa luta contra o tempo: cada dia de aulas perdido significava mais trabalho para compensar, menos oportunidades para acompanhar o programa. "Não estamos autorizados a mostrar aos doentes as suas papeletas, mas digo-lhe, com plena certeza, que não o deverão deixar sair daqui antes de engordar uns sete quilos."

**N. T. "Astral" é empregue, nesta frase, por exigência de tradução. É verdade que a qualidade de consciência, a cujo nível o fenómeno deve ter ocorrido, pode implicar o entendimento de que o veículo de quintessência da matéria seria, antes, um campo estruturado de energia mental. A "distância," que parece dimensional, entre a "Luz" e a pessoa que teve essa perceção, fora do corpo físico, pode ser evidência de que o ser luminoso se encontrava na fronteira de uma outra faixa de vida, para além daquela em que se deslocava o Dr. Ritchie, permanecendo, todavia, a sua estrutura, que bem poderia ser quântica, polarizada à matéria astral dos seres vivos assinalados pelo autor. (experiência "out-of-the-body experience" Como, porém, a OOBE extracorpórea) costuma encontrar ressonância, ou pelo menos harmonia, com a expressão "desdobramento astral", resolvi manter essa expressão.*

Comecei então a comer, a empanturrar-me com puré de batata, que se colava à minha boca ressequida como se fosse pastilha elástica, e a beber leite até não poder mais.

Até que, num dia claro e ventoso de janeiro, exatamente um mês depois de ter sido escolhido para frequentar o curso de Medicina, recebi do hospital do Campo Barkeley a alta oficial. Fiquei a olhar para a passagem de comboio que tinha na mão. O Exército não me tinha reservado um simples assento, mas uma cabina-cama para que eu saísse de Abilene na tarde seguinte, o que era um luxo nunca visto, tratando-se de um soldado raso.

Além disso, levava comigo uma indicação de que tinha ainda uma longa recuperação à minha frente. Quando me deram alta, o meu peso, conforme constava dos documentos, era de sessenta quilos e oitocentos gramas, menos vinte que os oitenta e oitocentos com que me apresentara ao serviço. E eu sabia que quase sessenta e um quilos eram, pelo menos, sete quilos a mais do que eu já tinha pesado.

Mas o que interessava era eu estar a caminho da Escola Médica: tinham-me reservado o lugar! Telefonei à minha madrasta para a informar da hora de chegada do comboio a Richmond. Durante toda a minha hospitalização, ela tinha-me escrito com regularidade, dizendo saber que eu estava doente demais para responder. Sentia-me feliz por deixar as coisas correr daquela maneira, feliz com a correspondência do hospital que a tinha mantido informada. Nunca tinha tido muito jeito para comunicar com ela.

Olhei pela janela da carruagem, à medida que a paisagem dos campos ficava para trás. Texerkana Little Rock... Memphis... diversos comboios, locomotivas diferentes puxando o comboio, sempre em direção ao Leste.

Começámos a subir para Charleston, a partir do Oeste da Virgínia, cuja fronteira cruzámos. Como tudo era belo Convington, Clifton Forge, Waynesboro. Os riachos a serpentear, as florestas onde acampara com o meu grupo, nos tempos de escutismo… Descemos depois a encosta leste da Serra Azul em direção a Charlottesville e, finalmente, eis-nos direitos a Richmond.

Mais uma vez escurecia quando chegámos à cidade, quarenta e oito horas depois do embarque em Abilene. Por baixo das linhas do comboio aéreo, arrastava-se o tráfego da hora de ponta, pára-choques encostados a pára-choques, através das ruas enlameadas. No meio do crepúsculo antecipado característico do Inverno, distingui, mais adiante, a vasta massa de tijolos do Armazém da Rua Principal.

Com o coração aos saltos, tremia dentro do sobretudo. Fosse pela fraqueza ou pela excitação de me encontrar em casa, fosse pelo que fosse, as minhas pernas tremiam e o peso do capote quase me deitava abaixo. Pela janela da carruagem, pude ver que a plataforma da estação estava apinhada de viajantes, a maioria de uniforme, como eu.

Avistei, então, a minha madrasta. Alta, mais magra do que a recordava, com os cabelos castanhos que lhe chegavam à cintura, presos num rolo debaixo do chapéu, caminhava ao longo da plataforma arrastando atrás de si Henry, que já tinha feito dez anos.

Tirei debaixo do banco o meu equipamento e, com dificuldade, avancei pelo corredor do comboio; em Abilene, tinham incumbido alguém de carregar com a pesada mochila em vez de mim. A minha madrasta reconheceu-me, mal desci os degraus. Um segundo depois, já os seus braços me apertavam, enquanto Henry tentava trepar-me pelas costas acima.

Ela não disse uma só palavra a respeito da minha aparência; dei mais uns passos e ela esticou-se para me tirar a mochila. Provavelmente com a mesma intenção, levou-nos ao elevador, em vez de nos fazer chegar à rua pela escada, enquanto me ia pondo a par de uma quantidade de notícias sobre a família.

Bruce Gordon estava constipada e de cama. O Natal tinha sido vazio, porque nem o pai nem eu estávamos. A avó Dabney tinha-me convidado para tomar o peque- no almoço no dia seguinte, em "Moss Side," antes da minha apresentação na Faculdade de Medicina, às 9 horas. "Podes ter a certeza de que vais comer sonhos."

Quando mais tarde, naquela noite, Henry e Bruce Gordon já dormiam, a minha madrasta e eu sentámo-nos na sala de estar, para eu beber a gemada que ela me tinha preparado.

"George?"

Levantei a vista e encontrei os seus olhos castanhos fixando os meus. "Aconteceu-te qualquer coisa, George. É algo de que possas falar?"

Encolhi os ombros, impotente. Enquanto criança tinha sempre suspeitado de que ela podia ler os meus pensamentos. E eis que, de súbito, ali mesmo – naquela sala de família com a foto do meu pai sobre a escrivaninha, sucedeu uma coisa esquisita. Depois de ter estado, semanas a fio, tentando descrever a mais alguém a minha experiência de desdobramento, vi-me, de repente, a atingir o alvo. Ou seja, a contar tudo à minha madrasta, àquela mulher a quem durante toda a minha vida eu tinha oposto uma certa resistência em termos de comunicação. Eis-me a confessar-lhe o que tinha sido incapaz de dizer a quem quer que fosse.

Ouvi a minha voz a descrever-lhe como tinha saltado da cama e, ao virar-me, dera com um jovem ainda ali deitado. Discorri sobre o voo frenético em direção a Richmond e sobre o regresso ao Campo Barkeley à procura de mim mesmo; sobre a Luz e a viagem que fizemos juntos...

Ela ouviu todo o relato sem pronunciar uma palavra. Raras vezes mudou de posição no sofá, perscrutando o meu rosto com aqueles olhos que não perdiam coisa nenhuma. À medida que eu falava, ia-me dando conta do surpreendente que era aquela torrente de palavras na boca de um jovem como eu, que habitualmente

parecia ter a língua bloqueada. Não se tratava de ela acreditar em mim, o que até aconteceu... Tratava-se, na verdade, de alguma coisa que se passava dentro de mim, uma surpreendente mudança de ponto de vista, chegando ao extremo de eu me ver, em dado momento, a olhar, não para a madrasta de George Ritchie, mas para Mary Skeen Ritchie, uma pessoa com a sua própria história.

Pela primeira vez na minha vida, eu olhava devida- mente para a jovem e intrépida mulher, que não apenas assumira o papel de mãe em relação a Mary Jane e a mim, mas que tinha sido a administradora severa de uma família, cujo chefe só estava em casa aos fins de semana.

Embora eu continuasse a falar, "ouvi" algo que o meu pai me tinha contado um dia, algo a que nunca tinha prestado atenção: que havia sido a nossa madrasta quem teimara em aguardar três anos para engravidar, de modo a que Mary Jane e eu pudéssemos tê-la exclusivamente para nós.

Continuei a falar a respeito da cidade celestial, e de como eu ansiara vê-la mais de perto. Todavia, o que pela primeira vez estava a compreender, era a grande ameaça que o novo casamento do meu pai tinha representado para a avó Dabney, o porquê de tão frequentemente ela me ter recordado que Mary Skeen não era a minha verdadeira mãe. Lembrei-me do meu retraimento na juventude, da minha teimosia e hostilidade; agora, porém, eu estava a poder avaliar a mágoa que tudo aquilo deveria ter causado àquela mulher adorável, sentada à minha frente.

Quando terminei a minha história, ficámos ambos. em silêncio durante longos minutos. Finalmente a minha madrasta sussurrou:

"George, Deus confiou-te grandes verdades!"

E ainda o faz, pensei! Agora mesmo, enquanto eu discorria sobre a absoluta aceitação que encontrara nele, nascia em mim um dom completamente novo, que era aceitar Mary Skeen por ela própria.

Que misterioso poder estaria contido na simples narrativa dessa experiência? Tinha ficado a magicar no que Deus esperava de mim, depois de tal encontro... Pura e simplesmente falar sobre o que se tinha passado? Seria isso uma parte da resposta?

Se, contudo, o regresso ao lar tinha sido melhor do que eu esperava, o início das aulas, no dia seguinte, foi pior. Eu tinha de lutar contra o desfasamento de um mês em relação ao resto da turma; mal poderia levar para casa a pilha de livros que me deram, e abandonei todas as esperanças de leitura e compreensão.

Naquela semana, durante as aulas, os mestres deixaram voar palavras decassilábicas em Latim. Só via estudantes à minha volta, ocupados a escrevinhar nos cadernos, enquanto eu tentava simplesmente entender qual era o assunto.

A minha saúde também se voltou contra mim. O simples caminhar de uns edifícios para os outros, dentro da própria cidade universitária, me deixava exausto; e o concentrar-me numa palestra mais do que alguns minutos era completamente impossível.

Durante as noites, a minha cabeça estalava e eu percebia que tinha estado a dormir sentado à secretária.

A cada aluno do primeiro ano tinha sido entregue uma pasta castanha, de papel vulgar, contendo uma coleção de ossos humanos costela, vértebra, cúbito e rádio que era necessário conhecer muito bem. Um dia, sem saber

onde tinha deixado a minha pasta, voltei, ansioso, ao laboratório de anatomia. "Viu, por acaso, a minha sacola dos ossos?" perguntei a um estudante que estava de pé junto da porta.

Ele olhou de alto a baixo a minha fraca figura, e respondeu: "Claro, meu velho! Está de pé, mesmo à minha frente!"

E foi assim que, lentamente, fui entrando numa fase destrutiva. A preocupação principiou a corroer-me o tempo de estudo. O rendimento piorou, e a preocupação cresceu mais ainda. Todos os outros pareciam extremamente seguros e confiantes no que faziam. À medida que as semanas passavam, comecei a sentir-me como um débil mental perdido no meio de génios.

E então, em maio, aconteceu uma coisa maravilhosa. Já havia alguns anos que conhecia Marguerite Shell; desde que o seu irmão Bob se inscrevera na Phil Gama, na Universidade de Richmond. Bob Shell tornou-se rapidamente o meu melhor amigo. Conheci Marguerite em casa dele, em Lawrenceville, uma pequena cidade mais ou menos 112 Kms. a Sul de Richmond.

Ela era uma garota do tipo "mignon," de cabelos castanhos e olhos azul claros. Achei Marguerite Shell a miúda mais bonita que eu já tinha visto. Quanto a encontros, porém, eu estava ciente de não ter a menor hipótese. Ela era muito requestada; com efeito, logo depois de nos conhecermos, foi "fisgada" por outro Irmão da Fraternidade.

Bob Shell estava agora a trabalhar no projeto Navy V-12, na Universidade de Richmond. Uma noite, telefonou a dar-me boas notícias. Marguerite e o tal rapaz tinham acabado o namoro.

Aquilo foi para mim uma surpresa, mas surpresa maior foi quando liguei para ela, a marcar um encontro, ela ter acedido. O racionamento de gasolina, em tempo de guerra, era um problema; mas falei com a avó Dabney e pedi-lhe que me emprestasse o seu Oldsmobile e me desse senhas de racionamento para uma viagem de ida e volta a Lawrenceville. Aquele Oldsmobile 1941 era um dos carros mais bonitos que tinham sido construídos; tinha uma forma aerodinâmica e o radiador cromado. Fiquei a imaginar o figurão que eu faria dentro daquele carro ao dirigir-me para casa dos Shell.

De certo modo, o meu amor-próprio ficou ferido quando Marguerite olhou por cima do meu ombro para a porta do carro e perguntou: "Onde está o Bob?" Não como era óbvio à espera de obstante ter estado nós os dois, ela saiu comigo e passámos uma noite maravilhosa. Depois disso, passei o meu tempo disponível mendigando na escola dispensas de oito horas e, na família, senhas de gasolina.

Lá pelo meio do Verão, já eu sabia que desejava Marguerite para minha mulher, mais do que qualquer outra coisa no mundo. Sabia, também, que

não poderia pedir quem quer que fosse em casamento sem lhe contar o mais importante acontecimento da minha vida. Foi assim que, gaguejando e com temor, tentei inúmeras vezes descrever-lhe o que tinha acontecido no hospital de Barkeley.

E, sempre que o fazia, via o brilho da sua face desvanecer-se e os olhos azuis mostrarem maior ansiedade, o que me obrigava a mudar de assunto à pressa. Era evidente que ela interpretava essa ocorrência como ilusão mental. De qualquer modo, à semelhança do que se passava com muitos casais durante a guerra, tentámos ser mais práticos e objetivos e afastámo-nos instintivamente dos temas morte e futuro.

Então, em agosto, fui chamado a comparecer perante um dos diretores da Escola. Na sua pequena sala onde mal se podia respirar, comunicou-me que eu voltaria para o Serviço Militar a menos que obtivesse a nota B tanto em Bioquímica como em Bacteriologia, nos exames finais daquele período.

Além disso, teceu críticas pouco lisonjeiras sobre a minha cabeça e sobre a incompetência mental de quem me tinha admitido no programa, enquanto, de pé, em sinal de respeito, eu permanecia a quase um metro entre a porta e a sua secretária, sentindo que me abandonavam os últimos vestígios de autoconfiança.

Estava demasiado envolvido nos meus próprios problemas para entender que aquele homem utilizava a mesma linguagem sarcástica contra todos os estudantes, o que, sem dúvida, fazia parte de uma estratégia calculada para, antes que conseguíssemos chegar à frente de batalha como médicos de campanha, afastar os turbulentos e os autoconfiantes. No que me dizia respeito, a sua avaliação limitava-se a confirmar a minha própria: eu era burro demais para ser médico

Ao longo das seis semanas seguintes, enquanto me debruçava sobre montes de livros, as palavras que ele tinha dito soavam-me na cabeça como um disco empenado. As minhas médias foram, naquelas disciplinas, correspondentes a De E!

Fui de novo chamado ao seu gabinete, no dia 25 de setembro. As suas primeiras palavras foram enérgicas e oficiais. Tratava-se da convocação imediata para o Campo Barkeley. Igualmente efetiva era a reclassificação para serviço ativo no estrangeiro.

E juntou em nota pessoal:

"Ritchie, se você regressar vivo desta guerra, toma- rei pessoalmente as medidas necessárias para que nunca consiga ser admitido nesta ou noutra Faculdade de Medicina. Você fez perder tempo aos professores e ao pessoal e impediu que outro estudante, capaz de aproveitar bem tal oportunidade, beneficiasse do Programa. Vou tratar de que você nunca mais gaste o tempo e os recursos da profissão médica."

Não me lembro de como consegui chegar ao "hall" Só me lembro de ter visto gente muito atarefada a passar à minha frente, pessoas que estavam nos lugares em que deviam estar; lembro-me também de ter reparado que, eu andar para a direita ou para a esquerda, para cima ou para baixo, não fazia a mínima diferença a quem quer que fosse.

Foi o dia mais frio de toda a minha vida.

Por coincidência, era também o meu vigésimo primeiro aniversário.

No dia em que se esperava que a vida começasse, a minha tinha perdido o seu objetivo. Que fazer senão voltar à recruta na poeira do Texas e por fim receber, eventualmente, uma bala em qualquer lugar da Europa ou da Asia? Por quê, Jesus? Por que não pude, logo de início, ficar junto de Ti?

O pior de tudo era que a minha madrasta tinha planeado uma grande festa de surpresa para mim, naquela noite. Marguerite, que, por essa altura, estava a trabalhar em Richmond, iria estar presente. Minha irmã, Mary Jane, cujo marido estava no Pacífico, também vi- ria; tal como a irmã mais velha de Marguerite, com o marido, e muitas outras pessoas. Haveria presentes e parabéns, e não faltariam os cartões com óptimos votos para o futuro.

Encaminhei-me, vagarosamente, para o meu armário individual e demorei o máximo possível de tempo a esvaziá-lo. Textos de Medicina, cadernos de anotações cheios de páginas com borrões de tinta; a minha sacola de ossos. E agora?... Como poderia pedir a Marguerite que casasse comigo, quando mesmo que regressasse vivo da guerra não teria depois meios para a manter?

Veio-me ao pensamento como seria fácil subir ao laboratório de Química e misturar alguns ingredientes dentro de uma proveta. Eu podia ser burro demais para ser médico, mas tinha aprendido o suficiente nas aulas sobre venenos; não seria o primeiro ex-estudante de Medicina a escolher esse caminho de fuga.

A imagem ocupou a minha mente durante uma fração de segundo, mas foi logo substituída por outra: os suicidas que eu vira algemados às situações de que haviam tentado fugir, num sítio onde um minuto poderia durar uma eternidade. Se naquela noite eu não fosse capaz de enfrentar o desapontamento de Marguerite em relação a mim, como o suportaria num verdadeiro "para sempre"?

Vi aqueles olhos torturados, ouvi-lhes o "desculpe-me" numa repetição sem fim, sem que as súplicas, por um momento que fosse, chegassem aos ouvidos a que se dirigiam e eu sabia que tudo aquilo se interporia, para sempre, entre mim e qualquer impulso sério de supressão da minha própria vida.

Apareci na minha festa de aniversário. Soprei as velas do bolo, desembrulhei fitas e papel de seda, e ri com as piadas a propósito do dinheiro que os médicos ganhavam. Então, quando os outros se foram embora, contei à minha madrasta e a Marguerite.

Foram, ambas, maravilhosas, recordando-me que, naquele momento, já um quarto da turma tinha sido eliminado. Marguerite salientou que, além de mim, mais alguém estaria dececionado, o que só me fez sentir pior em relação à garota de quem me estava a despedir.

É claro que na gíria do Exército "imediatamente" significa "depois de uma espera infinita", e assim se passaram quase três semanas até chegarem as ordens para me voltar a apresentar no Campo Barkeley. Saí cedo, numa manhã de outubro, com três outros estudantes de Medicina que, como eu, não tinham conseguido acompanhar o programa. Um deles tinha um automóvel, um velho Plymouth preto; combinámos revezar-nos ao volante.

Formávamos um grupo bastante calado, no nosso caminho para Oeste, no meio das gloriosas cores outonais. Pensei no meu Pai, algures em França. A grande invasão do Dia D dera-se quatro meses antes e a unidade de meu pai seguira as primeiras tropas, das testas-de-ponte nas praias até ao interior da França. Foi durante esse tempo que o meu Pai deu a sua grande contribuição para a guerra.

Os Alemães, ao baterem em retirada, tinham sido forçados a abandonar uma das grandes reservas naturais da Europa: as terras turfosas da Bélgica e da França, que constituíam vastos reservatórios naturais de combustível. Para evitar que essa riqueza caísse nas mãos dos Aliados, os Alemães em retirada inundavam sistematicamente os pântanos baixos, inutilizando-os por muitos anos, segundo muita gente pensava.

O problema foi entregue a meu Pai: em seis semanas ele pôs tudo operacional. O meu Pai era um herói, o seu nome foi mencionado em histórias nos jornais e em relatórios oficiais.

E o filho dele? Dirigia-se ao Campo militar onde estivera, precisamente, treze meses antes.

A única perspetiva radiosa que durante aquele calmo outubro apareceu no meu horizonte, foi a da carta chegada de França uma semana antes, sugerindo que o meu pai poderia vir a casa pelo Natal.

Na primeira noite de viagem não passámos de Cincinnati; não falámos muito, estavam todos embrenhados em pensamentos iguais aos meus. No dia seguinte, descansámos um pouco, revezando-nos ao volante. Falámos sobre as namoradas, os acontecimentos mundiais, as pescarias que tínhamos feito ou deixado de fazer durante o Verão ou seja, falámos de tudo, menos da Faculdade de Medicina e da guerra.

Louisville, Memphis. Chegámos ao Mississipi ao entardecer do terceiro dia e dirigimo-nos para Sul, ao longo da margem oriental, rumando em direção a Vicksburg para a travessia do rio. Milheirais e plantações de açúcar estendiam-se, vazios, longitudinal e transversal- mente a ambas as margens do Mississipi; eram quilómetros e quilómetros de restolho ocre, ao Sol poente. Atrás de nós, sobre uma alta planura, ficava Vicksburg. Era Pete que ia a conduzir, os outros prestavam atenção às indicações relativas à ponte que apareciam no nosso mapa.

Na cidade, Pete entrou por uma rua que descia em direção ao rio. "Algum sinal?" perguntou-me por cima do ombro. Do ângulo em que me encontrava, no banco traseiro, cabia-me vigiar a janela da esquerda.

Não respondi. Durante o último quilómetro, a minha boca tinha secado, o meu estômago estava tenso. Algo no traçado daquela cidade me parecia estranha e impossivelmente familiar.

Sabia que nunca ali tinha estado, mas, apesar disso, conhecia exatamente o aspeto que a margem do rio ia ter na curva seguinte, como iam ser os cruzamentos... Lá estava! Tal como eu soubera por antecipação. E, de súbito, eis que era capaz de jurar que, bem à frente, naquela mesma rua, a alguns quarteirões de distância, iríamos dar com um prédio de cor branca, telhado vermelho, com os dizeres "Café" em letras de néon por cima da porta.

"Olha ali! Vira à esquerda!" O tipo da frente, junto de Pete, apontou para uma pequena placa indicativa, na esquina. "A ponte deve ficar para trás, naquela direção".

Pete reduziu a velocidade e estendeu a mão, fazendo sinal de que ia virar à esquerda.

"Por favor!" – a minha voz soava com uma certa aspereza "Não pares, Pete! Continua em frente".

O rapaz que tinha visto a sinalização virou-se para trás. "A placa diz que é por ali!", disse ele.

"Eu sei. É que... gostaria de passar mais alguns quarteirões nesta direção. É só isso".

Agora todos os meus companheiros olhavam para mim. "Pensei que tinha reconhecido uma coisa", disse-lhes eu.

Pete encolheu os ombros e endireitou o volante. "É muito longe?", perguntou, acelerando devagar.

O meu coração batia demasiado para que pudesse falar. Um quarteirão adiante, à esquina, do meu lado, estava um Café todo branco, com um telhado vermelho, que se encontrava aberto toda a noite. O anúncio

luminoso, por cima da porta, estava ofuscado pelo brilho da luz do dia, mas mesmo assim podia ser visto, apoiado na janela da direita.

Ali estava a calçada onde eu caminhara ao lado de um homem que não podia ver-me. Mais além, a cabina telefónica junto à qual eu ficara tanto tempo... Quanto tempo? Em que tipo de tempo e sob que espécie de corpo?

"Para!", gritei. Pete ia a passar em frente do pequeno restaurante. Carregou no travão... percebi que todos me fitavam outra vez. Tratava-se de uma rua vulgaríssima, semelhante a dúzias de outras que tínhamos percorrido, desde a nossa saída de Richmond.

"Pensava que nunca tinhas estado no Mississipi!" disse Pete.

A minha mão transpirava, segura ao fecho da porta. Estava doido para saltar do carro e atravessar aquela rua até à cabina de telefone. Queria abrir a porta daquele Café, entrar e observar quem lá estivesse. Queria fazer algumas perguntas: que horas são? por exemplo Qualquer coisa, só para ouvir a minha própria voz e escutar a resposta.

Soltei o fecho e forcei os meus olhos a afastarem-se do café da esquina. Só então respondi à pergunta de Pete: "Eu também..."

Que mais podia dizer? Que tinha estado ali uma noite enquanto permanecia deitado numa cama de hospital, no Texas?

Pete rodou o volante com impaciência e seguiu as placas, subindo as rampas que levavam à ponte. Mas, sobre o mapa que estava no meu colo, o meu dedo passando por traçou uma linha: Abilene, no Texas Arkansas e Louisiana uma linha reta, exatamente a Leste, de Abilene a Vicksburg, no Mississipi. Enquanto atravessávamos a extensão de água, larga e barrenta, uma voz dentro de mim fazia-se ouvir com muita nitidez:

Foi então, aqui! Vicksburg, Mississipi. Foi aqui que parei durante aquela impetuosa corrida sem corpo. Aqui me detive, aqui raciocinei, daqui regressei...

12

Dessa vez, fiquei apenas duas semanas no Campo Barkeley. Claro que os soldados com quem eu tinha feito a recruta tinham embarcado, entretanto, para as frentes de batalha por todo o mundo, e, desde então, outros grupos de recrutas tinham ido e vindo. Fui indicado para o Corpo Médico-Administrativo, em virtude da minha instrução médica, e integrado numa companhia de reserva, aguardando mobilização para um hospital de campanha. A rotina do Campo era a mesma para todos: marchar dez horas por dia no meio da poeira que entupia a garganta e feria os olhos.

Na primeira hora de folga, corri até ao hospital para visitar a tenente Irvine. "Foi um erro", disse ela, quando lhe falei sobre o meu

aproveitamento medíocre na Faculdade. "Você sabe que ainda não estava a cem por cento quando saiu daqui. Na próxima vez, depois da guerra, há de sair-se melhor!"

Ela parecia ter tanta confiança em mim que não The contei o que o administrador dissera. Como desejava falar-lhe sobre a passagem por Vicksburg e a visão do café onde eu tinha parado, enquanto o meu corpo físico tinha ficado deitado, ali mesmo, naquele pavilhão hospitalar! As minhas desastradas tentativas de descrição a Marguerite tinham-me contudo ensinado uma coisa: falar sobre os acontecimentos daquela noite era algo que exercia um estranho poder um poder que Deus poderia aplicar.

Mas teria de ser de acordo com a sua sincronização, como se tinha verificado com a minha madrasta, na nossa sala de estar, na noite do meu regresso a Richmond. Não era uma faculdade que eu pudesse empregar segundo a minha livre vontade, discorrendo sobre o assunto quando bem me apetecesse e pelas razões que entendesse. Se o fizesse, tal como aconteceu com Marguerite, sairia uma verdadeira confusão

No começo de novembro, fui mandado para o Campo Rucker, no Alabama, para instrução de técnico médico-cirúrgico, no 23º Hospital da Retaguarda. A guerra prosseguia na Europa e unidades como o 123º eram formadas e embarcadas para a Frente, logo que completas. Só consegui um fim de semana livre, bem antes do Dia de Ação de Graças, para uma rápida viagem do Alabama até Virgínia, e uma breve estada com Marguerite e a minha família.

A minha madrasta ainda esperava que o meu Pai – todas as estivesse em casa pelo Natal, e minhas esperanças consistiam em conseguir vê-lo antes de partir para França.

O 123º tomou o comboio no Campo Rucker, na véspera de Natal de 1944, passando pelo Campo Kilmer, em New Jersey, a caminho do embarque. Durante aquela noite, ao tentar conciliar o sono, no leito superior do beliche, os meus pensamentos continuavam a voltar à véspera do Natal anterior, em que acordara numa cama de hospital cheio de dores no peito, e recordando a mais amorosa presença que jamais conhecera.

Onde teria Ele estado durante o ano que passou? Onde teria estado esse Jesus que eu conhecera? Ele aquela Luz não podia ter mudado, nem ido embora – era onipenetrante demais para que eu pudesse imaginar qualquer lapso de tempo ou extensão do Espaço que Ele não preenchesse. Mas aquilo, agora, era simples imaginação. Por que é que Ele não dava uma ajuda à maneira como eu conduzia as coisas? Talvez esperasses

dizia eu com os meus botões que qualquer indivíduo que tivesse passado por uma experiencia como a tua, ou tivesse tido um pálido vislumbre do amor que serve de alicerce ao universo. nunca mais se aborrecesse com acontecimentos exteriores.

Eu, porém, aborrecia-me. Estava mesmo terrivelmente aborrecido. Irritava-me a fanfarronice daquele sargento sentado três filas à minha frente; ele e o cheiro do seu enorme charuto que empestava a carruagem. Incomodava-me a troça que os homens do 123º especialmente os do Norte, vindos das grandes cidades – faziam do meu sotaque sulista e das minhas ideias provincianas. Em vez de, agora, estar apto a sacudir todas essas coisas, ei-las que se impunham e cada vez me perturbavam mais.

Pela manhã, o comboio parou com certa demora num trecho escuro da via férrea. Passava uma estrada nas proximidades; uma vez por outra, via faróis de veículos a atravessar uma colina, à minha frente. Rompeu a alvorada, fria. Qualquer coisa parecida com um caroço, subiu-me à garganta. Estávamos no Campo de Manobras de Acca, na periferia de Richmond, Virgínia, a menos de dois quilómetros de minha casa.

Lá estavam as instalações do velho Caminho de Ferro de Richmond, Fredericksburg e Potomac, onde o avô Dabney me trazia para ver os comboios. E aquela ponte! Devo ter pedalado na minha bicicleta mil vezes sobre aquela estrada, entre a minha casa e "Moss Side."

Era manhã de Natal e a minha família estava ali, a pouco menos de dois quilómetros, do outro lado da- quelas árvores. A nostalgia que eu lutara por abafar extravasou numa inundação. Seria que Henry e Bruce já estavam a pé? Eles eram sempre os primeiros a levantar-se no dia de Natal. E o meu Pai? Teria chegado a casa ontem? Seria que estávamos a menos de dois quilómetros um do outro, naquele mesmo instante, depois de termos estado separados por milhares de quilómetros e uma guerra?...

Por volta das 7 horas, houve uma sacudidela e um ranger de rodas; o comboio retomou a marcha. Acelerando, travando, parando, levou todo o dia a andar antes de chegarmos ao Campo Kilmer. Foi o Natal mais longo da minha vida.

Falei com a minha família de uma cabina telefónica, algures no Campo. O meu Pai tinha chegado a casa na véspera de Natal.

Ainda não era conhecida a data da minha partida, é claro, mas deram-me uma licença de doze horas, no dia 28. Não chegava para voltar a Richmond, mas conseguiria ir até Washington e regressar.

E foi assim que a família veio, de comboio, até Washington e eu desci de New Jersey ao seu encontro. Antes mesmo de a minha carruagem parar, vi-os de pé, na gare da Estação Nacional de Washington, embora um momento antes já tivesse reconhecido um homem de cabelos grisalhos, parado junto da minha madrasta. Quando foi para a Europa, o cabelo do meu pai era negro como azeviche. A sua cabeleira e os traços do seu rosto testemunhavam bem aquilo por que tinha passado.

Era próprio do seu feitio conversar apenas sobre temas alegres como a família estava com ótimo aspeto, como eu havia de gostar da zona rural, em França. Estivemos meia hora sentados num banco na sala de espera, pejada de gente. Depois, o meu comboio de regresso apitou e da janela, acenei, até os perder na multidão dos outros adeuses de guerra.

13

O 123º embarcou no "SS Brasil", no dia de Ano Novo de 1945, enquanto pelas docas a Cruz Vermelha distribuía sonhos e uma banda tocava "My Mama Done Tol'Me". Já viajávamos havia três dias quando o vapor foi atingido por uma das furiosas tempestades do Atlântico Norte. O 123º estava instalado na coberta superior do navio, logo abaixo da ponte de comando; mesmo assim, as vagas quebravam-se contra os alojamentos e a água penetrava por baixo das portas.

Nestas condições, ovos cozidos pareciam ser o único alimento que as cozinhas podiam fornecer; seja como for, a maioria de nós estava enjoada demais para comer.

A despeito da tempestade, os submarinos eram visíveis. Para enfrentar as horas de tensão, sentávamo-nos quatro a quatro, nos beliches que balouçavam loucamente, prestando atenção às cargas de profundidade lançadas das plataformas inferiores, e que iam explodir dentro de água, muito abaixo de nós. Foi ao observar as tensas fisionomias à minha volta que atinei com dois elementos dos meus próprios sentimentos.

Quanto à perspetiva de sermos torpedeados e forçados a entrar nos salva-vidas, no meio daquele temporal gelado, eu estava tão apavorado como o meu vizinho mais próximo. A mecânica do morrer, o sofrimento e o pânico eram, para mim, bastante de temer, como para qualquer simples mortal.

Todavia, no que respeitava à morte propriamente dita, não só eu não a receava como dei por mim a desejar que ela viesse.

Se assim acontecesse, eu iria estar com Ele! Sairia desse mundo miserável onde homens atravessavam um oceano com a finalidade de matar outros homens; um mundo no qual, mesmo entre nós, existia tão pouco amor.*

Às 4 horas do dia 16 de janeiro, o "SS Brasil" de- teve-se no meio de denso nevoeiro ao largo do porto francês de Le Havre. A medida que a neblina se dissipava, íamos ocupando a amurada para a nossa primeira olhadela sobre a Europa.

Pouco a pouco, a névoa cinzenta levantou deixando ver cascos de aço retorcidos que tinham sido navios, um muro solitário onde fora um quarteirão de edifícios... nenhum cine-jornal me tinha preparado para a minha primeira visão de uma cidade arrasada por bombardeamentos.

O ancoradouro estava demasiado entulhado de destroços para que o navio se pudesse aproximar mais, de modo que fomos para terra em pequenas embarcações, marchando para uma fila de camiões abertos que nos transportariam até ao Campo Lucky Strike, que ficava a cerca de noventa e seis quilómetros para o interior.

A camada de neve, atrás dos carros, que tinha uns cinco centímetros de espessura, congelava rapidamente à medida que as nossas botas a pisavam. A maior parte dos soldados agachou-se junto às paredes laterais do camião para se proteger do vento cortante; eu, porém, fiquei petrificado, enquanto nos deslocávamos pesadamente através da cidade, passando por casas de que apenas as paredes tinham ficado de pé, e das quais saíam tiras de papel de parede brilhante, tremulando ao vento. Fiquei a pensar no meu pai, com a sua face marcada e o cabelo cinzento, avaliando melhor o que devia ter sido a invasão.

**N. T. Para quem já enfrentou uma experiência autêntica de projeção astral e tenha aprofundado o estudo sério, não apenas da Terra mas dos factos presenciados, deve fazer um extraordinário sentido o pensamento de Montaigne: "A morte não é difícil: difícil é morrer..."*

Em Lucky Strike, armámos as nossas tendas e sentámo-nos então sobre os catres, tentando reter e coordenar alguma impressão. Na manhã seguinte, estávamos nós a mastigar qualquer coisa quando um jeep irrompeu no acampamento com o motorista a berrar qualquer coisa sobre a destruição de um comboio. Saltámos para dentro de todos os veículos disponíveis e, durante o trajeto, conseguimos saber uns fragmentos da história. Tratava-se de soldados americanos desembarcados do "SS Brasil" que estavam a bordo da composição. Suspeitava-se de sabotagem por parte das forças francesas de Vichy.

Ao que constava, a nossa unidade localizada na coberta superior do transatlântico fora a primeira a desembarcar e a única a chegar ao acampamento por estrada. Todo o resto do navio, muitos milhares de soldados, fora acomodado no decorrer do dia e das primeiras horas da noite, num comboio tipo "pau para toda a colher", integrado por pequenos vagões de fabrico francês, que carregavam quarenta homens ou oito cavalos...

Já passava da meia noite, e ainda não tinham embarcado todos, quando começou a lenta viagem ao longo da despedaçada rede ferroviária de França. Quando se aproximava da estação de "Saint-Valéry-en-Caux", o comboio foi misteriosamente desviado para um trilho pouco utilizado, que ia dar ao edifício da estação.

Nunca tinha assistido a tal carnificina; nem podia imaginar espetáculo semelhante. Alguns dos homens tinham tido morte instantânea, muitos outros encontravam-se presos entre os ferros, gritando por socorro.

Pisámos inúmeros braços e pernas, lutámos contra o metal retorcido que nos impedia de alcançar os nossos companheiros.

Fui designado, ao que percebi, para trabalhar junto de um capitão que exercia as suas funções numa tenda de primeiros socorros improvisada. O material médico ainda não tinha sido descarregado e, por isso, durante muito tempo, só tivemos à nossa disposição uma tesoura de enfermagem, uma agulha e linha e algumas injeções de morfina.

Era a minha apresentação ao sofrimento humano em grande escala. Em tempos, acreditava que gostaria de cuidar de pessoas que estivessem a sofrer. Mas pensava em problemas normais, como o avô Dabney e a sua artrite. O que enfrentávamos hoje, no entanto, era sofrimento deliberadamente infligido por um grupo de pessoas a outro grupo idêntico. Se o ódio podia alcançar tamanho poder porque nós próprios estávamos a preparar-nos para fazer o mesmo com os outros quem poderia querer viver num mundo daqueles?

Quando o último ferido já tinha sido enviado ao hospital mais perto, de ambulância, no fim do dia de pesadelo, dei comigo a cismar no facto de a outros ter sido permitida a saída desta vida, enquanto que eu tinha sido condenado a permanecer nela. Tinha visto morrer companheiros da minha idade naquele dia e – salvo pelo muito que sofriam sentia, em relação aos mesmos, uma inveja surda. Por que havia sido a nossa unidade a única a não embarcar naquele comboio?

A pergunta veio atormentar-me, com insistência, ao longo das duas semanas seguintes, na medida em que eu me sentia a uns poucos metros, a uns poucos centímetros mesmo, da fronteira que nos separava da presença Dele, fronteira essa que nós – criaturas corpóreas – chamamos morte. O 123º viajou, depois do Campo Lucky Strike, para Rethel, França, quinhentos e sessenta e três quilómetros para Leste, onde poderíamos socorrer as tropas que estavam nas zonas de combate.

Estabelecemos o nosso acampamento hospital, quartos de dormir, refeitório no rés-do-chão de um castelo abandonado, com as suas janelas altas partidas e negras, e ervas daninhas que cobriam a estrada que o circundava. E ali, enquanto tratávamos dos feridos e moribundos, o meu anseio pela morte tornou-se obsessivo. Encarei a minha sobrevivência física como sentença protelada num julgamento, como uma rejeição, em relação a mim, por parte da Pessoa cujo amor significava tudo.

Uma tarde, estava eu sentado sobre um tronco de árvore do castelo, pedindo, mais uma vez, para ser admitido à Sua presença, quando um superior, um sargento, surgiu a correr atravessando o quintal. "Ponha-se em pé, soldado!" gritou ele. "Está na tenda um sargento da Força Aérea com a rótula quase desfeita".

Mal entrei na barraca, reconheci-o: um blusão da Força Aérea estava ao pé do armário individual e, quando o vi, o meu corpo ficou tenso. Três listas em cima, três listas em baixo, um diamante no meio: o homem não era um simples sargento mas um sargento de elevada categoria. Todos os sargentos daqueles que eu tinha conhecido eram tipos fanfarrões e tiranos.

"Como está? Chamo-me Jack Helms. Como se chama?"

Do catre, olhando para cima com olhos vitrificados pela dor e pela morfina, estava um camarada com mais ou menos a minha idade. Era evidente que ele se encontrava gravemente ferido, mas ainda assim quando lhe disse o meu nome, manifestou desejo de conhecer uma série de outras coisas a meu respeito; de onde eu era, que tipo de atividades preferia, se tinha irmãos e irmãs. Disse-me que falar o ajudava a desviar a sua mente da dor.

Alheio a mim próprio, vi-me, de repente, a fazer-lhe eu também perguntas, enquanto lhe mudava a roupa. Contou-me que era de El Dorado, no Arkansas, e que tinha estado a trabalhar lá mesmo, num "drive-in", como criado. Naquela manhã, o jeep que guiava tinha passado por cima de uma mina; por sorte fora ele o único ferido.

Um médico entrou para examinar a ferida e deu-me instruções para a manter sempre limpa. Terminada a tarefa indicada, já não havia razões para ali ficar; mas continuei a fazer-lhe companhia. Havia algo em Jack – ele não gostava que o tratassem por sargento – que levava a que se quisesse ficar junto dele. Ele fazia-me lembrar alguém, mas não conseguia descobrir quem seria.

Era um camarada alto, simpático, de rosto bronzeado e olhos castanho-escuros; mais, o seu sorriso é que era inesquecível. Ocupava-lhe todo o rosto, ia de uma orelha à outra, envolvendo tudo ele próprio, a grande tenda verde e todo o lamacento hospital num calor de reconhecimento e gratidão.

Eu já tinha tratado de ferimentos no joelho; sabia que continuavam a doer. Jack, porém, nunca falou em dores: parecia mais preocupado com os meus problemas do que com os seus próprios. Quando soube do fracasso na Faculdade de Medicina, explodiu num dos seus sorrisos radiosos. "As pessoas dizem muitas coisas!" atalhou. "Se o meu palpite está correto, ele já nem estará naquela Faculdade, quando você regressar."

O meu trabalho como auxiliar médico incluía tudo, desde carregar bandejas até dar injeções, bem como levar recados ao armazém-geral do Exército. Como os outros auxiliares, ia preenchendo o tempo até à minha rendição. Agora, para minha surpresa, passei a fazer serões e a trabalhar horas extras. Quem seria que Jack me recordava e por que é que eu me sentia tão bem quando estava com ele?

Fiquei cheio de curiosidade quando do dia de hospital – apareceu um major da Força Aérea à procura do sargento Helms. No rígido sistema hierárquico em que se estruturava o serviço, oficiais e praças mantinham poucos contactos particulares. Todavia, quando o levei à tenda C, o major sentou-se junto do catre de Jack e esteve meia-hora a falar com ele. Jack disse-me depois que aquele era o oficial que ele conduzia quando o jeep atingiu a mina e capotou. "Bem," acrescentou, "é natural que ele esteja preocupado comigo."

Por essa altura, já eu tinha descoberto que o com- portamento "natural" em Jack era, por assim dizer, diverso do comum das pessoas. Para mim, o mais notável aspeto das sucessivas visitas do major não era a receção que Jack lhe fazia, mas o facto de ele receber da mesma maneira todos os que paravam para lhe falar... incluindo eu.

Parecia não fazer distinção entre o major ou o cirurgião que o tinha operado ao joelho ou o mais inferior dos auxiliares que lhe mudava a roupa da cama Dali a uma semana, Jack já andava, embora a coxear, com ajuda de uma bengala, e, sempre que eu não estava de serviço, dávamos uma volta juntos, primeiro, pelos parques do palácio, passando pelo meio das ervas daninhas, daquilo que fora antes um jardim submerso; mais tarde, pela estrada que levava a Rethel.

Como todos podiam ver, eu estava a ajudar um aviador ferido a recuperar. Mas tinha tomado consciência de que a maior cura se processava em mim, e suspeitava que Jack também se dava conta disso.

Durante aqueles passeios, conversámos sobre tudo colégio, infância, carreiras e foi crescendo a sensação de que já tinha conhecido Jack em algum lado. Soube que era um cristão de muita fé, um protestante, embora fosse à igreja com a família católica que o adotara e tinha sido sempre muito bondosa com ele.

De repente, um dia, sem pretender contar a mais ninguém o assunto sobre que tinha conversado com a minha madrasta, acabei por lhe contar o que se tinha passado na noite em que tinha voltado do cinema do hospital e pedido ao auxiliar de plantão algumas aspirinas.

As palavras fluíam livremente, tal como tinha acontecido antes. Contei-lhe tudo: a corrida de ambulância à secção de Raios X, o despertar num quarto pequeno encontrando outra pessoa na minha cama, a descida de uma rua em Vicksburg, Mississipi, a tentativa de encontrar um peão que me pudesse ouvir.

Era a segunda vez que eu tinha sido capaz de relatar a minha experiência. A julgar pelo assombro estampado na cara de Jack, eu diria que ele nunca tinha ouvido uma coisa daquelas. A sua expressão também indicava que, nem por um instante, punha em dúvida O que eu dizia. Descrevi a Luz que tinha penetrado no cubículo. Como senti que alguma coisa entrava, ao

mesmo tempo, na minha vida... como ela tinha ficado interiormente iluminada por um Amor semelhante ao qual nada existia...

Parei, a observar Jack. Continuava a ter aquela incómoda sensação de já o ter conhecido antes. A mesma estranha impressão que me assaltou no primeiro dia em que me senti na presença de um amigo já familiar... Tinha sido Cristo quem, durante todo aquele tempo estivera a olhar para mim, através dos olhos de Jack Helms.

A aceitação. O cuidado. A alegria. Claro que reconhecia aquilo tudo. Era o que tinha encontrado, dentro de um quarto de hospital, no Texas, e agora, a mais de oito mil quilómetros de distância, eis que me encontrava novamente com Ele, numa colina, em França. Ao menos, agora, sabia de quem provinha a mensagem.

Tudo se estava a ajustar, quando demos a volta, de regresso ao acampamento. Durante algum tempo, nenhum de nós falou. Jack não me pressionou para continuar com a minha história interrompida; no seu jeito de perceber as coisas, ele parecia saber que a minha mente estava muito ocupada.

Será que a solidão que eu tinha experimentado durante aquele ano, a alienação do mundo e tudo quanto acontecera ali, não representavam mais que uma ânsia de voltar ao tempo em que tinha estado na presença Dele? Mas, seria possível encontrá-lo, quando regressasse? pus-me a pensar enquanto subíamos uma colina. A natureza intrínseca da Pessoa que eu encontrara era o seu ser-presente.

Ele era esmagador e omnipresente, de tal modo que nenhum outro tempo podia existir onde Ele estivesse. De repente, percebi que não era bom procurar por Ele no passado, mesmo quando esse passado se reportava a quinze meses atrás. Naquela tarde, na estrada que vinha de Rethel, eu soube que, se desejasse sentir a proximidade de Cristo e eu desejava-a mais do que tudo teria de encontrá-Lo na gente que ele punha à minha frente, todos os dias.

Tínhamos alcançado os limites do castelo, enquanto esses pensamentos me continuavam a ocupar o cérebro. Demos a volta por trás; lá estava o tronco de árvore onde tinha estado sentado há pouco mais de duas semanas, rezando para ser admitido à morte. E, subitamente, naquele dia fértil em autodescobertas, vim a saber mais algumas coisas.

Aquela oração tivera uma resposta.

Num certo sentido, que nunca havia podido imaginar, eu, de facto, tinha morrido. Pela primeira vez em muitos meses, eu tinha posto de lado a autocomiseração, a minha incriminação que fazia contra mim fossem quais fossem os pensamentos sobre mim mesmo o bastante para ficar envolvido com mais alguém. A lesão e a cura de Jack tinham sido o único facto a

ocupar-me a mente no decurso daquelas duas semanas. Tomando conta dele, eu tinha-me perdido de vista. E ao perder-me, tinha descoberto Cristo.

É estranho, pensei eu; também tinha sido necessário morrer no Texas, para O ver. Pus-me a imaginar se seria forçoso, antes de aprender mais alguma coisa sobre Ele, que morrêssemos cu que perecesse alguma parte teimosa de nós mesmos.

Antes de regressar à base aérea onde prestava serviço, Jack ficou mais uma semana no hospital; uma semana apenas, mas nela alicerçou-se uma amizade que viria a durar trinta anos. Ele vive, hoje, na praia de Malibu, Califórnia, e eu em Charlottesville, Virgínia, por isso não nos vemos com tanta frequência; no entanto, cada visita "soa" como se estivéssemos caminhando por uma estrada no interior de França.

Para mim, aquele passeio no campo foi o começo, o momento em que comecei a estabelecer o nexo entre a experiência de quase-morte em Barkeley, Texas, e o resto da minha vida. Concluí ter sido o primeiro passo no caminho da desistência das tentativas de retomar aquela visão de Jesus ocorrida fora do mundo, seguida da sua procura nas coisas confusas desta vida.

Aquilo não era nada fácil para um jovem soldado que passara toda a sua vida numa pequena cidade do eu tinha Sul. Católicos-romanos, judeus e negros crescido na crença de que essa gente não só era diferente de mim, mas que não era tão boa como eu. É então, Jesus, na sua misericórdia, tinha-me colocado no 123º. Deixou que começasse com Jack, porque Jack era simples; por uma questão de naturalidade, não se podia deixar de ver Cristo em Jack. Mas só muito tempo depois comecei a ver Jesus num judeu de Nova Iorque, num Italiano de Chicago ou num negro de Trenton.

Descobri ainda outra coisa que a princípio intrigou. Quanto mais aprendia a ver Cristo em outras pessoas, menos era esmagado pela morte e pelo sofrimento com que a nossa unidade lidava. Parecia-me que devia acontecer o contrário, isto é, quanto mais se amassem as pessoas tanto mais difícil devia ser observar-lhes o sofrimento. É evidente, que nunca chegou a ser fácil; mas tornou-se, digamos suportável. E eis que, mais uma vez, dei com o meu pensamento voltado para a experiência do Texas.

Cheguei à conclusão de que era fascinante recordar-me de ter vivido apenas no júbilo da Sua presença. Mas quando me lembrava mesmo de tudo, para ser franco, percebia que naquele "outro domínio" tinha ocorrido muita coisa francamente hedionda, cenas de agonia piores do que o sucedido até mesmo naquele comboio, em St. Valéry. Tinha dito a mim mesmo que desejava deixar esta terra porque tinha, visto um lugar melhor. O pós-vida que vislumbrara era, ao mesmo tempo, infinitamente mais luminoso e infinitamente mais selvagem e terrível do que a vida terrena.

Por que não havia o lado mau daquele mundo esmagado o meu espírito tanto quanto o tinham feito os aspetos negativos deste?

De regresso à minha tenda, começara a ler a Bíblia, e um belo dia cheguei a um Salmo que parecia ajudar a ver claro. "Para onde me ausentarei do Teu Espírito? Para onde fugirei da Tua face?" li no Salmo 139. "Se subo aos céus, lá estás Tu; se faco a minha cama no mais profundo abismo, lá Te encontras também."

Era óbvio... a resposta era aquela: Jesus estivera ali, naquelas cenas do abismo. Fora a Sua Luz e a Sua compaixão, através das quais eu vira o supremo horror, que haviam lançado um raio de esperança, até no Inferno.

Quando a guerra acabou na Europa, em maio de 1945, o 1230 entrou na Alemanha acompanhando as tropas de ocupação. Eu pertencia a um grupo designado para um campo de concentração situado perto de Wuppertal, encarregado de prestar socorro médico a prisioneiros recém-libertos, muitos dos quais judeus holandeses, franceses e da Europa Oriental. Esta foi a experiência mais chocante que tive.

Nessa altura, eu já conhecia de sobra a doença, a morte súbita e os ferimentos; mas verificar os efeitos da inanição progressiva, caminhar pelo meio daquelas cabanas onde milhares de homens tinham morrido aos poucos, ao longo de anos e anos, isso era uma nova espécie de horror. Tratava-se de um processo irreversível, no caso de muitos; a despeito da medicação e da alimentação que lhes podíamos fornecer sem demora, perdíamos grande número deles em cada dia que passava.

Agora, precisava realmente da minha recente auto- descoberta. Quando a abominação se tornou pesada de mais para suportar, fiz o que tinha aprendido a fazer. Fui de uma ponta à outra daqueles alojamentos, olhando para aqueles rostos, até perceber a face de Cristo a corresponder ao meu olhar.

E foi assim que vim a conhecer Wild Bill Cody. Não era esse o seu verdadeiro nome. O nome real compunha-se de sete impronunciáveis sílabas em polaco; mas como tinha longos e hirsutos bigodes caídos, tal como nos filmes do velho herói do Oeste, os soldados Americanos chamavam-lhe Wild Bill. Ele era um dos internados do campo de concentração, mas – obviamente – não devia estar ali há muito tempo; a sua postura era bem direita; os seus olhos, brilhantes; a sua energia, infatigável. Como falava fluentemente inglês, francês, Alemão e Russo, tão bem como Polaco, tornou-se uma espécie de tradutor oficioso do acampamento.

Apresentávamos-lhe todo o tipo de problemas: o serviço de documentação e registo estava, sozinho e vacilante, a tentar localizar pessoas cujas famílias e até mesmo cidades poderiam ter desaparecido. Mas, embora Wild Bill trabalhasse quinze a dezasseis horas por dia, não dava sinais de

fraqueza. Enquanto que nós outros caíamos de fadiga, ele parecia ganhar forças. "Temos tempo para isso, meu velho!" costumava ele dizer. "No fim do dia o trabalho está pronto." A sua compaixão pelos companheiros de prisão brilhava no seu rosto, e foi graças a esse brilho que eu notei como o meu ânimo estava por baixo.

Fiquei pasmado quando, um dia, os documentos de Wild Bill nos chegaram às mãos: ele estava em Wuppertal desde 1939! Durante seis anos vivera sob aquela dieta de fome, dormira, como todos, nas mesmas cabanas insalubres e sem ar, sem a menor deterioração física ou mental.

Talvez ainda mais espantoso fosse o facto de que todos os grupos do acampamento o consideravam um amigo. Ele é que servia de árbitro nas discussões entre os internados. Só pude dar-me conta de quanto isso era raro depois de ter passado algumas semanas em Wuppertal, porque aquilo era um aglomerado de prisioneiros de todas as nacionalidades, que se odiavam mutuamente, quase na mesma medida do ódio que sentiam pelos Alemães.

Quanto a estes, o sentimento de hostilidade espalhou-se tão depressa que, em alguns campos de concentração que tinham sido libertados mais cedo, antigos prisioneiros tinham empunhado revólveres, invadido as aldeias mais próximas e baleado os primeiros Alemães que encontraram. Uma parte das instruções destinava-se a prevenir esse tipo de ocorrência e – mais uma vez – Wild Bill foi o nosso maior trunfo, fazendo ver as coisas junto dos diferentes grupos e aconselhando o perdão.

"Para alguns deles, não é fácil perdoar," comentei com ele um dia, quando nos sentámos a beber canecas de chá, no centro de tratamento. E concluí: "Tantos deles perderam membros de família..."

Wild Bill recostou-se na cadeira alta e sorveu a sua bebida. "Nós morávamos no bairro judeu, em Varsóvia," começou ele, pausadamente. Eram as primeiras palavras que eu lhe ouvia pronunciar a seu respeito. "Morávamos lá, minha mulher, nossas duas filhas e nossos três garotos. Quando os alemães chegaram à nossa rua, alinharam todos contra a parede e abriram fogo com as metralhadoras. Roguei que me matassem com a minha família, mas, como falava alemão, puseram-me numa brigada de trabalho."

Fez uma pausa, talvez recordando-se da mulher e dos cinco filhos.

"Eu tinha de decidir de imediato", prosseguiu, "se devia passar a odiar os soldados que tinham feito aquilo. Era, realmente, uma decisão fácil. Eu era advogado. A minha prática tinha-me mostrado, frequentemente, o que o ódio podia fazer às pessoas, no corpo e na mente. Aliás, fora o ódio que acabara de matar as seis pessoas que eram para mim as mais importantes do Mundo. Decidi, então, que fosse qual fosse o tempo que me sobrasse de vida, iria empregá-lo no amor a todo o ser com quem viesse a contactar".

Amar todo o ser... esse é que era o poder responsável pelo bem-estar de um homem, não obstante toda a privação. Esse o poder que eu tinha encontrado num quarto de hospital, no Texas, e que eu estava começando a reconhecer, a pouco e pouco, onde quer que Ele decidisse brilhar, independentemente da noção que disso tivesse o veículo humano ao Seu serviço.

Na Primavera de 1946, regressei aos Estados Unidos, vindo da missão de ocupação na Alemanha. Marguerite e eu casámos no ano seguinte. Quando chegou o momento de lhe falar a respeito da experiência no Texas, isso sucedeu muito naturalmente e quase sem esforço, na parte que me diz respeito, tal como das outras vezes, e promovendo o aumento de amor entre nós.

Entretanto, o pensamento de Jack Helms revelara ser correto; o administrador que não poupara esforços para me ver fora da Faculdade de Medicina de Virgínia já não estava vinculado àquela instituição.

Foi o Dr. Sidney Negus o homem que se bateu pela minha readmissão. Ele era o professor que me tinha dado a nota D em Bioquímica. Desta vez eu estava decidido a não cometer o erro em que tinha incorrido antes. Percebia, agora, que o meu problema tivera início no momento em que afastara os meus olhos de Jesus, focando-os em mim mesmo. Desta vez não me preocupei com a minha fraca memória e – sem dificuldade – consegui completar o curso.

Desde o início da minha carreira, porém, descobri o que todos os médicos sabem: a Medicina não está de posse de todas as respostas. Quando confuso e colocado rezava pelo perante um desafio o que era frequente meu paciente em silêncio, solicitava a ajuda de Jesus para o diagnóstico certo e para a prescrição do tratamento. Daí resultou que Marguerite e eu introduzimos o hábito da oração em comum por todos os doentes, noite após noite.

Continuei a ler a Bíblia. Era engraçado... no tempo das celebrações religiosas de domingo, a Bíblia parecera-me, ao mesmo tempo, difícil e aborrecida. A partir do Texas, tinha-se tornado, pura e simplesmente, a descrição factual da vida. Quando, à beira do lago, Jesus dissera: "Segui-me!" a alguns pescadores, era evidente que muitos deles tinham largado tudo e corrido atrás d'Ele... quem poderia resistir? Quando ele dissera "Eu sou a Luz do Mundo," isso era simplesmente um facto verificável.

Se, porém, a minha experiência tornara a Bíblia compreensível, em virtude de eu, desde a guerra, a ler sistematicamente, era muito mais a Bíblia que me auxiliava a entender a experiência. Lendo e relendo os relatos sobre a crucificação, percebi finalmente donde viera aquela certeza, quando da presença d'Ele que já tinha compensado aquilo tudo. E era à luz da Sua ressurreição que nos mantínhamos.

Por que razão esses feitos cósmicos se aplicavam a mim como se, de algum modo, eu me tivesse apropriado deles, durante aquela cerimónia litúrgica, aos doze anos de idade – não o sabia. Mas, ao ler a Bíblia, comecei a compreender a extrema importância que têm, no Seu planeamento, as nossas vidas na Terra.

Como tinha sido grave o meu equívoco a bordo do "SS Brasil", em St. Valéry, em Rethal... como tinha errado ao detestar a minha própria vida e ao pedir-Lhe que me tirasse deste Mundo antes de a sua obra em mim estar feita. Pensei nas almas infelizes que tinha contemplado naquele primeiro domínio pós-terrestre; aquelas almas apanhadas na armadilha de ódios e luxúria, fixadas em coisas materiais que estariam, para sempre, fora do seu alcance.

De certa maneira, nenhuma delas completara o crescimento, no ciclo de vida terrestre, tivesse ele sido longo ou curto, Não tive dificuldade em acreditar que a tarefa neste Mundo assinalada por Deus a alguns daqueles jovens despedaçados na Europa tinha terminado, de modo a que estivessem bem preparados para alcançar um estádio mais próximo de Cristo. Não havia, porém, dúvidas, de que isso não tinha sucedido comigo.

A minha fixação em mim, os meus preconceitos, a minha própria integridade... como tinha ousado, com tudo isso, pedir para morrer! No meu anseio por Ele, ter-me-ia esquecido do que Jesus me mostrara?

Será que eu tinha desejado sinceramente uma eternidade em alguma existência como aquela dos seres mais infelizes com que tinha deparado, participando com eles daquela insistência na própria superioridade, sem que se importassem com a aniquilação de todos os outros?... E teria eu, então, de facto, alcançado a condição por que tanto ansiava, ao ponto de poder dizer que tinha realizado tudo o que tinha a realizar na Terra?

14

Numa noite de Inverno, em 1952, sentei-me na sala de estar a ler um exemplar da revista "Life." Estávamos quase em meados de dezembro, tínhamos acabado de realizar a festa de Natal na Faculdade de Medicina de Richmond, à qual eu pertencia havia pouco tempo. Essas festas eram anuais. Aquele número da "Life" estava cheio de receitas inéditas de perus e presuntos, intercaladas por páginas que exibiam figuras alegres de Santos. Passava eu os olhos pela revista, sem grande interesse, quando, de repente, os meus dedos se crisparam.

Desenhada na página à minha frente estava uma gigantesca estrutura esférica, seccionada pelo seu diâmetro, de modo a revelar no interior homens e máquinas. Havia uma espécie de guindaste móvel, montado sobre longarinas de aço, turbinas, um tanque circular enorme, escadas, plataformas e, em baixo, junto a uma espécie de esquina, uma pequena sala de controle.

Mas, o que me pôs o coração quase a saltar da boca não foi a aparência estranha e futurista desses objetos, mas a certeza de já ter visto aquilo tudo antes. Não recentemente… Fosse como fosse, eu já tinha contemplado, anos atrás, não um desenho daquela enorme esfera, mas a própria esfera. Também percorrera aquele singular interior; vira a passagem para a escada, ali mesmo, que dava para aquele enorme tanque de água.

Mas... era impossível! Eu não podia ter estado ali! Correndo os olhos pelo texto vi que não era possível lembrar-me daquilo:

Na semana passada, a Comissão de Energia Atómica levantou uma parte do seu véu de segredo, e permitiu que artistas da "Life" esboçassem alguns pormenores do protótipo do segundo motor atómico submarino dos Estados Unidos e da estranha instalação que o alberga. O edifício que se ergue perto de Schenectady, N. Y., vai ser a maior esfera alguma vez construída pelo homem, e custará dois milhões de dólares, com uma concha de aço medindo 68,58 m.

O artigo continuava a informar que, para evitar uma possível contaminação radioativa, os cientistas iriam construir o motor submarino dentro da esfera e submergi-lo depois, no tanque, para ensaios. Sentindo-me frustrado, deixei cair a revista sobre os joelhos. Estava tão certo de ter visto já aquela operação; e, no entanto, nunca tinha estado em Schenectady. Lembrava-me de algo que se tinha passado anos atrás, mas aquilo encontrava-se em construção nesse mesmo momento. O que tinha visto estava pronto e operacional, embora eu não fizesse ideia do que era.

como na

De repente, lembrei-me. Tinha sido na região tranquila, semelhante a uma cidade universitária, habitada por seres envolvidos em pensamentos como monges nos seus hábitos, onde tinha estado em 1943 Terra se mede o tempo – a contemplar o enorme edifício de forma esférica e a percorrer as suas complexas instalações.

O que era aquilo? Que misterioso nexo teria com a vida e o pensamento do Mundo onde me encontrava em 1952, com Marguerite a falar ao telefone na saleta e cartões de Boas-Festas alinhados sobre a mesa? Há muito que não pensava nisso, a não ser para pensar se estão certos os filósofos, ao afirmarem que determinadas ideias parecem cair não se sabe donde e simultaneamente, sobre zonas amplamente disseminadas pela face da Terra.

Tinha-me tornado cauteloso na própria pesquisa de regiões supraterrestres. Enquanto Cristo fora meu guia, nada tivera a temer. Mas, desde a minha experiência extracorpórea, nove anos atrás, tinha encontrado indivíduos tão fascinados pelo mundo dos "espíritos" que pareciam ter perdido de vista o Espírito.

Quando, naquela noite, me sentei na sala de estar, fiquei certo de que tinha chegado a hora de começar a dar a conhecer a um público mais vasto o meu encontro com Cristo. Se estávamos de facto a ingressar na era da energia atómica, sem conhecer o poder que a criou, o problema da nossa própria destruição, bem como a do Mundo, era questão de décadas.

Não bastava que o clero profissional falasse às claras, com franqueza; era de opinião que qualquer pessoa que tivesse passado por uma experiência com Deus era portadora de uma responsabilidade. E isso deve ter sido, uma vez mais, uma medida do Seu tempo: eu que não tinha sido capaz de alinhavar duas palavras, dei comigo a falar para grupos de jovens, para clubes, igrejas, enfim: para quem quer que desejasse ouvir a mensagem de que Deus é Amor, e que tudo o resto é Inferno, é negação.

É claro que a partir dessa altura eu não tinha dúvidas sobre a minha ruína profissional; e sei que perdi mesmo alguns doentes não dispostos nem desejosos de se confiarem a um "fanático religioso." Mas, era desconcertante... as pessoas cujo desprezo eu mais temia foram muitas vezes as que demonstraram maior aceitação. Quando me propus concorrer à especialidade de Psiquiatria no Hospital da Universidade da Virgínia, um amigo da equipa médica avisou-me de que não devia mencionar a minha experiência, porque ignorava qual poderia ser a reação dos restantes.

E, realmente, a primeira pessoa a entrevistar-me acabou por ser o Dr. Wilfred Abse, catedrático de Psicanálise e Psicoterapia Analítica do Departamento de Psiquiatria e uma das mais importantes figuras na Sociedade Psicanalítica da Virgínia.

Mal tinha acabado de entrar no seu gabinete, ele disparou-me a frase seguinte: "Bem, dr. Ritchie, acabo de saber que o senhor se encontrou com Cristo". Vi as minhas oportunidades na Universidade da Virgínia irem por água abaixo. O dr. Abse era judeu, um analista freudiano, e estava a fazer-me uma pergunta que exigia uma resposta. Quase num murmúrio, como tantas vezes o tinha feito, voltei-me para Jesus:

"Senhor, que digo agora?"

E as palavras surgiram, quase audíveis:

Aquele que me renegar diante dos homens também por mim será renegado diante de meu Pai.

Disse então ao Dr. Abse:

"Não posso de forma alguma negar a realidade do que se passou comigo em Barkeley, no Texas: assim como não o poderia fazer Saulo de Tarso, quanto ao que lhe aconteceu na estrada para Damasco."

Pensei que aquilo era o enterrar das minhas ilusões quanto à possibilidade de vir a ser psiquiatra. Imaginem qual não foi a minha surpresa quando

algumas semanas mais tarde recebi uma carta a informar-me que obtivera aceitação unânime do júri examinador.

Anos mais tarde, quando o dr. Abse e eu nos tínhamos tornado bons amigos, ele disse-me que aquela conversa particular tinha sido, realmente, crítica. "Todos nós estávamos cientes de que você alegava ter passado por uma experiência de projeção astral. Se, no diálogo comigo, ainda que por um momento, você tivesse negado a ocorrência, eu tê-lo-ia rejeitado como uma pessoa profundamente insegura e, mais provavelmente, como pessoa incapaz de distinguir entre realidade e fantasia".

É claro que no meu consultório, em contacto com a prática sólida e conscienciosa da Psiquiatria, é raro mencionar as minhas perspetivas de Deus. Só quando existe imperiosa necessidade, como no caso de Fred Owen, é que violo aquele segredo profissional.

Um dia, quando debatíamos as consequências da experiência do Texas na minha vida, perguntei-lhe: "Sabe por que é que todas as manhãs chego mais cedo ao consultório do que os outros médicos e o resto da equipa? É porque emprego esse tempo na oração por cada paciente que irei ver durante o dia. Creio que Jesus tem uma agenda e uma escala de tempo para cada um de nós e eu peço a Sua ajuda para que o paciente e eu, em conjunto, possamos descobri-las."

Se Jesus estava a conceder a Fred Owen apenas semanas sobre a Terra, em vez de décadas, "é porque Ele sabe que você pode terminar a sua tarefa em semanas. Você pode dar e receber perdão, pedir e aceitar desculpas. Pode libertar-se de vícios, apegos e raivas isto é, de qualquer carga que não deseje levar para um lugar onde tudo é Luz."

Não faço ideia do que se passava no mais íntimo do coração de Fred Owen: a Psiquiatria, mesmo quando os resultados são ótimos, está limitada ao que o paciente partilha connosco. O que sei é que o homem que veio ao meu consultório para o que acabou por ser a nossa última consulta, no dia 9 de maio de 1977, era uma pessoa muito diferente daquela que eu contactara, pela primeira vez, em dezembro. Claro que estava fisicamente mais fraco.

Era necessário que um vizinho o trouxesse de carro, e ele ficava deitado no sofá amarelo durante toda a consulta. Porém, as coisas que dizia, apesar de uma diria, até, o humor respiração dificílima, e a paz que havia dentro dos seus olhos, encheram-me de alegria. Ele tinha lutado contra os seus antigos patrões, na tentativa de ver as suas contas hospitalares incluídas nos serviços de saúde; eu próprio lhe passara uma quantidade de receitas. Naquela semana tinha sido notificado da decisão final: a sua pretensão tinha sido indeferida, sob o pretexto de que tinha abandonado o emprego sem aviso prévio.

"Sabe que mais, doutor?", disse-me. "Eles têm razão. Saí porque estava louco e queria causar-lhes problemas. Só que, agora, quem está com problemas sou eu".

Deu uma risada que foi interrompida pela tosse; mas o som pareceu-me belo, porque era uma risada autêntica e real, um riso do coração, sem sinal de amargura. "E como nós temos lido, não é, doutor? O que se planta é o que se colhe. Se eu tivesse sabido disso a tempo... perder o prémio era o menos!"

"Sabe o que é que eu faco, agora que não durmo tão bem de noite?" prosseguiu. "Rezo por aqueles sujeitos que lá trabalham

peço que a empresa tenha real- mente um bom ano, mais negócios e lucros e que eles os saibam empregar bem."

É evidente que nenhum homem pode especular sobre a experiência de outro homem para além da sepultura, mas quando aquele vizinho me telefonou a informar da morte de Fred Owen no dia 24 de maio, não me custou imaginar como teria sido para ele aquele momento de assombrosa transição. A Luz a aumentar. A alegria a encher o coração de um homem que se desincumbira do seu "trabalho de casa".

Deus está ocupado na edificação de uma raça de homens que saibam amar. Acredito que o destino da própria Terra depende do progresso que efetuarmos, tanto quanto creio que, agora, o tempo é muito curto. Quanto ao que vamos encontrar no outro Mundo, também acredito que isso vai depender da amplitude do nosso triunfo nas empreitadas do amor, aqui e agora.